

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

## 4



## CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE OEIRAS

Por  
JOÃO LUÍS CARDOSO  
GUILHERME CARDOSO

1993  
OEIRAS

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 4 • 1993



**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
**Volume 4 • 1993**

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO — João Luís Cardoso  
AUTORES — João Luís Cardoso e Guilherme Cardoso  
PREFÁCIO — Isaltino Morais  
ORIENTAÇÃO GRÁFICA — João Luís Cardoso  
CAPA — João Luís Cardoso  
FOTOGRAFIA — Guilherme Cardoso, João Luís Cardoso,  
Maria da Conceição André, salvo os casos  
devidamente assinalados  
DESENHO — Bernardo L. Bruno Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO — Luís Macedo e Sousa  
CORRESPONDÊNCIA — Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho  
de Oeiras — Câmara Municipal de Oeiras  
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta  
On prie l'échange  
Exchange wanted  
Tauschverkehr erwünscht*

# **CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE OEIRAS**

**por**

**João Luís Cardoso**

Professor da Universidade Nova de Lisboa

Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C.M.O.)  
Membro do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (G.E.O.T.A.)

**Guilherme Cardoso**

Associação Cultural de Cascais

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
1993**

## ÍNDICE

	<b>Pág.</b>
Prefácio .....	11
Agradecimentos .....	13
1 — Introdução .....	15
2 — Condicionantes naturais à ocupação humana .....	19
3 — Os vestígios .....	23
3.1 — Paleolítico inferior arcaico .....	23
3.2 — Paleolítico inferior e médio .....	24
3.3 — Paleolítico superior .....	26
3.4 — Epipaleolítico — Neolítico antigo .....	26
3.5 — Neolítico final .....	26
3.6 — Calcolítico inicial e pleno .....	27
3.7 — Calcolítico final .....	30
3.8 — Idade do Bronze .....	32
3.9 — Idade de Ferro .....	33
3.10 — Período Romano .....	34
3.11 — Alta e baixa Idade Média .....	35
4 — Inventário de estações, sítios e achados de interesse arqueológico ...	39
1 — Casal de Vaz Meirinho .....	39
2 — Queluz de Baixo .....	40
3 — Cotão Velho .....	40
4 — Casal de Cabanas .....	40
5 — Tercena .....	40
6 — Fontainhas .....	42
7 — Caruncho .....	42
8 — Casal de St. <sup>a</sup> Leopoldina .....	42
9 — Alto das Cabeças 1 .....	42
10 — Casal de São Miguel .....	44
11 — Casal dos Moinhos .....	44
12 — Talaíde .....	44
13 — Alto das Cabeças 2 .....	44

## ÍNDICE (continuação)

	<b>Pág.</b>
14 — Alto das Cabeça 3 .....	46
15 — Alto das Cabeças 4 (ou Monte do Sirgado) .....	46
16 — São Miguel 2 .....	46
17 — Quinta do Bré .....	48
18 — Moinho da Revinheira .....	48
19 — Alto do Cartaxo .....	48
20 — Casal do Sabino .....	48
21 — Alto de Leião .....	50
22 — Galegas .....	50
23 — Valejas .....	50
24 — Casal do Serigato 1 .....	50
25 — Casal do Serigato 2 .....	53
26 — Casal do Serigato 3 .....	53
27 — Capela de Leião .....	53
28 — Leião .....	53
29 — Estrada de Leião-Leceia .....	56
30 — Quinta da Fonte .....	56
31 — Alto de Leceia .....	56
32 — Leceia .....	60
33 — Encosta de Leceia .....	67
34 — Serviços Rádio-Eléctricos 1 .....	67
35 — Serviços Rádio-Eléctricos 2 .....	67
36 — Monte da Cruz .....	67
37 — Cabeço de Paimão .....	69
38 — Leceia-Sul .....	69
39 — Barotas-Leceia .....	69
40 — Castelo 1.º — 1 .....	70
41 — Castelo 1.º — 2 .....	70
42 — Moinhos dos Quartos .....	70
43 — Quinta da Moura .....	70
44 — Lixeira de Porto Salvo .....	74
45 — Sol Averso — Porto Salvo .....	74

## ÍNDICE (continuação)

	<b>Pág.</b>
46 — Penas Alvas .....	74
47 — Quinta da Boiça .....	75
48 — Vila Fria .....	75
49 — Ponte da Lage .....	75
50 — Lage Poente .....	75
51 — Gruta da Ponte da Lage .....	76
52 — Quinta da Fonte .....	76
53 — Fonte do Arneiro .....	76
54 — Cacilhas .....	78
55 — Alto da Peça 1 .....	78
56 — Alto da Peça 2 .....	78
57 — Abegoaria .....	78
58 — Cemitério de Oeiras .....	80
59 — Junção do Bem .....	80
60 — Alto do Puxa Feixe .....	80
61 — Quinta da Figueirinha .....	82
62 — Rua das Alcáçimas ou Alcássimas .....	82
63 — Rua João Teixeira Simões .....	82
64 — Antas-Oeste .....	84
65 — Moinho das Antas — Espargal .....	84
66 — Antas-Sul .....	84
67 — Fontainhas e Fontainhas-Oeste .....	86
68 — Santo Amaro de Oeiras .....	86
69 — Forte das Maias .....	86
70 — Bateria de São Gonçalo — Medrosa .....	86
71 — Alto da Barra — Reduto Renato Gomes Freire de Andrade ..	87
72 — São Julião .....	87
73 — Forte de Catalazete .....	87
74 — Quinta do Jardim — Murganhal .....	88
75 — Laveiras 1 .....	88
76 — Laveiras 2 .....	88
77 — Caxias — Forte de São Bruno .....	90
78 — Forte da Giribita .....	90

## ÍNDICE (continuação)

	<b>Pág.</b>
79 — Rua Joaquim Moreira Rato .....	90
80 — Quartel de Paço de Arcos .....	90
81 — Sopé da Serra de Carnaxide .....	92
82 — Moinhos de Nossa Senhora de Carnaxide .....	92
83 — Serra de Carnaxide 1 .....	92
84 — Serra de Carnaxide 2 .....	94
85 — Sul da Rádio Marconi .....	94
86 — Casal do Canas .....	94
87 — Ao Pé da Estrada .....	95
88 — Quinta de Alfragide de Baixo — Outurela 2 .....	95
89 — Quinta de Salregos .....	95
90 — Mama Sul .....	96
91 — Outurela 1 .....	96
92 — Paimão-Sul .....	97
93 — Casal do Lameiro-Norte .....	99
94 — Carnaxide 1 .....	99
95 — Monte da Barrunchada .....	102
96 — Carnaxide 2 .....	102
97 — Casal do Lameiro .....	102
98 — Gruta de Carnaxide .....	103
99 — Carnaxide 3 .....	103
100 — Queijas 1 .....	103
101 — Queijas 2 .....	104
102 — Linda-a-Pastora .....	104
103 — Alto dos Barronhos .....	104
104 — Encosta Sul de Outurela .....	106
105 — Linda-a-Velha .....	106
106 — Casal de Barronhos .....	106
107 — Cruz Quebrada .....	108
108 — Alto de Santa Catarina .....	108
109 — Praia do Dafundo .....	108
Bibliografia .....	109

## PREFÁCIO

A importância que a Câmara Municipal de Oeiras atribui ao estudo, valorização e divulgação do Património Arqueológico da área concelhia teve pública expressão na criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, sustentado pela vontade, trabalho e impulso decisivos do Prof. Doutor João Luís Cardoso.

Uma das expressões da notável actividade científica ali desenvolvida consubstancia-se na série monográfica “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, a qual acolhe, agora, nas suas páginas, mais uma monografia fundamental para o conhecimento do passado longínquo da região. Trata-se da Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, fruto de mais de vinte pacientes anos de pesquisa no terreno daquele arqueólogo e de Guilherme Cardoso, que se tem evidenciado na arqueologia do vizinho Concelho de Cascais.

Ciente das suas responsabilidades, a Câmara Municipal de Oeiras não podia deixar de contribuir para a divulgação desta obra.

Com efeito, os Municípios devem assumir-se, cada vez mais, como os primeiros interessados na defesa e valorização dos seus bens patrimoniais, neste caso arqueológicos, testemunhos quantas vezes invisíveis a observadores menos prevenidos, mas por isso mesmo requerendo estudos científicos e atenção especial.

Nesta linha de preocupações se insere a publicação do presente trabalho, na certeza de que qualquer esforço consequente neste domínio deverá partir da inventariação dos testemunhos ainda conservados no solo.

Destá forma, a Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, incluindo cerca de cento e dez sítios arqueológicos, a maioria dos quais inéditos, contendo ainda importante documentação iconográfica, apresentada também pela primeira vez, é uma

obra importante a vários títulos. Permitirá perspectivar um trabalho de investigação coordenado a médio e longo prazo, bem como o estabelecimento de prioridades na actuação, fornecendo “a priori” indicações sobre sítios arqueológicos que venham a ser ameaçados pela construção de empreendimentos, públicos ou privados. Carreará, ainda, para os órgãos competentes do Governo Central, elementos que de outra forma dificilmente obteriam na prossecução dos seus objectivos a nível nacional.

A protecção do património arqueológico passa pela sua investigação consequente e credível, feita por técnicos devidamente credenciados. Este trabalho, ao potenciar tal estratégia, amplamente afirmada na prática pela actuação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras e, em particular, pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso, é um bom exemplo de como trabalhos inovadores como este podem prestar contributo para que o desenvolvimento do Concelho de Oeiras seja mais harmonioso e integrado.

Por tudo que aqui fica dito é de reconhecer aos autores o seu esforço e empenho e é com satisfação pessoal e do executivo municipal a que presido que promovo a publicação desta obra.

O Presidente,



Isaltino de Moraes

## AGRADECIMENTOS

Cumpre-nos agradecer a todo o executivo camarário, os apoios que tornaram esta obra possível, em especial ao Ilustre Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais que, com interesse empenhado, tem acompanhado pessoalmente o trabalho de um de nós (J.L.C.), transmitindo muito do entusiasmo que dispensa a tudo o que acredita.

Agradecemos, igualmente, ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, a permissão para a consulta dos ficheiros do Museu relativos à existência de materiais arqueológicos provenientes da área do Concelho de Oeiras, e para fotografar a lápide de *Flavius Quadratus*, ali depositada.

O Sr. J. J. Fernandes Gomes cedeu gentilmente documentação iconográfica dos seus trabalhos, no povoado de Carnaxide; o Dr. José Norton belos materiais líticos provenientes da Serra de Carnaxide (estação número 82) e o Dr. Manuel Leitão outros, das Fontainhas — Paço de Arcos (estação número 66). São, por isso, devedores do nosso agradecimento.

Já com este trabalho em provas, os Doutores O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski facilitaram-nos, amavelmente, um esboço de levantamento arqueológico do Concelho de Oeiras, inédito. Tal documento continha dois arqueossítios que não identificámos (números 17 e 94), entre outros, cuja atribuição cronológica não confirmámos.

Por último, agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Conceição André, deste Centro de Estudos Arqueológicos, o apoio à passagem a limpo de parte do manuscrito e a determinação das coordenadas geográficas da maioria das estações inventariadas, o que fez com qualidade e eficiência.

## 1 — INTRODUÇÃO

As excelentes condições naturais oferecidas pela região ribeirinha do estuário do Tejo, onde a área correspondente ao actual concelho de Oeiras, naturalmente, se inclui, constituíram desde muito cedo factores propícios à ocupação humana.

Fig. 1

Clima ameno, mais frio e seco nos períodos correspondentes ao desenvolvimento dos glaciares nas regiões setentrionais de Portugal; solos férteis, sobretudo na margem norte do estuário, derivados em grande parte de rochas basálticas que afloram de Loures a Oeiras; rede hidrográfica favorável à circulação de produtos e de pessoas, até época recente, facilitando as ligações de e com o estuário do Tejo; e, por último, a proximidade do Oceano, foram razões determinantes para que, na área de Oeiras, se fixassem desde os mais recuados tempos populações humanas, primeiro exclusivamente recolectoras, depois produtoras e, por último, francamente abertas a trocas de produtos, a nível regional e, mesmo, transregional.

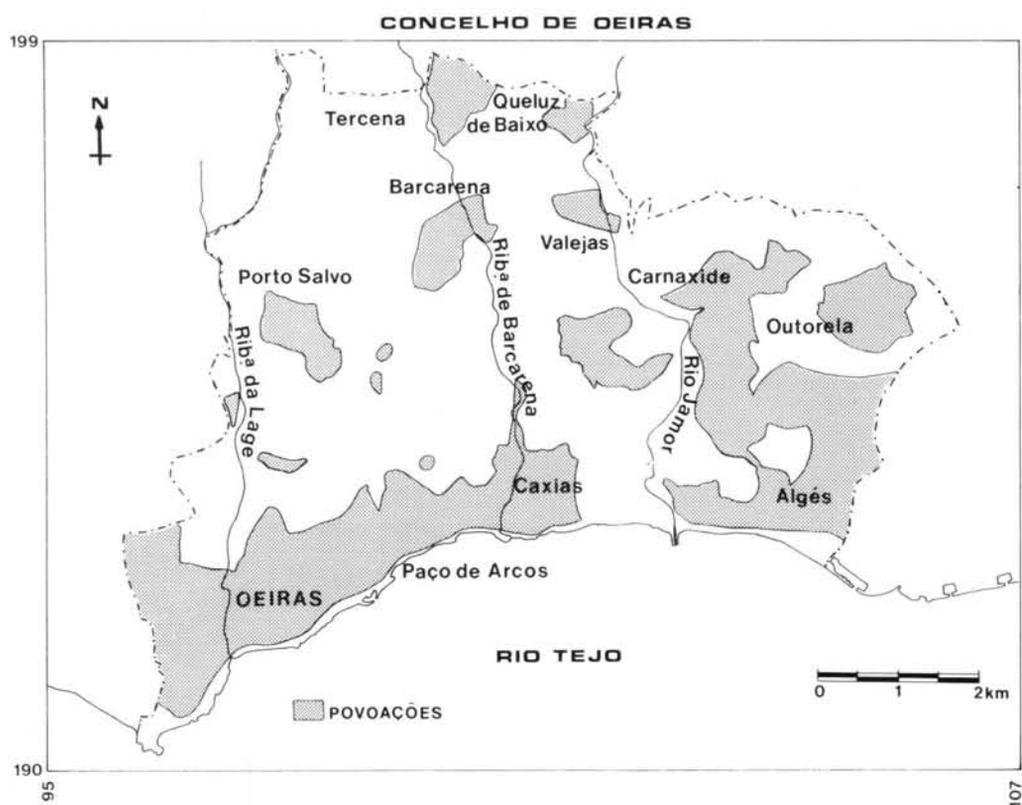
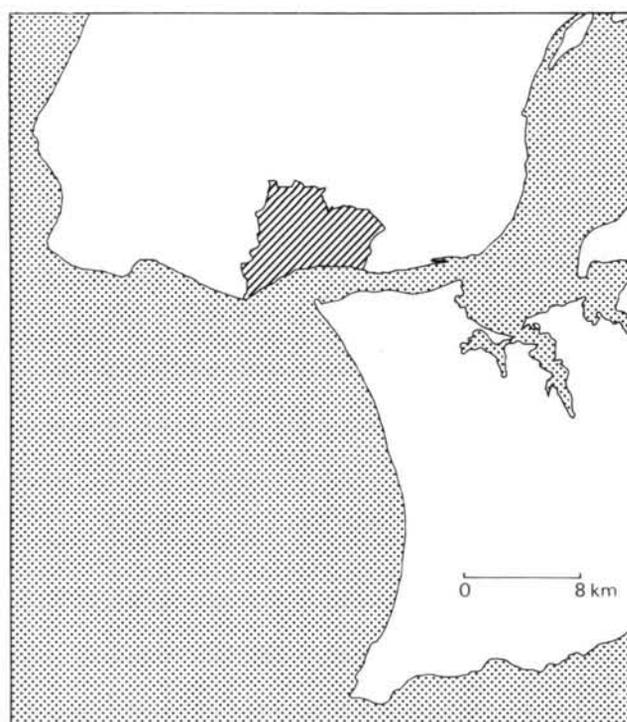
A caracterização da evolução da ocupação humana do território de Oeiras, mercê dos limites puramente artificiais que o definem não dispensará, pois, referências à região envolvente sempre que se torne necessário completar os actuais conhecimentos no concernente à área concelhia.

O texto presente, é um ensaio, datado no tempo, constituindo a síntese dos conhecimentos sobre a evolução da ocupação humana do concelho, com base no inventário dos vestígios materiais deixados no terreno pelas gerações que nos precederam nesta região; a sua qualidade depende, antes de mais, da qualidade dos elementos que foi possível reunir: os testemunhos arqueológicos. A este propósito, deve ser salientado que nenhum levantamento arqueológico poderá ser considerado exaustivo; no caso presente, porém, além de uma pesquisa bibliográfica que considerámos

completa, o trabalho que apresentamos é fruto de prolongadas prospecções de campo, realizadas pelos signatários nos últimos vinte anos. Com a criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Serviço da Câmara Municipal de Oeiras, em 1988, reuniram-se as condições para se prosseguir tal trabalho de forma mais metódica e conseqüente; o resultado agora apresentado é, pois, o culminar de um esforço persistente, primeiro solitário, depois solidariamente apoiado pela autarquia.

O critério seguido foi o de referenciar todos os vestígios arqueológicos de que tivemos conhecimento, directo ou indirecto, até ao século XVIII, excluindo o Património Construído, e as pesquisas documentais com ele relacionadas.

Procurou-se, dentro do possível, seguir modelos de fichas descritivas anteriormente utilizadas noutros trabalhos (GOMES & SILVA, 1987; CARDOSO, 1991 a; MARQUES (coordenação), 1992). Tal preocupação com a uniformidade na apresentação dos resultados, de evidente interesse numa perspectiva nacional, foi estendida, com adaptações que considerámos pertinentes, à própria simbologia gráfica adoptada.



**Fig. 1** — Em cima: O Concelho de Oeiras no contexto geográfico regional. Em baixo: O concelho de Oeiras e sua área urbanizada.



## 2 — CONDICIONANTES NATURAIS À OCUPAÇÃO HUMANA

No Concelho de Oeiras ocorrem afloramentos geológicos e solos, deles derivados, de diversas idades, características e natureza (ALMEIDA (coordenação), 1981). A maior parte da sua área corresponde a terrenos pertencentes ao Complexo Basáltico de Lisboa; trata-se de uma sucessão de escoadas lávicas, essencialmente constituídas por rochas basálticas, alternantes com níveis de tufos e de piroclastos intercalados, que documentam uma importante actividade vulcânica na região, entre o final do Cretácico e o Eocénico inferior. Com efeito, as idades conhecidas, determinadas por métodos experimentais, variam entre  $55 \pm 18$  Ma (Ma = milhões de anos) e  $72 \pm 2$  Ma (ALVES *et al.*, 1980). As rochas basálticas e os solos delas derivados, predominam largamente na parte oriental e central do Concelho; o relevo correspondente é caracterizado por zonas aplanadas, ou pouco onduladas, pontuadas por colinas arredondadas, pouco proeminentes na paisagem, em geral correspondentes às raízes de pequenos aparelhos vulcânicos. Neste contexto de relevos pouco marcados, sobressai a Serra de Carnaxide, com as maiores altitudes do Concelho (as quais, porém, não ultrapassam os 200 m) cujo fecho o separa do da Amadora. Os solos basálticos, escuros e muito férteis, foram, até época recente, intensamente agricultados, especialmente por culturas cerealíferas, que constituíram um dos aspectos mais marcantes da economia da região. Tais terrenos, por se encontrarem normalmente desprovidos de vegetação arbórea, conferem à paisagem um aspecto monótono, árido e triste. Porém, pela sua fertilidade, constituíram desde muito cedo, importante factor de fixação de populações.

O Complexo Basáltico de Lisboa encontra-se sobreposto, ao longo da faixa acompanhando o seu bordo meridional, perto da linha de costa, por retalhos de depósitos

terciários, de origem continental, os mais antigos (Formação de Benfica, de idade paleogénica), flúvio-marinhos ou marinhos, os mais recentes, de idade miocénica. São terrenos essencialmente detriticos, ou argilo-carbonatados, constituindo relevos de colinas fracamente pronunciadas na paisagem, tal como as do Complexo Basáltico. O seu reduzido interesse agrícola, bem como a escassez de água que os caracteriza, justifica a fraca densidade vestígios arqueológicos.

Por seu turno, as escoadas lávicas dispersaram-se, a partir de numerosos aparelhos vulcânicos cujos vestígios ainda hoje são visíveis nalguns locais, sobre uma paleotopografia constituída por rochas do Cretácico médio (Cenomaniano superior); estão presentes assentadas de calcários duros, de fácies recifal, marginando os extensos afloramentos basálticos. Assumem, desta forma, a geometria de orla mais ou menos contínua, com expressão relevante de Barcarena, para sul, e na Lage. Correspondem, em geral, a relevos mais vigorosos do que os descritos anteriormente, constituindo frequentemente pequenos escarpados, onde, graças à difícil acessibilidade, a vegetação natural, embora muito degradada, se manteve. Tais bancadas calcárias — que, pela sua boa qualidade, foram e são intensamente exploradas, através de numerosas pedreiras — assentam sobre margas e calcários margosos, do Cenomaniano inferior e médio, que ocupam pequena área do Concelho, entre Porto Salvo e Talaíde, aproveitadas, essencialmente, por culturas cerealíferas de sequeiro. Constituem superfícies aplanadas, ou pouco ondeadas, sendo os terrenos mais antigos da área do Concelho de Oeiras.

Os mais modernos afloramentos geológicos estão representados por depósitos quaternários. Trata-se de retalhos de praias escalonadas a altitudes decrescentes para o litoral e de aluviões modernas que se desenvolvem ao longo dos principais cursos de água, adiante descritos mais pormenorizadamente; colmatam os fundos dos respectivos vales, assumindo por vezes relevância, como nos cursos terminais do rio Jabor ou da ribeira da Lage; a fertilidade de tais depósitos justificou o seu aproveitamento intensivo para agricultura de regadio: hortas e pomares desenvolvem-se aí, de maneira quase contínua, conferindo à paisagem aspecto alegre, colorido e variado, contrastando com a monotonia “cerealífera” dos terrenos basálticos.

A rede hidrográfica é caracterizada por orientação geral Norte-Sul, bem evidenciada através dos principais cursos de água que atravessam o Concelho:

— A ribeira de Algés, que serve, em parte, de divisória com o Concelho de Lisboa, tem a quase totalidade do seu percurso escavado no Complexo Basáltico de Lisboa. O fundo do vale e o talvegue encontram-se colmatados por aluviões modernas.

— O rio Jamor, cujo leito, no limite norte do Concelho de Oeiras, possui uma altitude de cerca de 60 m perde, no seu percurso de cerca de 5 km na área concelhia, mais de 10 m de cota por km; o seu vale, tal como o da linha de água anterior, é escavado, quase exclusivamente, no Complexo Basáltico de Lisboa; no fundo e no leito do rio depositaram-se aluviões modernas, com grande desenvolvimento no curso terminal. Junto de Carnaxide, os terrenos do Complexo Basáltico foram completamente atravessados e puseram a descoberto os calcários do Cretácico subjacentes, ali localmente sobreelevados por acções tectónicas.

— A ribeira de Barcarena, mais a Oeste, possui, no Concelho de Oeiras, um trajecto de 18,5 km ao longo do qual perde 80 m de cota (4,32 m por km). Tal como a anterior, escavou o leito nos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa; porém, mercê de acções tectónicas, localmente mais intensas, os terrenos cretácicos subjacentes foram soerguidos e postos a descoberto numa extensão muito maior; na verdade, os calcários duros, de fácies recifal, do Cenomaniano superior constituem, a partir de Barcarena, uma cornija descontínua, ocupando a parte superior de ambas as encostas do vale, até jusante de Murganhal. Sob esta assentada de calcários duros, desenvolve-se uma espessa série constituída, essencialmente, por margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio, observável não apenas ao longo deste vale, como no da ribeira da Lage, que lhe fica a Oeste.

— A ribeira da Lage que, até à povoação da Lage, tem o nome de ribeira das Parreiras, atravessa, no Concelho de Oeiras, de todas as até agora vistas, os terrenos de idade e constituição geológica mais variada; possuindo, à entrada do Concelho de Oeiras cerca de 50 m de cota, em cerca de 6 km de percurso a queda, de 8,33 m por km, é muito superior à observada na ribeira de Barcarena, mas inferior à do rio Jamor.

A montante, corre nos terrenos argilo-margosos do Cenomaniano inferior e médio, para logo atravessar uma estreita banda de calcários duros do Cenomaniano superior seguida de uma outra, de rochas basálticas; à entrada da Quinta do Marquês, o vale alarga-se, encontrando-se o seu fundo colmatado por aluviões modernas; a partir daquele local, as encostas são constituídas por depósitos miocénicos, essencialmente carbonatados, de origem flúvio-marinha, sendo interrompidos de ambos os lados do vale, por acções tectónicas, junto a Oeiras; tais acções foram responsáveis pelo reaparecimento dos calcários duros do Cenomaniano superior, sobre os quais está assente o núcleo antigo da povoação. Para jusante, e até ao litoral actual,

o vale da ribeira da Lage foi escavado nas margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio.

Os variados aspectos geológicos observáveis na área do actual Concelho de Oeiras, explicam os diferentes tipos de relevo e os recursos naturais disponíveis. Tais factores condicionaram, ao longo do tempo, as diversas estratégias de ocupação do território; as preferências pela ocupação desta ou daquela área, por determinada comunidade, foram invariavelmente determinadas por aspectos económicos e sociais, que importa reconstituir e caracterizar, a partir das evidências arqueológicas recolhidas no campo. Neste sentido, o trabalho agora apresentado não é um mero inventário de estações arqueológicas, constituindo, outrossim, o ponto de partida para um ensaio de reconstituição da ocupação humana observada no Concelho de Oeiras, numa perspectiva diacrónica, com base não apenas nas prospecções e pesquisas bibliográficas efectuadas, mas também nos resultados obtidos noutras áreas, mais ou menos próximas, susceptíveis de poderem confirmar e completar os relativos a esta.

### 3 — OS VESTÍGIOS

#### 3.1 — Paleolítico inferior arcaico

Alguns vestígios paleolíticos do Concelho de Oeiras contam-se entre os mais antigos dos até ao presente encontrados no continente europeu. O local mais importante, não apenas pela quantidade, mas também pela representatividade dos artefactos recolhidos, é o Alto de Leião, tendo sido objecto de anterior publicação (CARDOSO & PENALVA, 1979). No decurso dos trabalhos de campo integrados neste trabalho, outros locais forneceram peças arqueológicas análogas. Trata-se de seixos simplesmente afeiçãoados, através de escasso número de levantamentos, em regra unifaciais, na extremidade ou ao longo dos bordos laterais, conduzindo à preparação de gumes convexos; o facto das superfícies de lascagem estarem roladas, indica que tais peças sofreram a acção da ondulação marítima litoral, quando o mar se encontrava à altitude em que foram encontradas. Com efeito, é de afastar a hipótese de tal rolamento ser devido a outra acção natural, diferente da referida. A localização de tais materiais, em plataformas somitais, sem outros locais mais elevados de onde pudessem ter derivado por gravidade, bem como a ausência de cursos de água susceptíveis de justificar o seu transporte, afasta a possibilidade do rolamento que apresentam poder ser explicado dessa forma. Por outro lado, nalguns seixos, as zonas por lascas têm coloração idêntica à das zonas lascadas, indicando a antiguidade do talhe. As plataformas em que tais materiais se encontram, entre 140 e 150 m, correspondem a restos de praias marinhas, muito erodidas e retalhadas, desenvolvendo-se a altitudes decrescentes até ao litoral actual. Os testemunhos dos depósitos correlativos, hoje quase totalmente desaparecidos, resumem-se a seixos, muito dispersos sobre o substrato basáltico, de quartzo e de quartzito, de pequenas e médias dimensões, geralmente achatados, correspondendo a um rolamento mari-

nho de baixa energia, provavelmente em amplas praias arenosas que marginavam, a Norte, o antigo estuário. Ao longo desse extenso litoral, dispersar-se-iam grupos humanos (melhor, de hominídeos), aproveitando as disponibilidades alimentares ali existentes. Por critérios geológicos, podemos, pois, situar tais ocupações pré-históricas no decurso do Calabriano superior, ou seja, pouco mais antigas que 1 Ma.

### 3.2 — Paleolítico inferior e médio

Boa parte da área do Concelho de Oeiras encontra-se ocupada, como atrás se disse, por terrenos basálticos. Mercê das suas condições geológicas, tais terrenos são favoráveis à retenção de água, em toalhas pouco profundas, o que origina numerosas nascentes. A abundância de água, conjugada pelo relevo pouco acidentado, em parte resultante da disposição tabular das próprias escoadas lávicas, justificaria a abundância de caça. Poderemos, pois, antever neste ambiente natural, em parte semelhante ao da actual savana africana, condições propícias à circulação e vida de grupos de caçadores-recolectores, que durante centenas de milhares de anos por aqui deambularam. Por oposição, as regiões envolventes, ocupadas, a poente e Norte, por afloramentos do Cretácico e, a nascente por terrenos terciários detriticos, ofereceriam condições menos propícias à presença do homem. Com efeito, os primeiros são constituídos por calcários duros, formando relevos mais acidentados, com escassez de água no subsolo, sendo caracterizados pelo desenvolvimento de uma vegetação arbustiva, dura e espinhosa; nestas condições, a caça escasseava. Quanto aos terrenos terciários, embora de relevos mais suaves, possuem características hidrogeológicas igualmente desfavoráveis.

Em consequência das condicionantes apontadas, compreende-se que os terrenos basálticos tenham sido, naturalmente, eleitos para a ocupação humana. Tal facto encontra-se bem demonstrado pela abundância de estações do Paleolítico inferior e médio, contrastando com a quase inexistência de ocorrências nas áreas circundantes, como evidencia a cartografia respectiva (PAÇO, 1940). Trata-se, desta forma, de um exemplo paradigmático de como as características geológicas podem condicionar ou determinar a presença humana pré-histórica de uma dada região, em função dos recursos naturais disponíveis.

Também no Concelho de Oeiras foram inventariadas e estudadas nesta unidade geológica numerosas estações paleolíticas, sempre de superfície, como é norma em todos os casos conhecidos (CARDOSO *et al.*, 1992). A elevada pressão urbanística, existente em toda a região periférica de Lisboa, explica a destruição da larga maioria destas jazidas; neste facto reside um dos interesses, não o menor, do seu estudo sistemático e exaustivo, objectivo que o referido trabalho, editado pela Câmara Municipal de Oeiras, procurou atingir.

Atendendo à proximidade dos afloramentos de calcários cretácicos, ricos de nódulos de sílex, a maioria das peças da região de Oeiras é desta rocha, o que já não acontece tão nitidamente nas estações mais orientais, no concelho de Loures, onde os calcários cretácicos quase não afloram, sendo substituídos por depósitos detríticos terciários; por isso, compreende-se que boa parte dos materiais desta última região sejam talhados sobre seixos, sobretudo de quartzo, em detrimento do sílex. Trata-se, uma vez mais, de bom exemplo da importância das condicionantes geológicas nas características intrínsecas da utensilagem lítica.

As estações paleolíticas mais importantes do Complexo Basáltico de Lisboa da região de Oeiras — Linda-a-Pastora, Leião Norte e Fontainhas — tal como acontece na generalidade das suas homólogas desta extensa mancha paleolítica, tiveram uma longevidade acusada. Com efeito, os materiais mais antigos remontam ao Acheulense antigo, estando representados o Acheulense médio e superior, o Mustierense, o Paleolítico superior e o pós-paleolítico. No entanto, o auge da ocupação paleolítica nesta região deverá ter-se verificado, a julgar pela abundância dos materiais, no Acheulense superior e no Mustierense. Nessa altura, que poderemos situar entre a 2.<sup>a</sup> parte da glaciação de Riss, o interglaciário de Riss-Würm e parte do Würm (entre cerca de 200 000 e 30 000 anos antes do presente) os terrenos basálticos teriam funcionado como domínio de caça privilegiado, favorecida pelo clima pouco rigoroso, amenizado pela baixa latitude e proximidade oceânica. Foram, com efeito, factores climáticos, que determinaram a preferência por acampamentos ao ar livre — de que são testemunho as numerosas estações de superfície desta região — em detrimento da ocupação de grutas. Apenas na gruta da Ponte da Lage, foram encontrados escassos artefactos de sílex, susceptíveis de poderem ser classificados como mustierenses (CARDOSO, 1993 c).

Se os terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa revelam uma intensa e contínua presença humana no decurso do Paleolítico inferior e médio, o mesmo deverá ter-se verificado ao longo do litoral, onde os recursos alimentares eram, igualmente, abundantes. Tal facto demonstra-se pela presença de materiais em relação com retalhos de praias quaternárias, a altitudes inferiores às anteriormente referidas. É o caso dos depósitos de São Julião da Barra (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945) em relação com uma praia do Tirreniano I, hoje desaparecidos, onde se recolheram escassos artefactos líticos, conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal; e dos depósitos da mesma época, na proximidade dos anteriores, junto da Medrosa — Alto da Barra, igualmente destruídos no decurso da construção da urbanização ali existente, e onde um de nós (J.L.C.) recolheu diversos artefactos “in situ”, em 1972, tal como M. Leitão e C.T. North (CARDOSO *et al.*, 1993a).

### 3.3 — Paleolítico superior

FERREIRA & LEITÃO (1981) referem em Fontainhas — Paços de Arcos, um pequeno conjunto, recolhido no bordo dos afloramentos do Complexo Basáltico de Lisboa, sobre a margem norte do estuário do Tejo, por eles atribuído ao Aurinhacense, com lâminas e raspadeiras carenadas.

A presença de materiais do Paleolítico superior foi ainda documentada na gruta da Ponte da Lage. Trata-se igualmente de um escasso conjunto de artefactos de sílex, exumados na década de 1860 por Carlos Ribeiro e estudados por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942). Em uma recente revisão destes materiais foi defendida idade solutrense (ZILHÃO, 1987). Com efeito, a peça mais características, é um fragmento de “folha de loureiro”. Algumas peças das séries mais recentes das estações paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa são, também, integráveis em um Paleolítico superior e pós-paleolítico indiferenciados, à falta de peças características (CARDOSO *et al.*, 1992).

Mesmo na época de maior rigor climático, correspondente à fase mais recente da última glaciação (20 000-18 000 anos antes do presente), a preferência por locais de ar livre documenta a manutenção de condições globalmente temperadas; o frio, exceptuando curtos períodos, bem localizados (CARDOSO, 1993 a), jamais justificou preferência pela ocupação de grutas, muito menos estadias prolongadas, ao contrário do verificado noutras regiões peninsulares mais setentrionais.

### 3.4 — Epipaleolítico — Neolítico antigo

Os materiais líticos mais modernos recolhidos nas estações concelhias do Complexo Basáltico de Lisboa, pertencem já a tempos pós-paleolíticos, embora seja difícil estabelecer uma época precisa, à falta de materiais de bom recorte tipológico (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1987; CARDOSO *et al.*, 1992). A estação de Barotas, nas imediações do povoado pré-histórico de Leceia, terá funcionado como oficina de talhe de instrumentos, aproveitando a abundância de nódulos de sílex existentes nos calcários do local, no Epipaleolítico e/ou Neolítico (CARDOSO & COSTA, 1992). A peça mais característica das recolhidas é uma armadura de flecha transversal, indicando época anterior ao final do Neolítico.

### 3.5. — Neolítico final

A última fase cultural do Neolítico estremenho está representada, no Concelho de Oeiras, em dois dos mais importantes povoados pré-históricos da região do Baixo

Tejo: o de Leceia e o de Carnaxide, ambos com intervenções de campo de um dos signatários (J.L.C.). A situação geográfica é idêntica: foram escolhidas plataformas, limitadas parcialmente por escarpas, constituídas por calcários duros do Cretácico, dominando cursos de água importantes, respectivamente a ribeira de Barcarena e o rio Jamor, com boas condições naturais de defesa. Trata-se, portanto, de ocupações que, no decurso da 2.<sup>a</sup> metade do IV milénio a. C. (datações <sup>14</sup>C calibradas), privilegiaram locais cuja situação estratégica é evidente, embora não se tenham, até ao presente, identificado estruturas defensivas nesta fase. Ao nível do espólio, avultam as taças carenadas e os vasos de bordos denteados (CARDOSO, 1989), com paralelos em numerosos povoados da mesma época da Baixa Estremadura.

### 3.6 — Calcolítico inicial e pleno

O povoado calcolítico mais expressivo de toda uma vasta área, que ultrapassa largamente os limites do Concelho de Oeiras, é o de Leceia, fundado, como se disse, no Neolítico final. A acumulação de excedentes agrícolas, proporcionada pela melhoria das tecnologias de produção (designadamente o aproveitamento da força animal), terá contribuído, logo a partir do Neolítico final, para a diferenciação de grupos humanos, que estariam na base da instabilidade social, tão bem documentada na Estremadura e em Leceia, em particular, no decurso de toda a 1.<sup>a</sup> e boa parte da 2.<sup>a</sup> metade do III milénio a.C.. Com efeito, logo no início do Calcolítico inicial, situável próximo do começo do milénio, aproveitando a topografia favorável, constrói-se uma poderosa fortificação, organizada em três linhas defensivas, constituídas por muralhas de planta curvilínea, sub-paralelas, reforçadas exteriormente por bastiões ocios semi-circulares. Diversos tipos de aparelhos integrados na fase construtiva mais antiga, parecem sugerir que esta se terá efectuado em dilatado intervalo de tempo; porém, ter-se-á respeitado um plano previamente estabelecido, como indica a coerência interna de todo o dispositivo.

As duas fases construtivas seguintes, ainda do Calcolítico inicial, limitam-se a “retoques” de tal dispositivo, sem lhe terem introduzido alterações significativas. Alguns bastiões são reforçados, o mesmo acontecendo a diversos panos de muralha, com a finalidade de possibilitarem o seu alteamento. Do mesmo modo, algumas entradas são prolongadas, enquanto que outras sofrem redução em largura, com o objectivo de dificultar a progressão de eventual grupo invasor. Em qualquer local da área construída, as referidas alterações respeitam os mesmos princípios e faseamento, o que sugere planos gerais de reforço e de recuperação de estruturas e

não simples obras pontuais, feitas ao sabor das circunstâncias. As preocupações defensivas evidenciadas por estes sucessivos reforços denotam, outrossim, a manutenção, ou agravamento, da instabilidade social na região, ao longo de toda a 1.<sup>a</sup> metade do 3.<sup>o</sup> milénio a.C..

Não obstante as prementes necessidades defensivas sentidas no decurso de todo o Calcolítico inicial, é nítida a degradação da qualidade construtiva: as estruturas mais antigas, são mais imponentes e integram um aparelho de grandes blocos calcários, alguns atingindo mais de 2 t, bem argamassados por uma mistura argilosa igualmente obtida no local; pelo contrário, as estruturas das duas fases construtivas mais recentes do Calcolítico inicial são caracterizadas por menores dimensões, e aparelho medíocre, com blocos mais irregulares e deficientemente argamassados.

As três fases construtivas referidas integram-se numa única fase cultural — o Calcolítico inicial da Estremadura — caracterizado, sobretudo, pelo espólio cerâmico: trata-se da bem conhecida cerâmica “canelada”, em que decoração constituída por ténues caneluras foi aplicada a duas formas principais de recipientes: os “copos” e as taças, estas, provavelmente, sobreviventes àqueles. Ao nível do restante espólio, observa-se a qualidade do talhe do sílex de alguns artefactos — pontas de seta mitri-formes e lâminas ovóides de retoque cobridor, ambos os tipos desconhecidos no Neolítico final — sendo de salientar a ausência, ao menos em Leceia, de objectos metálicos.

A fase cultural seguinte representada em Leceia, tem início por volta de meados do III milénio a. C. e corresponde ao Calcolítico pleno da Estremadura. Trata-se de um momento de declínio ao nível da área construída do povoado. O espaço ocupado retrai-se, tal como em outros grandes povoados calcolíticos da Estremadura, como Vila Nova de São Pedro (Azambuja) ou Zambujal (Torres Vedras), ao mesmo tempo que é notória a decadência da qualidade construtiva. Algumas das estruturas defensivas encontram-se em ruínas ou, mesmo, destruídas até aos alicerces. No entanto, na pequena área então ocupada por cabanas precárias, aproveitando em grande parte elementos arquitectónicos de estruturas defensivas já desactivadas, recolheu-se um abundante espólio, a documentar a pujança económica dos seus habitantes. O cobre faz a sua aparição, passando a ser intensamente utilizado, sobretudo em pequenos artefactos, como punções, escopros e furadores, cujas funções os seus homólogos líticos cumpriam menos satisfatoriamente.

Ao nível do restante espólio é, ainda, a cerâmica o elemento mais característico, com as decorações em “folha de acácia” e em “crucífera”, aplicadas a recipientes de forma variada, onde predominam ao grandes esféricos, ditos “vasos de provi-sões”.

Podemos, pois, entrever nas comunidades que, no Calcolítico pleno, habitaram a região de Oeiras, um importante sobreproduto económico — que lhes permitiu a aquisição, por troca, de produtos valiosos, como o cobre — onde, no entanto a tensão social já não se fazia sentir, ao menos de forma tão avassaladora, como na fase cultural anterior. Estão documentadas em Leceia, no Calcolítico pleno, todas as actividades económicas que caracterizavam o Calcolítico inicial. A prática de agricultura é evidenciada pela presença de mós, elementos elípticos de foice, lageados circulares (eiras) e pesos de tear; uma horticultura incipiente, aproveitando as margens aluvionares da ribeira de Barcarena, eventualmente recorrendo a processos de rega primitivos, encontra-se sugerida pela presença de sachos de pedra polida. A criação de gado está comprovada, desde o Neolítico final, por restos de ovinos e caprinos, suínos e bovinos, cujo leite era aproveitado, secundariamente, para o fabrico de queijo, bem como as peles.

A alimentação era reforçada pela caça do veado, javali e coelho e, muito mais raramente, do auroque e do cavalo; a presença do urso é vestigial. A dieta incluía, ainda, moluscos recolhidos no litoral do estuário, a cerca de 4 km; as espécies presentes denunciam a exploração de biótopos variados desde os litorais arenosos, mais próximos da embocadura, com amêijoia (*Venerupis decussatus*) e pé-de-burro (*Venus verrucosa*), até fundos vasosos, existentes mais a montante, com ostra (*Ostrea edulis*), passando por trechos mais rochosos, com mexilhão (*Mytilus* sp.) e lapas (*Patella* sp.). Por fim, a pesca, no estuário, em embarcações primitivas, está comprovada pelos restos de peixes recolhidos e ainda por grande anzol de cobre, nas cinzas de uma lareira.

Trata-se, portanto, de uma comunidade explorando exaustivamente os recursos disponíveis de toda a região envolvente, de grande riqueza agrícola, cinegética e piscícola. Foi, por certo, tal a abundância, favorável à acumulação de excedentes, que permitiu às sucessivas gerações de habitantes do povoado de Leceia, assim como de outros pequenos povoados existentes nas redondezas, dele de algum modo dependentes, o estabelecimento de trocas conducentes ao aprovisionamento de matérias-primas “estratégicas”; para além do cobre, avultam as rochas de que são feitos a maioria dos artefactos de pedra polida dos povoados da região, provenientes do interior alentejano (anfíbolitos, xistos siliciosos e cloríticos, etc.) bem como matérias-primas utilizadas em artefactos de prestígio, como grandes contas de minerais verdes e alfinetes de marfim, materiais desconhecidos ou muito escassos na Península Ibérica.

Em resumo, o povoado pré-histórico de Leceia, pode ser considerado como o paradigma da evolução da sociedade calcolítica na Baixa Estremadura, desde o Neolí-

tico final ao fim do Calcolítico pleno em intervalo de tempo próximo dos mil anos (2.<sup>a</sup> metade do IV à 2.<sup>a</sup> metade do III milénio a. C.). Nele se encontra documentada, de facto, como em mais nenhum outro local da região, a fixação e ulterior desenvolvimento de uma comunidade cada vez mais complexa, proto-urbana, como demonstra o planeamento do espaço habitado, com áreas sociais, zonas de circulação e até estruturas para a acumulação dos detritos domésticos. Tal comunidade explorava metódica e exaustivamente os recursos disponíveis na região envolvente, estabelecendo relações e trocas comerciais a curta, média e longa distância, que extravasaram mesmo o quadro peninsular, possibilitadas pela acumulação de excedentes, mercê de riqueza natural e da melhoria das tecnologias de produção. Tais relações, para além de produtos exógenos, explicam a introdução de novas tecnologias de que a metalurgia do cobre, não praticada ou desconhecida até meados do III milénio, é um bom exemplo. Tiveram, ainda, expressão em aspectos arquitectónicos (dispositivos defensivos e necrópoles) e ao nível, mais abstracto, da superestrutura mágico-religiosa e, portanto, ideológica, desta sociedade — como se conclui pela tipologia e matéria-prima dos “ídolos” e “amuletos” encontrados — indicando a filiação destas populações em um mundo cultural de raiz mediterrânea, do qual faziam — até pela posição geográfica — parte integrante.

### 3.7 — Calcolítico final

No decurso do Calcolítico inicial e pleno, a ocupação humana do território da Baixa Estremadura, onde se insere a área do Concelho de Oeiras, é estruturada entre grandes povoados fortificados, como o de Leceia e outros, de menores dimensões, ainda muito insuficientemente conhecidos, não obstante o seu estudo, em termos científicos, não se revestir de menor importância. A repartição do território em áreas de influência, pelas populações sediadas nos aglomerados mais importantes, usufruindo o uso dos solos e a exploração dos recursos naturais neles disponíveis, documenta uma sociedade já complexa e organizada, talvez, segundo um modelo de chefaturas. Tais mudanças e transformações, que marcaram profundamente a evolução social da Estremadura no decurso do III milénio a. C., ver-se-ão plenamente afirmadas no milénio seguinte, correspondente à Idade do Bronze.

No contexto referido, a eclosão das cerâmicas campaniformes nesta região, tradicionalmente correspondentes ao Calcolítico final, deverá ser entendida como um epifenómeno. No Zambujal (Torres Vedras), as primeiras cerâmicas campaniformes surgem (datas de <sup>14</sup>C não calibradas), em 2045 ± 35 a.C. (SOARES & CABRAL, 1984). O povoado estava, então, em franca remodelação, vindo ainda a conhecer importantes construções defensivas (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981). Ao

contrário, em Leceia, os escassos fragmentos jaziam de mistura com derrubes da fase construtiva mais recente, do Calcolítico pleno, na parte superior da camada 2, indicando que todo o dispositivo defensivo se encontraria francamente arruinado quando os portadores de tais cerâmicas ocuparam o local. Tal evolução culmina o lento processo de declínio observado neste arqueossítio, desde o início do Calcolítico pleno.

Em Leceia, tal como noutros importantes povoados da Baixa Estremadura ocupados no decurso do Calcolítico pleno, é o “Grupo Internacional”, representado essencialmente pelo vaso campaniforme de tipo “marítimo” que predomina. A sua ocorrência, embora vestigial, em local onde, ao tempo, as fortificações já não se encontravam operacionais, parece confirmar uma nova estratégia de povoamento, documentada também no vizinho concelho de Cascais (CARDOSO, 1991 a). Tal estratégia, viu-se acentuada nos momentos campaniformes mais tardios, representados pelo “Grupo de Palmela” e pelo “Grupo Inciso”, ambos presentes em Leceia e noutras estações de carácter habitacional do Concelho de Oeiras. Nestes derradeiros momentos do Calcolítico, cronologicamente situáveis no final do III milénio a.C., assiste-se à ocupação de locais sem condições naturais de defesa, alguns abandonados desde o Neolítico final. No entanto, o enquadramento de tais transformações do povoamento, no âmbito das alterações económicas, sociais e culturais que as condicionaram não é ainda cabalmente conhecido.

\*  
\* \*

Se a evolução sócio-cultural se encontra satisfatoriamente caracterizada do Neolítico final ao fim do Calcolítico, pelos resultados obtidos em Leceia, o mesmo sucede com as correspondentes práticas funerárias, na área do Concelho de Oeiras, onde foram identificados diversos tipos de sepulturas colectivas, cujos espólios antropológicos foram objecto de síntese recente (CARDOSO *et al.*, 1991).

Grutas naturais — a gruta da Ponte da Lage, junto à povoação do mesmo nome e uma cavidade existente na base da escarpa do povoado pré-histórico de Leceia (RIBEIRO, 1878), constituem exemplos deste tipo de sepulcro, a par de outros, menos conhecidos, no vale do rio Jamor, em Carnaxide (VASCONCELOS, 1895). O aproveitamento de grutas naturais como necrópoles está em relação com a proximidade de povoados pré-históricos, facto evidente em Carnaxide e em Leceia. Quanto à gru-

ta da Ponte da Lage (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957 a; VAULTER *et al.*, 1959), é de aceitar que servisse de necrópole aos habitantes de pequenos núcleos humanos, sobretudo da margem direita da ribeira, já no concelho de Cascais. No caso de Leceia, trata-se de um depósito secundário (ossuário). Na Ponte da Lage, estão documentados enterramentos individuais, do Neolítico final ao “Campaniforme”. Uma datação pelo  $^{14}\text{C}$  obtida sobre amostra de ossos humanos indica, para o depósito de Leceia, uma idade compatível com a última fase da ocupação do povoado, do final do Calcolítico pleno:  $3920 \pm 70$  BP (BP = antes do Presente) (CARDOSO *et al.*, 1991).

Grutas artificiais (hipogeus) — uma única ocorrência conhecida no Concelho de Oeiras, perto do Monte do Castelo, cerca de 800 m a sul do povoado pré-histórico de Leceia, foi identificada quando se encontrava quase totalmente destruída pela lavra de uma pedreira (OLIVEIRA & BRANDÃO, 1969). A datação obtida pelo  $^{14}\text{C}$  sobre amostras de ossos humanos —  $4630 \pm 45$  BP (CARDOSO *et al.*, 1991) — é compatível com a ocupação mais antiga do povoado pré-histórico de Leceia, remontando ao Neolítico final, ao qual pertenceriam os escassos indivíduos aqui sepultados. Tal datação, confirma, outrossim, que a construção deste tipo de sepulcros, com afinidades evidentes com as culturas mediterrânicas, remonta, ainda, ao fim do Neolítico, na Estremadura.

### 3.7 — Idade do Bronze

Na região ribeirinha da margem norte do estuário do Tejo, avultam as condições particularmente favoráveis de solo, clima e relevo, que explicam a preferência, de novo dada — embora por razões diversas das que justificaram a sua ocupação no Paleolítico — ao território do Complexo Basáltico de Lisboa. É assim que se explicam as numerosas ocorrências de pequenas estruturas rurais (“casais agrícolas”), dispersos por esta unidade geológica.

No Concelho de Oeiras, alguns locais foram identificados no decurso de trabalhos de campo realizados para este trabalho; outros eram já conhecidos, embora insuficientemente referenciados (MARQUES & ANDRADE, 1974). Os materiais dispersam-se à superfície do terreno, em geral em encostas suaves e na proximidade de pequenos cursos de água. Aí seria possível uma vida sedentária, ao longo do ano, de comunidades de base familiar dedicadas ao cultivo intensivo e extensivo da terra — como indicam os numerosos elementos denticulados de foíce recolhidos — e à criação de gado bovino, suíno, ovino e caprino (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO *et al.*, 1986 a; CARDOSO & CARREIRA, 1993). O quotidiano decorreria,

pois, de forma pacífica, nestas pequenas unidades produtivas. Integrando sociedade já fortemente hierarquizada, tais populações dependeriam, eventualmente, de um centro político-militar, de expressão regional, ainda não cabalmente localizado, onde se instalaria a elite dirigente.

Culminando um crescente processo de estratificação e complexificação social iniciado no Calcolítico, o modelo de “chefaturas” parece adequar-se às evidências recolhidas possuindo, na mesma época, paralelos na região do Baixo Alentejo (PARREIRA, 1983).

As cerâmicas da Idade do Bronze encontradas na área do Concelho de Oeiras são tipologicamente idênticas às recolhidas na jazida da Tapada da Ajuda, situada no vizinho concelho de Lisboa, e até ao presente a melhor conhecida de toda esta região (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO *et al.*, 1986 a; CARDOSO, 1987; CARDOSO & CARREIRA, 1993). Tal como ali, não foram recolhidos quaisquer fragmentos com a conhecida decoração em “retícula brunida”, não obstante as numerosas colheitas efectuadas, sugerindo um momento cronológico cultural anterior à difusão de tal técnica (CARDOSO & CARREIRA, 1991, 1993; GOMES, 1992). A ser assim, teríamos, como na Andaluzia ocidental, uma fase inicial do Bronze Final, representada nas estações do Concelho de Oeiras e na Tapada da Ajuda, cronologicamente situável no decurso do século XIII a. C., como indicam as datações pelo <sup>14</sup>C calibradas obtidas em materiais desta última jazida (CARDOSO & CARREIRA, 1993). A esta fase inicial suceder-se-ia um segundo momento, caracterizado pela presença daquela técnica decorativa, prolongando-se, pelo menos, até à generalização das importações orientais, de origem fenícia, a partir de meados a final do século VIII a. C..

### 3.8 — Idade do Ferro

É sobre o “fundo cultural” do Bronze Final presente na região ribeirinha do estuário do Tejo, sucintamente caracterizado nas linhas anteriores, que se irão fazer sentir as primeiras influências fenícias, consubstanciadas na presença de numerosos materiais importados e na introdução de novas tecnologias de produção. São exemplo a metalurgia do ferro e a roda de oleiro (torno rápido), permitindo o fabrico em série e segundo formas perfeitamente padronizadas de numerosos tipos de recipientes.

Segundo os elementos disponíveis, e tal como para o Bronze Final, podemos considerar dois momentos distintos (CARDOSO, 1990 a, b; CARDOSO & CARREIRA, 1993): em um momento inicial, entre o fim do século VIII a.C. e o final do seguinte, são ocupadas algumas colinas em redor do estuário, directamente relacionadas com um importante comércio marítimo fenício, de que são testemunho os mais de 20 000

fragmentos de cerâmica de verniz vermelho recolhidos em Almaraz, promontório sobranceiro a Cacilhas (BARROS *et al.*, 1993) ou os materiais recolhidos no morro da Sé de Lisboa (CARDOSO & CARREIRA, 1993; AMARO, 1993). A um momento ulterior — século VI e parte do século V a.C. — reportam-se os numerosos achados denunciando a ocupação, desde o Bronze Final, dos férteis terrenos basálticos adjacentes à margem norte do estuário.

Estão neste caso duas ocorrências escavadas de emergência no concelho de Oeiras: Outurela 1 e Outurela 2 (CARDOSO, 1987; CARDOSO, 1990; CARDOSO & CARREIRA, 1993). As estruturas postas a descoberto, de blocos basálticos não aparelhados, como a do Bronze Final da Tapada da Ajuda, diferem desta por integrarem muros rectilíneos, definindo espaços habitacionais de planta rectangular e não ovais como aquela. No espólio, são frequentes os grandes recipientes, ânforas e *pythoi*, decorados por bandas pintadas avermelhadas ou esbranquiçadas. Além da cerâmica comum — de que se encontra quase ausente a cerâmica manual — avulta a cerâmica cinzenta, conhecida desde os alvares da Idade do Ferro, à qual se juntam recipientes de toque metálico de coloração cinzento-negro, de paredes muito finas, representados por jarros e vasos de colo estrangulado, acusando marcado regionalismo. No conjunto, os materiais, embora denotando filiação em protótipos fenícios são, porém, inteiramente, de fabricos locais ou regionais, encontrando-se ausente as cerâmicas importadas de verniz vermelho, tão abundantes em Almaraz. A tipologia de uma fíbula anular, semelhante a outra recolhida na vizinha estação dos Moinhos da Atalaia — Amadora (PINTO & PARREIRA, 1978) é integrável no século VI a.C., atendendo às analogias com exemplares da Fase III da necrópole de Medellín (ALMAGRO-GORBEA, 1990, Fig. 6).

O tipo de povoamento documentado por estes dois arqueossítios, distantes de menos de 1 km, sugere que a estrutura sócio-económica herdada do Bronze Final não se teria alterado. Trata-se, enfim, de sociedade organizada em torno de povoados principais, de características proto-urbanas (ainda não devidamente localizados na região) onde se sediaria a classe dirigente, herdeira daquela que, no Bronze Final, teria absorvido, sem sobressaltos de maior, a chegada de novos produtos e tecnologias, trazidos pelos Fenícios. Desta forma, é lícito supor que tais inovações, introduzidas pelos fenícios através de “lugares centrais” ou verdadeiras feitorias, situadas estrategicamente em torno do estuário, terão sido rapidamente assimiladas pelas populações autóctones, dispersas, como no Bronze Final, em pequenos aglomerados agrícolas em toda a área circundante, sobretudo na margem norte.

A crise do século VII a.C. no Mundo Fenício explica — como se verificou em Outurela 1 e Outurela 2 — a ausência de materiais verdadeiramente importados, de

origem oriental; tal lacuna, bem como a ausência de quaisquer materiais, no decurso de toda a II Idade do Ferro, no Concelho de Oeiras, estendeu-se até ao advento da dominação romana.

### 3.10 — Período Romano

A primeira notícia acerca do achado no Concelho de Oeiras de materiais romanos parece ser a que se lê no “Memorial Histórico”, manuscrito anónimo de meados do século XIX, editado pela Câmara Municipal de Oeiras em 1982 (N/A, s.d.). Trata-se da referência a um conjunto de moedas de cobre ou bronze, descobertas quando se abria, em 1822, uma estrada de Oeiras para o Arneiro. Outra ocorrência insuficientemente conhecida é a de fragmentos de materiais de construção e de cerâmicas em Outeiro (CORREIA, 1913 b), topónimo inexistente actualmente no Concelho de Oeiras. É mais provável que se trate do “Outeiro”, do vizinho concelho de Cascais, onde se sabe de existência de importantes restos romanos (CARDOSO, 1991 a).

O inventário arqueológico referente a este período poderá estar mais incompleto do que o relativo aos períodos ou épocas anteriores, dada a possibilidade da maioria das estações se encontrar sob os povoados mais antigos do Concelho. É o caso dos materiais romanos de Linda-a-Pastora (vidros e cerâmicas, conservadas no Museu Nacional de Arqueologia), correspondentes a estação não identificada nas prospecções realizadas, ou dos outrora recolhidos junto do Cemitério de Oeiras, igualmente conservados no Museu Nacional de Arqueologia, em área hoje ocupada pela própria vila. Esta hipótese encontra-se reforçada pela *villa* romana de Oeiras, sob a povoação actual. Os seus vestígios não se resumem ao conhecido mosaico; outras estruturas poderão um dia ser reveladas em toda a zona envolvente. Neste caso, estamos perante uma ocupação do Baixo Império, a atendermos à época tardia do mosaico. Perto desta *villa*, há notícia de uma necrópole, situada na Quinta da Costa (Junção do Bem), referenciada por V. CORREIA (1913 b), de onde proviriam duas inscrições funerárias, publicadas por HÜBNER (1869, 1892).

Uma cabeça de mármore, actualmente reaproveitada em fontanário do Jardim Municipal de Oeiras terá sido recolhida em um muro das imediações da referida *villa* (FERREIRA & FERREIRA, 1962).

Uma figura de criança, de bronze, com 6 cm de altura, conservada no Museu Nacional de Arqueologia, provém de Oeiras, talvez da mesma origem. Esteve exposta na Exposição de Escultura Romana, realizada no referido Museu em 1980 (N/A, 1980).

Em Caxias-Laveiras, onde um de nós (J.L.C.), viveu durante muitos anos, observaram-se restos de materiais de construção (romanos?) quando se edificaram

prédios da Av. Conselheiro Ferreira Lobo, situados nas imediações do local onde se recolheu a lápide de *Flavius Quadratus*, na encosta direita da ribeira de Caxias (a montante, designada por ribeira de Barcarena). Trata-se de uma importante inscrição dos meados do século I d. C., pertencente a um grande monumento funerário de um *aquilifer* de II Legião, provavelmente falecido quando esta esteve estacionada na região de Olisipo. É de salientar a extrema raridade deste tipo de monumentos, denotando marcadas influências itálicas, confirmadas recentemente noutro monumento funerário — uma estela inédita — igualmente do século I d. C., encontrada na região de Cacilhas e dedicada a uma jovem da Família *Maria*.

Na área ocidental do Concelho de Oeiras, as ocorrências de materiais romanos atestam a continuidade da ocupação do território desde o contíguo Concelho de Cascais. É notória a importância da agricultura, como transparece da concentração de vestígios ao longo da ribeira da Lage. Em Talaíde, situava-se uma *villa* de ambos os lados da ribeira, tal como se verifica com a povoação actual; do lado de Oeiras, nota-se concentração de materiais perto da mina de água que abastece o chafariz da povoação, datáveis dos séculos I a IV d. C.. Outros vestígios, a Norte, mostram a ocupação agrícola do território em continuidade com o do Concelho de Sintra.

Leião, a nascente de Talaíde, revelou outra *villa rustica*, onde a presença de estuques pintados indica a *domus* de rico proprietário. É provável que a necrópole identificada em Porto Salvo, estivesse relacionada com a ocupação agrícola da região (MATOS, 1970).

É interessante de notar que, não obstante a economia no Período Romano, fosse marcada pela existência destas *villae* voltadas para o cultivo intensivo e extensivo da terra, parece que os férteis terrenos basálticos foram subaproveitados, se atendermos à concentração de vestígios nos solos argilo-margosos do Cretácico, especialmente da área de Laveiras e de Porto Salvo-Leião-Oeiras, tal como se verifica na região de Cascais, mais a Oeste.

Na região oeirense consolidava-se, pois, uma das principais características do povoamento, marcada pela forte componente agrícola na economia de uma população dispersa em pequenos núcleos rurais cuja origem, podendo remontar ao Calcolítico, não mais se perderia.

Além da agricultura, a pesca, no estuário, deveria ter conhecido certa importância, ao menos localmente, para as populações ribeirinhas. As praias e pequenas enseadas, na confluência de cursos de água, como Santo Amaro de Oeiras, Paço de Arcos, Caxias, Cruz Quebrada e Algés, constituíam locais propícios ao estabelecimento de pequenas fábricas de salga de pescado, hoje impossíveis de localizar devido às profundas alterações antrópicas operadas na linha de costa. No entanto, trata-

-se de hipótese reforçada pelas estruturas recentemente identificadas nas áreas urbanas ribeirinhas de Lisboa e de Cascais, confirmando a adopção do modelo de ocupação verificado no litoral do vizinho estuário do Sado.

### 3.11 — Alta e baixa Idade Média

A presença visigótica está muito insuficientemente conhecida no concelho de Oeiras, ao contrário do que se verifica no de Cascais. A necrópole de inumação de Talaíde, escavada em 1975 sob a direcção dos signatários, é um dos exemplos mais importantes, estando funcionalmente relacionada com o *vicus* que, em parte, se estendia pelo território do actual concelho de Oeiras. A sua cronologia situa-se, tanto pela tipologia do espólio, como pelas datações de <sup>14</sup>C realizadas, entre os séculos III e VIII d.C. Demonstrada a amplitude cronológica da utilização da necrópole, há que aceitar a assinalável longevidade dos ritos e das práticas funerárias, evidenciada pela homogeneidade dos espólios e características das sepulturas (CARDOSO & CARDOSO, 1992).

As representações de cabeças de ofídeos dos braceletes das sepulturas 4 e 12 atestam a sobrevivência dos cultos orientais a Isis e Serápis. O óbulo a Caronte, documentado na sepultura 12, é outra evidência da manutenção de tais tradições. Encontra-se, desta forma, evidenciada em Talaíde uma marcada continuidade de costumes, que as invasões dos bárbaros não apagaram e que se mantiveram até, pelo menos, o período árabe; ao nível das práticas funerárias, as alterações introduzidas pelo cristianismo ou pela chegada de população exógena não se reflectiram na região. Ao contrário do observado noutras necrópoles do início do cristianismo, situadas no interior das urbes, na periferia ou, mesmo, dentro dos templos, aqui continuou-se a sepultar os mortos fora da antiga povoação.

À época visigótica ou islâmica poderão reportar-se os silos da Quinta da Boiça.

A presença islâmica encontra-se, também, muito mal documentada.

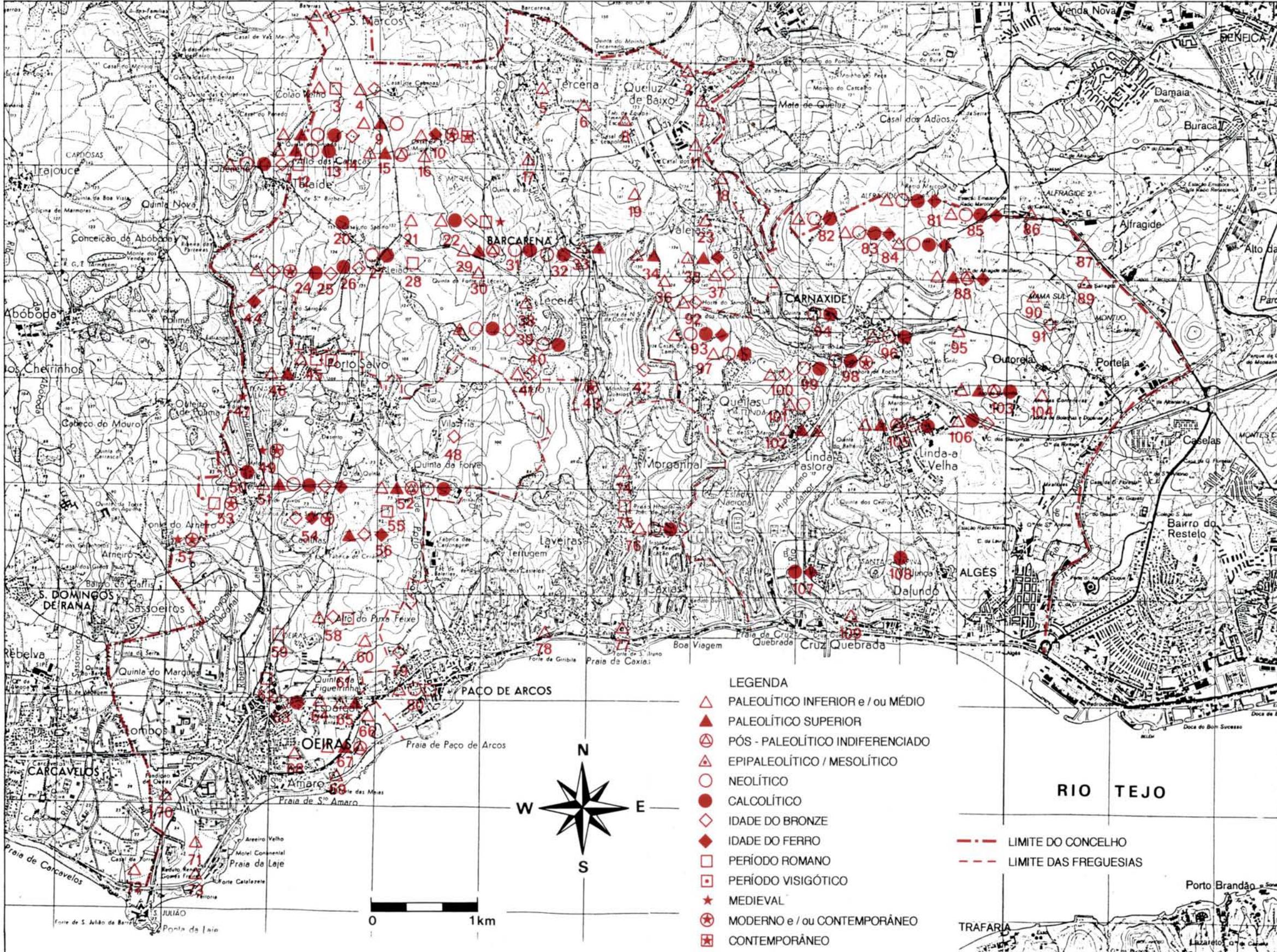
A este período remonta a necrópole do Arneiro, em Cascais (CARDOSO, 1991 a), junto ao limite do Concelho. O *habitat* correspondente poderia, talvez, situar-se já no território concelhio, atendendo aos escassos restos cerâmicos, recolhidos a cerca de 200 m, na extrema da Quinta do Marquês.

A Baixa Idade Média, documentada por achados dispersos, relaciona-se com o aproveitamento agrícola dos locais mais favoráveis. Cerâmicas e moedas da I e II dinastias foram recolhidas em Leceia, na área anteriormente ocupada pelo povoado pré-histórico bem como em Carnaxide. Nos alvares da Idade Moderna, um bom

exemplo de ocupação agrícola intensiva de um espaço geográfico com identidade própria é fornecido pelas numerosas quintas, algumas de recreio, dispersas ao longo do vale da ribeira de Barcarena, das quais avulta a Quinta da Moura, com importantes vestígios arquitectónicos (tanques, escadaria, janelas) manuelinos. Em área correspondente à antiga lixeira da casa, foram recolhidas cerâmicas que documentam a ocupação contínua do local, do século XVI até aos nossos dias.

Na 2.ª metade do século XVIII, verifica-se recrudescimento da extracção intensiva da pedra, com inícios no século XVI, documentada pela importância atingida pelas explorações de Leceia e da zona da Lage, em consequência da necessidade de abastecimento da capital, no decurso da sua reconstrução após o terramoto de 1755. A actividade agrícola, no entanto, não esmoreceu, como documentam os numerosos moinhos dispersos um pouco por toda a área do Concelho, alguns em laboração até quase à actualidade. Com efeito, o pendor agrícola da economia persistiu até aos nossos dias, verificando-se, paralelamente, a emergência de pequenas actividades fabris e industriais, em relação com os aglomerados urbanos mais importantes; porém, a caracterização destes aspectos, bem como os relativos ao Património Construído, no decurso dos tempos mais recentes da ocupação humana do Concelho de Oeiras, incluindo análises arquitectónicas e requerendo pesquisas documentais, nos arquivos disponíveis, já não faz parte, como se disse anteriormente, dos objectivos deste trabalho.

**Fig. 2** — Carta arqueológica do Concelho de Oeiras (ao lado).



- LEGENDA**
- △ PALEOLÍTICO INFERIOR e / ou MÉDIO
  - ▲ PALEOLÍTICO SUPERIOR
  - ⊕ PÓS - PALEOLÍTICO INDIFFERENCIADO
  - △ EPIPALEOLÍTICO / MESOLÍTICO
  - NEOLÍTICO
  - CALCOLÍTICO
  - ◇ IDADE DO BRONZE
  - ◆ IDADE DO FERRO
  - PERÍODO ROMANO
  - ▣ PERÍODO VISIGÓTICO
  - ★ MEDIEVAL
  - ⊗ MODERNO e / ou CONTEMPORÂNEO
  - ⊠ CONTEMPORÂNEO

--- LIMITE DO CONCELHO  
 - - - LIMITE DAS FREGUESIAS

**RIO TEJO**

Porto Brandão

TRAFARIA

Lazareto

#### 4 — INVENTÁRIO DE ESTAÇÕES, SÍTIOS E ACHADOS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO

O inventário das estações, sítios e achados de interesse arqueológico foi feito por freguesias e, dentro destas, por norma, de Norte para Sul e de poente para nascente, utilizando-se o fundo topográfico das folhas número 630 e 631 da Carta Militar de Portugal, na escala de 1:25 000.

Fig. 2

Foram considerados os seguintes descritores:

Número da jazida

- 1 — Topónimo
- 2 — Freguesia
- 3 — Localização geográfica e características geológicas
- 4 — Coordenadas geodésicas Gass e folha da Carta Militar de Portugal respectiva
- 5 — Natureza dos vestígios
- 6 — Integração cronológico-cultural
- 7 — Bibliografia

1

- 1 — CASAL DE VAZ MEIRINHO
- 2 — Barcarena
- 3 — Lado poente do cruzamento da estrada Leião — Cacém com a de S. Marcos —  
— Vaz Meirinho. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 980 986 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 138)

## 2

- 1 — QUELUZ DE BAIXO
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos agrícolas a norte de Queluz de Baixo. Destruída. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 015 983 (C.M.P., 430, Oeiras, esc.: 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CORREIA (1912, p. 61); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 137)

## 3

- 1 — COTÃO VELHO
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos lavrados a NW do Alto das Cabeças. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 980 980 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados líticos e cerâmicos, de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Romano
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

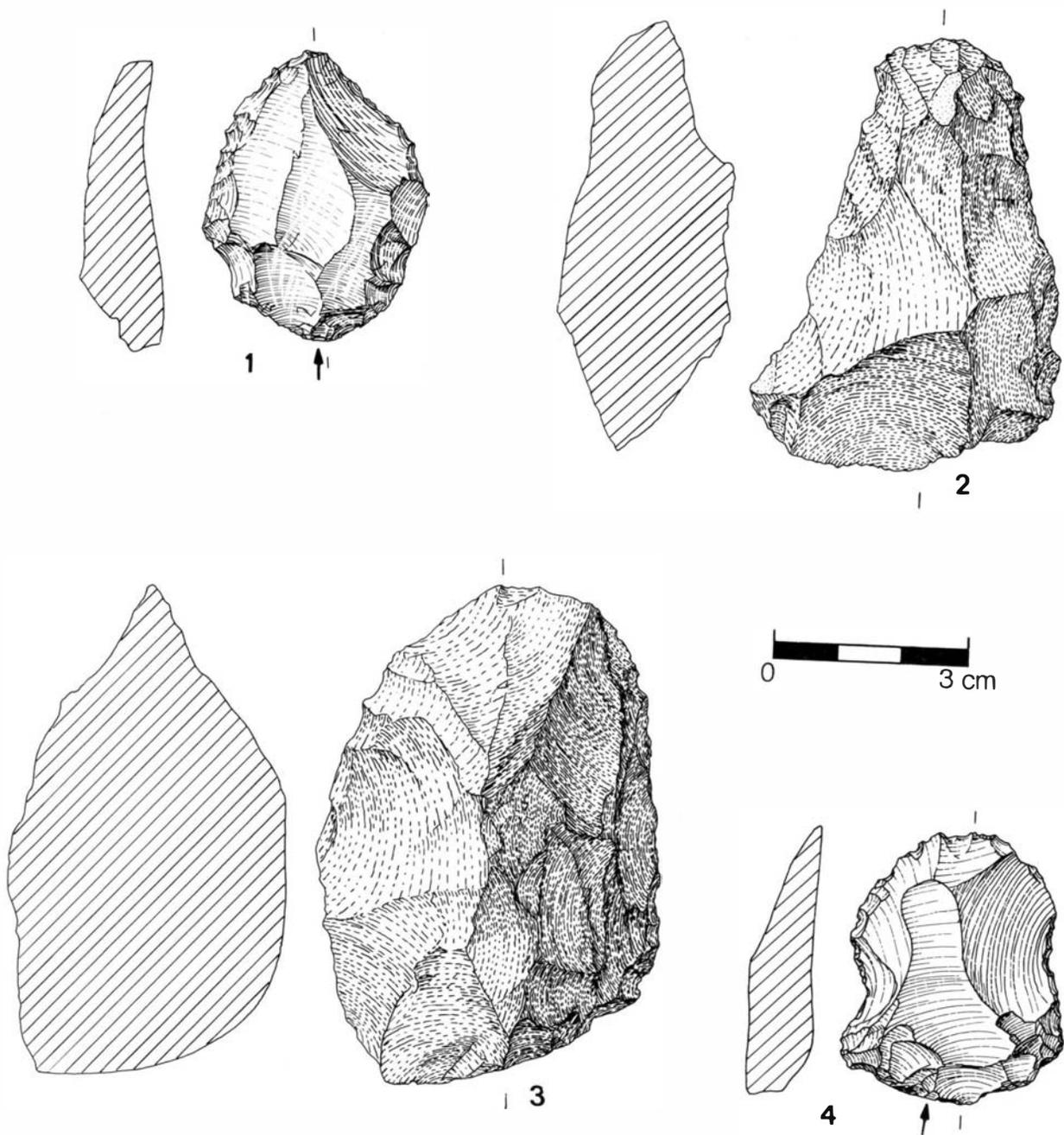
## 4

- 1 — CASAL DE CABANAS
- 2 — Barcarena
- 3 — Lado poente da Estrada Nacional Leião-Cacém, frente ao Casal de Cabanas. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 982 980 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

## 5

- 1 — TERCENA
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos murados do lado Sul de Tercena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 000 980 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior)
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 46); CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 137)

Fig. 3, n.ºs 1 a 3



**Fig. 3** — *Tercena*: 1 — Raspador duplo convergente. Acheulense superior. Sílex; 2 — Raspador duplo convergente com extremidade em raspadeira. Acheulense médio a superior. Quartzito; 3 — Peça aparentada aos bifaces. Acheulense médio a superior. Quartzito. *Casal de St.<sup>a</sup> Leopoldina*; 4 — Raspador duplo convexo-côncavo. Mustierense. Sílex (1, 2 e 3, *in* Cardoso *et al.*, 1992, Est. 3 n.ºs 7, 9 e 10; 4, inédito).

## 6

- 1 — FONTAÍNHAS
- 2 — Barcarena
- 3 — À saída de Tercena, no caminho para a estrada de Barcarena — Queluz de Baixo. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 003 979 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935)

## 7

- 1 — CARUNCHO
- 2 — Barcarena
- 3 — Lado nascente de Queluz de Baixo. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 014 980 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935)

## 8

Fig. 3, n.º 4

- 1 — CASAL DE ST.<sup>a</sup> LEOPOLDINA
- 2 — Barcarena
- 3 — Lado norte da estrada de Barcarena — Queluz de Baixo. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 009 978 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — Inédita

## 9

Fig. 4, n.ºs 1 e 2

- 1 — ALTO DAS CABEÇAS 1
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta nordeste, voltada para a estrada Leião-Cacém. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 985 977 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense antigo, médio e superior, com elementos mustierenses) e superior; pós-Paleolítico; Neolítico
- 7 — CARDOSO (1981 a, p. XVII-XVIII); CARDOSO *et al.* (1992, p. 67-73)

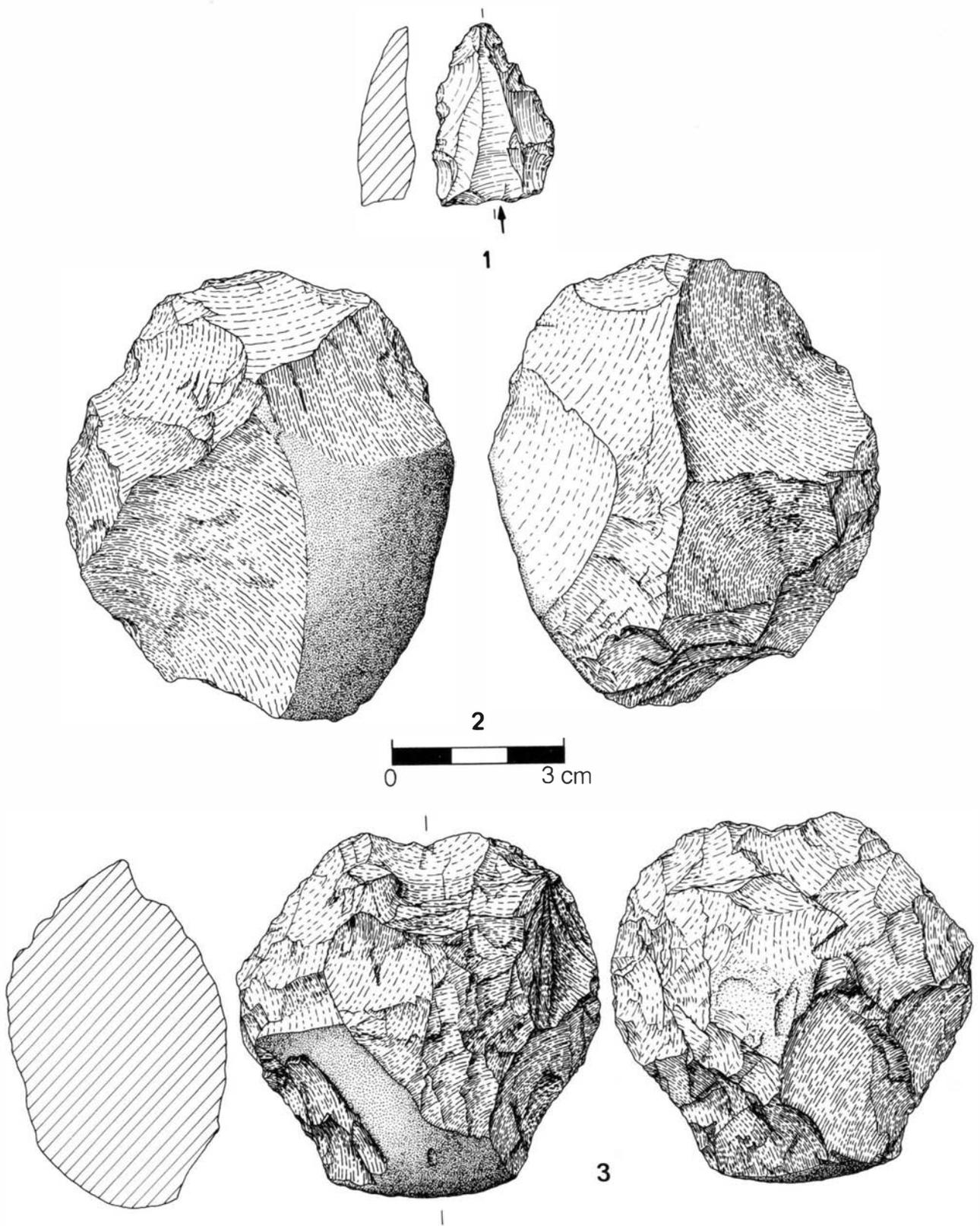


Fig. 4 — Alto das Cabeças: 1 — Denticulado. Mustierense. Sílex. 2 — Núcleo mustierense. Quartzito. Alto das Cabeças 2: 3 — Raspadeira nucleiforme sobre seixo. Acheulense superior. Quartzito (inéditos).

## 10

- 1 — CASAL DE SÃO MIGUEL
- 2 — Barcarena
- 3 — Elevação do lado nascente da estrada Leião-Cacém. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 988 975 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Ruínas modernas
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Ferro; Moderno/Contemporâneo
- 7 — Inédita

## 11

- 1 — CASAL DOS MOINHOS
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta direita da ribeira do Jamor. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 015 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935)

## 12

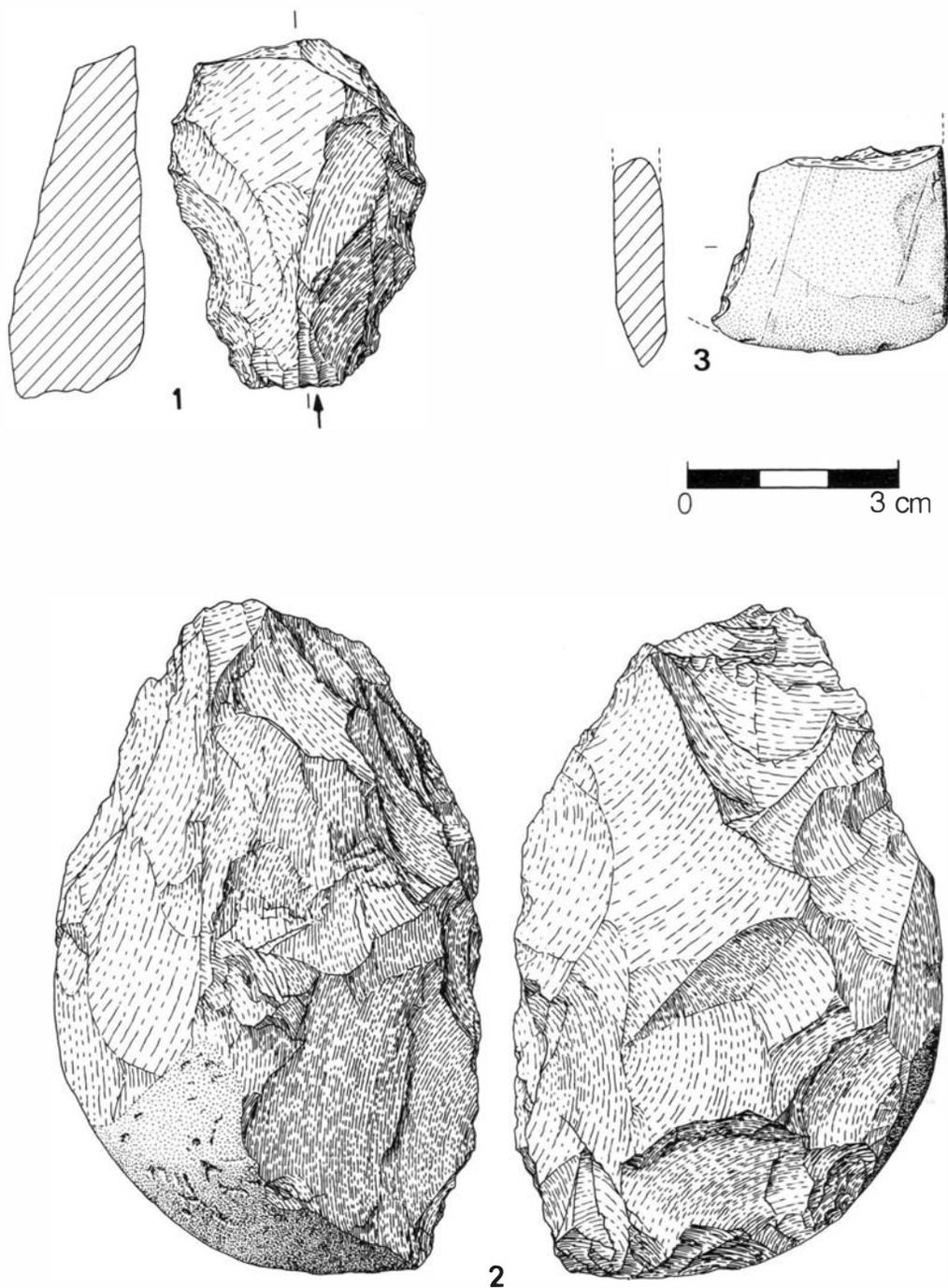
- 1 — TALAÍDE
- 2 — Barcarena
- 3 — Margem esquerda da ribeira de Talaíde, a montante da povoação. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 977 973 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Estruturas romanas
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico; Calcolítico; Bronze; Romano
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO & CARDOSO (1992, p. 155-157)

Fig. 5, n.º 1 a 3; Fig. 6, n.º 1 a 4

## 13

- 1 — ALTO DAS CABEÇAS 2
- 2 — Barcarena
- 3 — Plataforma intermédia entre as duas elevações. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 981 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense antigo, médio e superior com elementos mustierenses) e superior; pós-Paleolítico; Neolítico/Calcolítico
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO *et al.* (1992, p. 67-73)

Fig. 4, n.º 3



**Fig. 5 — Talaíde:** 1 — Raspador duplo convexo-côncavo, denticulado. Mustierense. Quartzito; 2 — Biface piriforme espesso sobre seixo. Acheulense superior. Quartzito; 3 — Fragmento de enxó de pedra polida. Neolítico/Calcolítico. Rocha anfibolítica. (inéditos).

Fig. 7, n.º 1 a 5; Fig. 8, n.º 1 a 4

#### 14

- 1 — ALTO DAS CABEÇAS 3
- 2 — Barcarena
- 3 — Lado Norte da elevação. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 982 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense antigo, médio e superior com elementos mustierenses) e superior; pós-Paleolítico; Neolítico; Calcolítico; Bronze; Romano
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVII)

Fig. 8, n.º 5 a 12; Fig. 9, n.º 1

#### 15

- 1 — ALTO DAS CABEÇAS 4 (ou MONTE DO SIRGADO)
- 2 — Barcarena
- 3 — Terreno adjacente à estrada de Leião-Cacém. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 985 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense antigo, médio e superior com elementos mustierenses) e superior; pós-Paleolítico; Bronze. Abundantes elementos denticulados de foice, em lascas de sílex, idênticos aos recolhidos na jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa)
- 7 — ANDRADE *et al.* (1965, p. 939); CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO *et al.* (1980/1, p. 132; 1992, p. 67-73); MARQUES & ANDRADE (1974, p. 133); N/A (1975, p. 3)

#### 16

- 1 — SÃO MIGUEL 2
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta do Alto de São Miguel, voltada a poente, adjacente à estrada Leião-Cacém. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 989 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

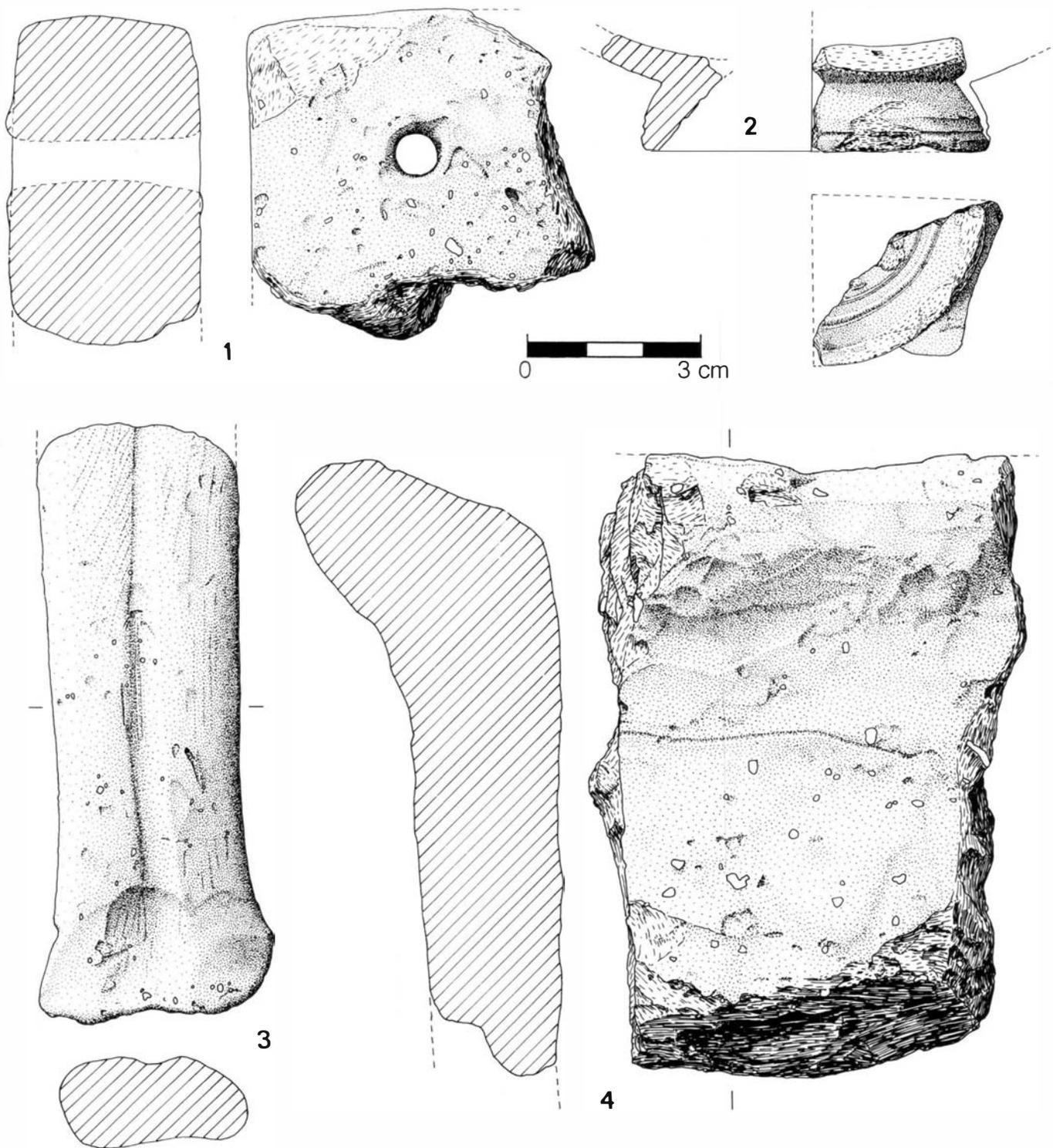


Fig. 6 — Talaide: 1 — Fragmento de peso de terr. Cerâmica; 2 — Fundo de taça de terra sigillata. Cerâmica; 3 — Fragmento de asa. Cerâmica; 4 — Fragmento de tegula. Cerâmica. Período Romano (inéditos).

## 17

- 1 — QUINTA DO BRÉ
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta direita do vale da ribeira de Barcarena: Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 999 974 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25 000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — Inédita

## 18

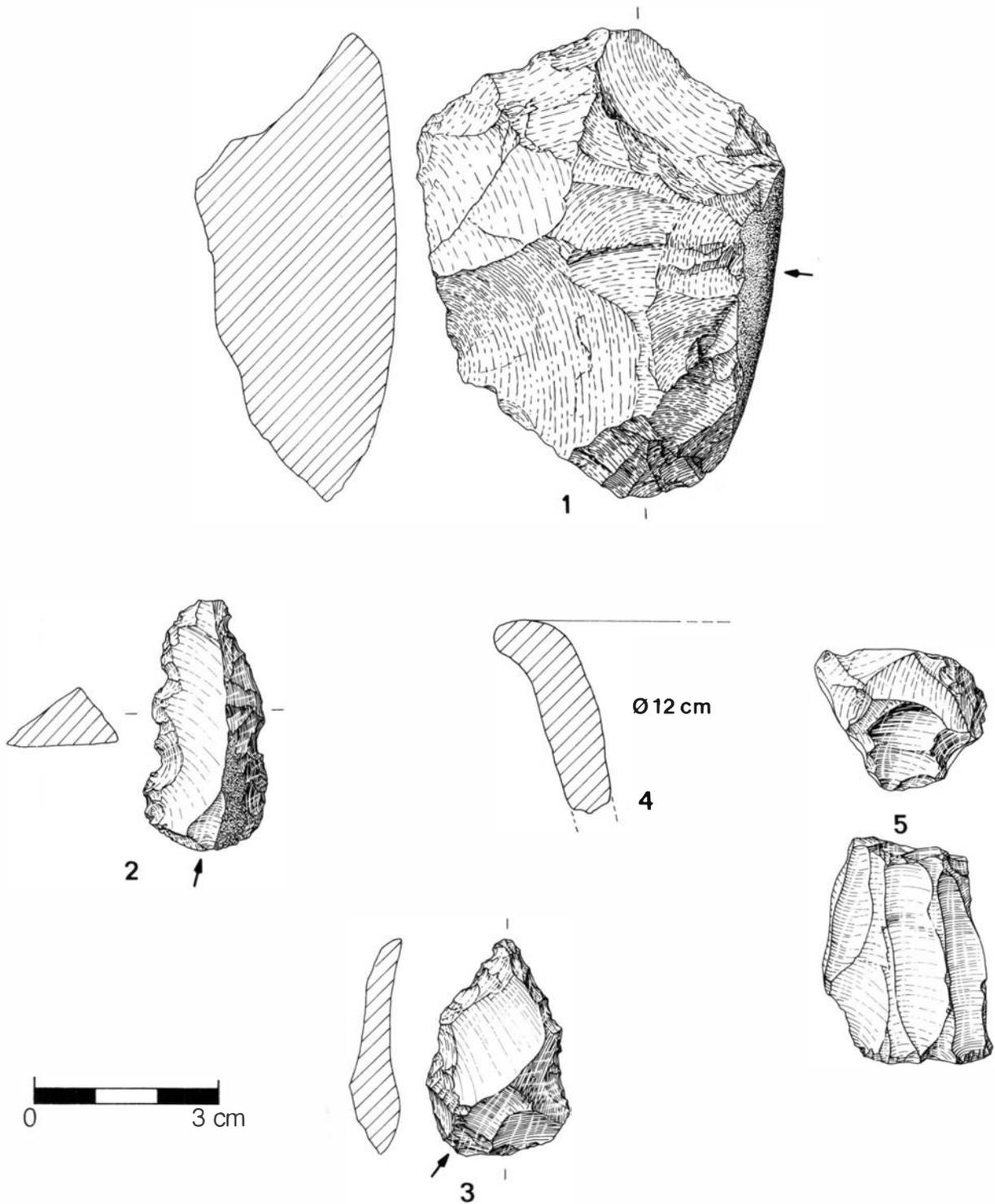
- 1 — BICA — MOÍNHO DA REVINHEIRA
- 2 — Barcarena
- 3 — A Norte de Valejas. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 016 972 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 137)

## 19

- 1 — ALTO DO CARTAXO
- 2 — Barcarena
- 3 — Elevação dominando da encosta esquerda o vale da ribeira de Barcarena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 008 971 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 137)

## 20

- 1 — CASAL DO SABINO
- 2 — Barcarena
- 3 — Em frente do depósito da Câmara Municipal de Oeiras, na estrada de Leião-Talaíde. Calcários e margas do Cenomaniano superior
- 4 — Q 980 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Indícios de estratigrafia. O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski assinalaram materiais do lado oposto da estrada, um pouco a nascente, da mesma época
- 6 — Calcolítico
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)



**Fig. 7 — Alto das Cabeças 3:** 1 — Raspador convexo sobre lasca. Acheulense superior. Quartzo; 2 — Denticulado. Mustierense. Sílex; 3 — Ponta. Mustierense. Sílex; 4 — Bordo extrovertido. Neolítico/Calcolítico. Cerâmica; 5 — Núcleo de lâminas, prismático. Neolítico/Calcolítico. Sílex (inéditos).

Fig. 9, n.º 2

## 21

- 1 — ALTO DE LEIÃO
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta suave em local adjacente à estrada de Leião-Leceia, do lado Norte. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 989 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Estação em grande parte destruída
- 6 — Paleolítico inferior arcaico (“Pré-Acheulense”), e inferior/médio
- 7 — CARDOSO (1980a; 1987b, p. 71); CARDOSO *et al.* (1992, p. 198); CARDOSO & PENALVA (1979, p. 185-196); FERREIRA (1984, p. 22-23); RAPOSO (1983, p. 53; 1985, p. 176-177); RAPOSO & CARREIRA (1986, p. 31-32)

## 22

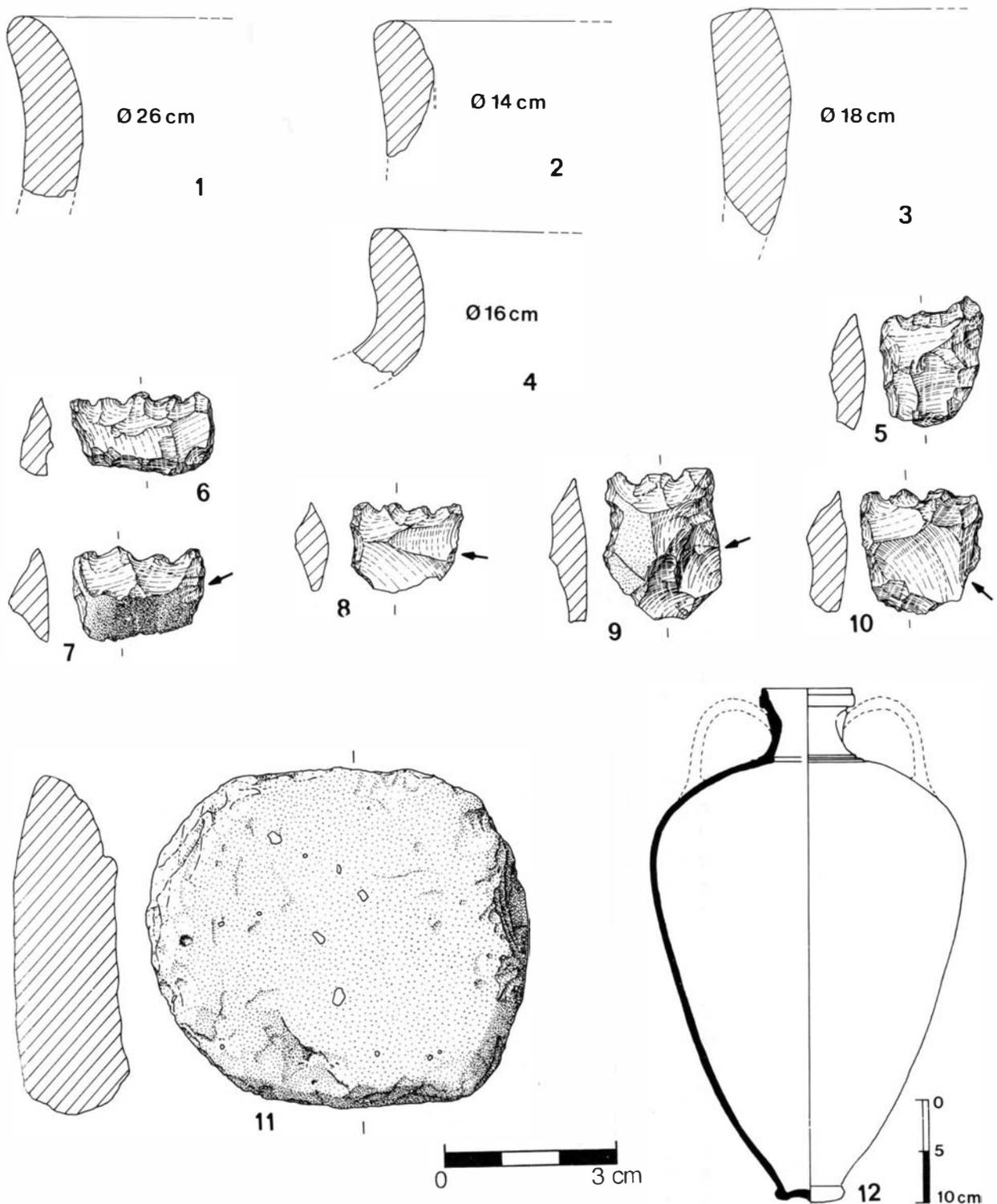
- 1 — GALEGAS
- 2 — Barcarena
- 3 — No talude e terrenos lavrados de área adjacente à estrada de Leião-Leceia. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 992 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície e no enchimento de uma fossa, cortada pelo talude da estrada (já desaparecida)
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Calcolítico; Bronze; Romano; Medieval
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

## 23

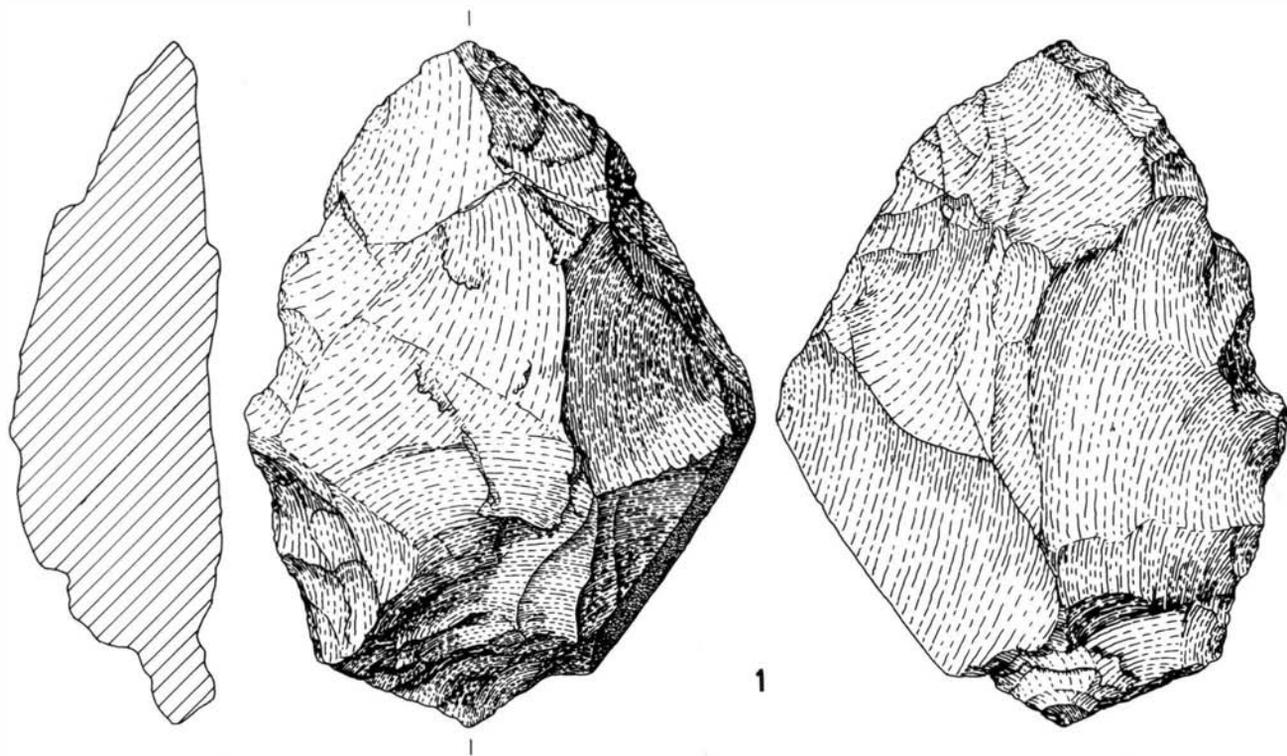
- 1 — VALEJAS
- 2 — Barcarena
- 3 — Terreno adjacente à povoação. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 016 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 66); CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

## 24

- 1 — CASAL DO SERIGATO 1
- 2 — Barcarena
- 3 — A Norte do Casal do Serigato. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 978 964 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze; Moderno
- 7 — Inédita



**Fig. 8** — Alto das Cabeças 3: 1 a 4 — Bordos de recipientes diversos. Bronze Final. Cerâmica. Alto das Cabeças 4: 5 a 10 — Elementos de foice sobre lasca de bordo denticulado. Bronze Final. Silix; 11 — Marca de jogo, feita em fragmento de *imbrex*. Período Romano; 12 — Ânfora aff. Dressel 30, vinaria, século II - III d.C. Período Romano (inéditos).



**Fig. 9** — *Alto das Cabeças 4*: 1 — Biface imperfeito. Acheulense superior. Quartzito. *Alto de Leão*: 2 — Conjunto de seixos afeiçoados pré-acheulenses, rolados após o talhe. Quartzito (1, inédito; 2, *in* CARDOSO & PENALVA, 1979, Est. II, n.ºs 10 e 11).

## 25

- 1 — CASAL DO SERIGATO 2
- 2 — Barcarena
- 3 — Terreno a Nordeste do Casal do Serigato. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 980 963 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície provenientes de desmonte de pedra. Vestígios de estratigrafia
- 6 — Calcolítico; Bronze
- 7 — Inédita

Fig. 10, n.ºs 1 e 2

## 26

- 1 — CASAL DO SERIGATO 3
- 2 — Barcarena
- 3 — Entre Casal do Serigato e Leião. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 981 963 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície provenientes de desmonte de pedra
- 6 — Calcolítico; Bronze
- 7 — Inédita

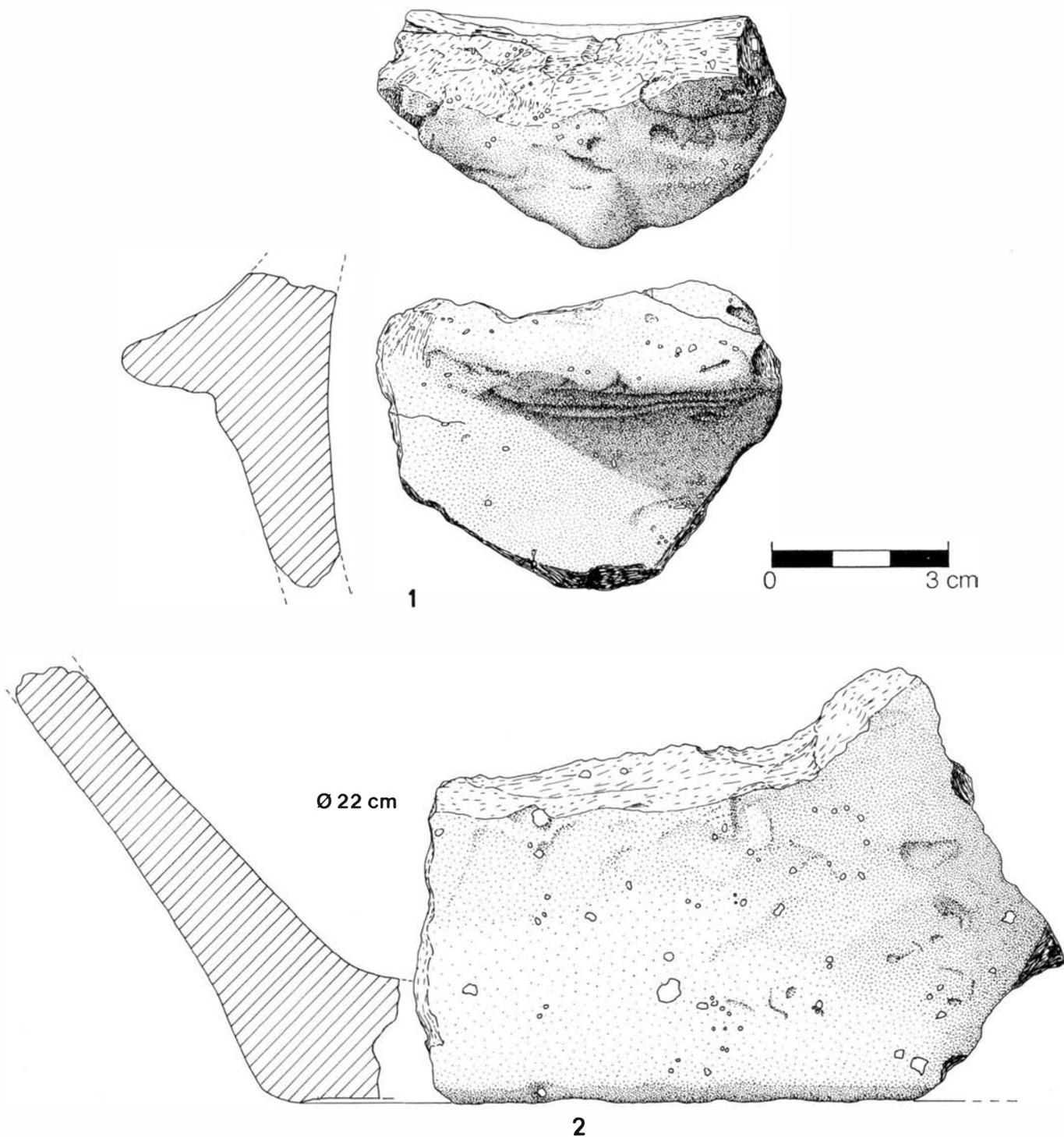
## 27

- 1 — CAPELA DE LEIÃO 1
- 2 — Barcarena
- 3 — Junto à capela. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 984 965 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Neolítico/Calcolítico
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

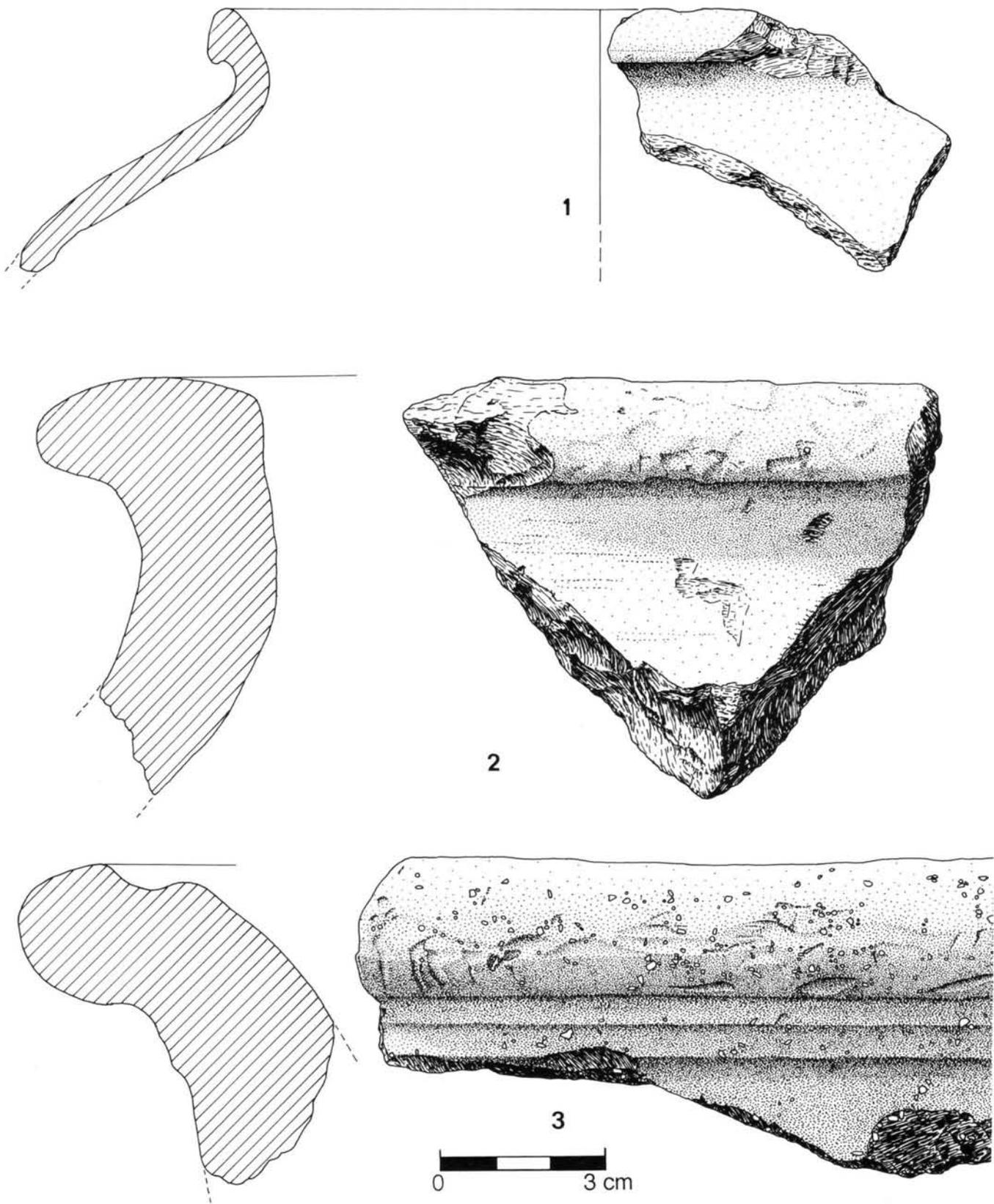
## 28

- 1 — LEIÃO
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos lavrados a Sul de Leião. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 984 965 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície e vestígios de estruturas de uma *villa rustica*, com materiais cerâmicos e restos de estuques pintados
- 6 — Romano
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

Fig. 11, n.ºs 1 a 3



**Fig. 10** — *Casal do Serigato 2*: 1 — Pega de grande vaso de provisões. Bronze Final. Cerâmica; 2 — Fundo plano de grande vaso de provisões. Bronze Final. Cerâmica (inéditos).



**Fig. 11** — *Leião*: 1 a 3 — Fragmentos de recipientes de cerâmica comum. Período Romano (inéditos).

## 29

Fig. 12; Fig. 13, n.ºs 1 a 8

- 1 — ESTRADA DE LEIÃO-LECEIA
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos a Norte e a Sul da estrada de Leião-Leceia. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 992 966 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície; restos de estratigrafia no talude da estrada. Estação destruída
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense antigo, médio e superior; Mustierense) e superior; pós-Paleolítico; Calcolítico; Bronze; Romano; Medieval; Moderno
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO *et al.* (1992, p. 61-62)

## 30

Fig. 14, n.ºs 1 e 2

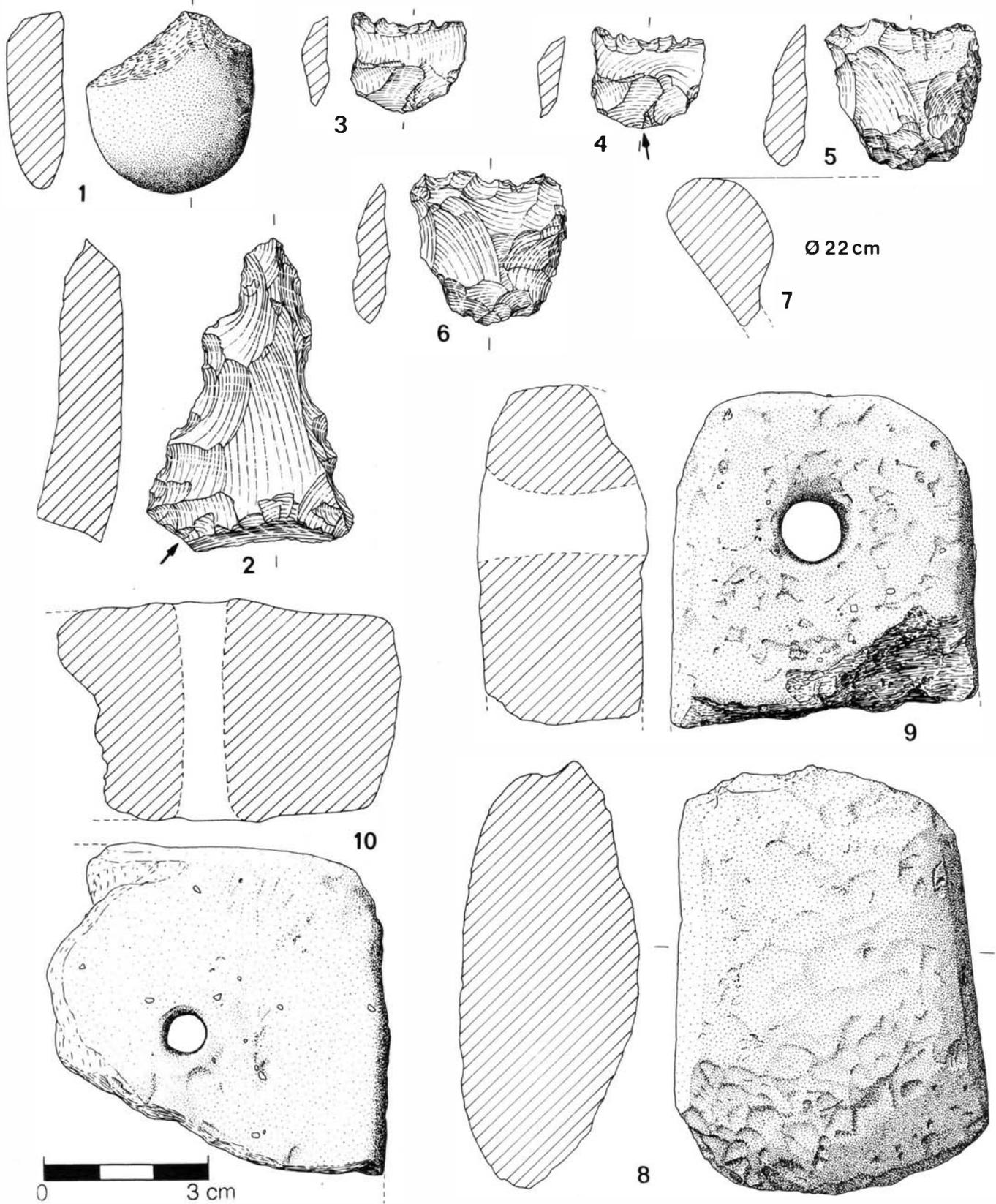
- 1 — QUINTA DA FONTE (1 km a Oeste de Leceia)
- 2 — Barcarena
- 3 — Terreno a Oeste de Leceia, junto da estrada de Leceia-Porto Salvo. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 994 963 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Estação destruída
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 59-60); CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

## 31

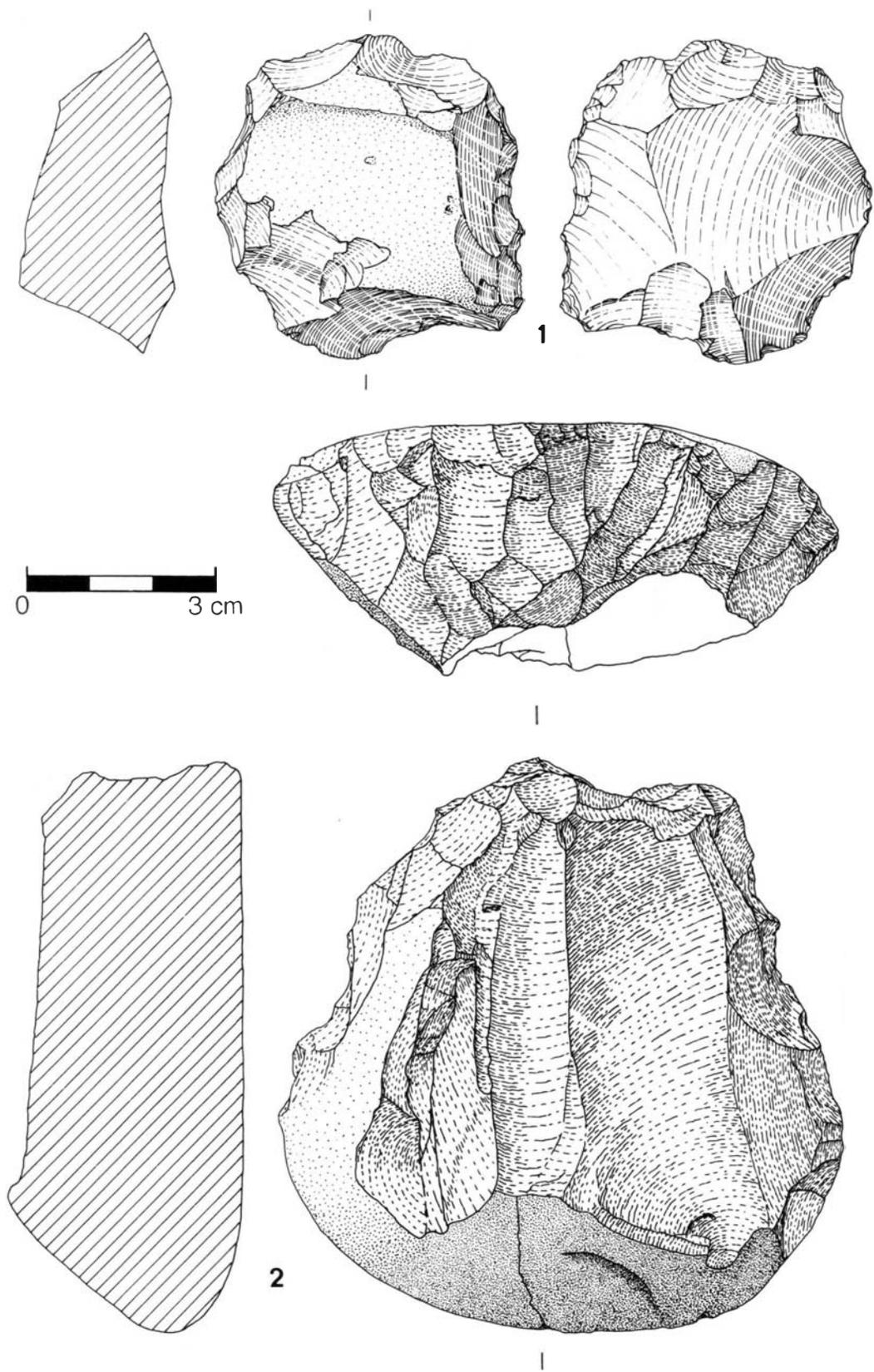
- 1 — ALTO DE LECEIA
- 2 — Barcarena
- 3 — Junto ao moinho. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 000 965 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície. Estratigrafia (?)
- 6 — Neolítico/Calcolítico
- 7 — Inédita



**Fig. 12** — *Estrada de Leião-Leceia* — lado Norte. Em primeiro plano, o solo lavrado, onde os materiais líticos ocorrem com abundância. Em segundo plano, evidencia-se o relevo típico dos terrenos basálticos: colinas pouco acentuadas, encostas onduladas suaves; no topo, situa-se o Alto de São Miguel, a cerca de 150m de altitude (*in* CARDOSO *et al.*, 1992, Fot. 3).



**Fig. 13** — *Estrada de Leião-Leceia*: 1 — Seixo afeiçãoado pré-acheulense. Quartzito; 2 — Denticulado. Mustierense. Sílex; 3 a 6 — Elementos de foice sobre lasca de bordo denticulado. Bronze Final. Sílex; 7 — Bordo de taça espessado interiormente. Calcolítico. Cerâmica; 8 — Machado de pedra polida reutilizado como percutor. Calcolítico. Anfibolito; 9 e 10 — Fragmentos de pesos de tear. Período Romano. Cerâmica (2, 4 e 6, *in* CARDOSO *et al.* 1992, Est. 9, n.ºs 7, 8 e 9; os outros inéditos).



**Fig. 14** — *Quinta da Fonte (1 km a Oeste de Leceia)*: 1 — Núcleo mustierense. Sílex; 2 — Uniface com extremidade em raspador convexo-côncavo. Acheulense médio. Quartzito (in *CARDOSO et al.*, Est. 7, n.º 6; Est. 8, n.º 1).

1 — LECEIA

2 — Barcarena

3 — Plataforma junto a Leceia, dominando o vale da ribeira de Barcarena. Calcários duros do Cenomaniano superior

4 — R 002 963 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Povoado pré-histórico. Estratigrafia. Estruturas de carácter defensivo e habitacional. Pequena gruta natural existente na base da escarpa voltada para Barcarena ofereceu numerosos restos humanos (ossuário)

6 — Neolítico final; Calcolítico inicial e pleno da Estremadura; campaniforme; paleolítico inferior, médio e superior, em achados de superfície, especialmente na encosta voltada a nascente, até à ribeira de Barcarena; Medieval; Moderno; Contemporâneo

7 — BORGES (1988, p. 26-27); CARDOSO (1979, p. 265-273; 1980b, p. 211-304; 1981a, p. XVII-XVIII; 1981b, p. 190-235; 1982; 1984, p. 12; 1985, p. 10; 1986a, p. 9; 1986b, p. 17-18, 1986c, p. 10-11; 1987a, p. 46-52; 1987 b, p. 74-75; 1988, p. 12; 1989b, p. 17-18; 1989c; 1989e, p. 11-13; 1991c, p. 141-184; 1991d, p. 139-143; 1992a, p. 23-26; 1992b; 1993b); CARDOSO *et al.* (1983/84, p. 41-68; 1985b, p. 86-87; 1986c, p. 55-56; 1986d, p. 52-53; 1987; 1991, p. 17-23; 29-48; 1992, p. 67; 1993 b); CARTAILHAC (1886, p. 68-69); CARVALHO (1992, p. 55-57); CATANHO (1989, p. 19); CORDEIRO (1932, p. 36-38); CORREIA (1913a, p. 16-18); CUNHA *et al.* (1991, p. 7-14); DIÁRIO DA REPÚBLICA (1986, I Série, p. 2223); FERREIRA & CARDOSO (1975, p. 57-63); FIGUEIREDO (1987, p. 32-33); FONTES (1912a, p. 143, nota 2; 1955, p. 341-352); GONÇALVES (1979, p. 151); HENRIQUES (1992, p. 14); JALHAY (1947, p. 45); MACARA (1986, p. 5); N/A (1910, p. 237; 1977a; 1983a; 1983b, p. 3; 1984a, p. 3; 1984b, p. 11; 1986a, p. 14; 1986b; 1986c, p. 36; 1986d; 1986e; 1986f; 1986g, p. 1; 1986h; 1987a, p. 3; 1987b, p. 1; 1987c, p. 9; 1987d, p. 13; 1987e; 1987f, p. 10; 1987g; 1988a, p. 12; 1988b, p. 12; 1989, p. 8; 1990b; 1990c, p. 10; 1990d, p. 13; 1991a, p. 5; 1991b, p. 20-21; 1992, p. 6-7; 1993, p. 4-5); OLIVEIRA (1884, pl. IV); PAÇO (1961, p. 32-33); PEREIRA (1912, p. 273; 1970, p. 305; 1986, p. 10-11); RIBEIRO (1878); ROBALO (1986, p. 192; 1992, p. 23); ROSEIRA (1953, p. 301); SILVA (1988, p. 22-27; 1993, p. 24); SILVA & CABRITA (1966, p. 315); SINTRA (1991, p. 7); VASCONCELOS (1987, p. 49-51; 1917, p. 203-206; 1922, p. 295-296, Fig. 46; 1980a, p. 611-612; 1980b, p. 376); VIANA (1987; 1990, p. 10)

Fig. 15; Fig. 16; Fig. 17, n.ºs 1 a 5;  
 Fig. 18, n.ºs 1 a 3; Fig. 19, n.ºs 1 e 2;  
 Fig. 20, n.ºs 1 e 2



**Fig. 15** — *Leceia*: Em cima — Vista aérea oblíqua da área escavada (1983-1991); Em baixo: Pormenor do interior de recinto habitacional do Calcolítico pleno (Fase III cultural), observando-se duas lareiras geminadas (inéditos, das escavações de João Luís Cardoso).

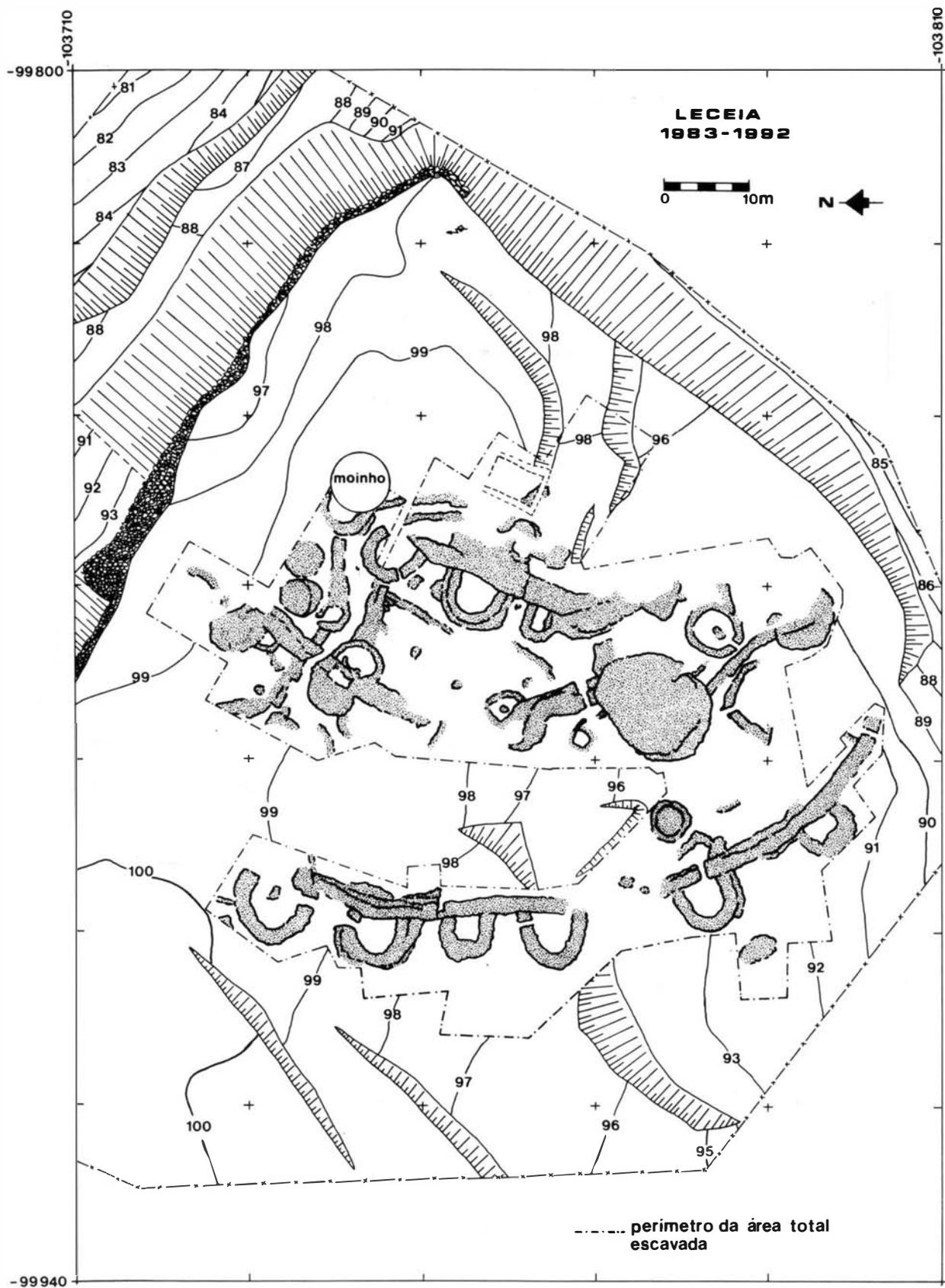


Fig. 16 — Povoado pré-histórico de Leceia. Planta da área escavada, das (excavações de J.L. Cardoso, inédita).

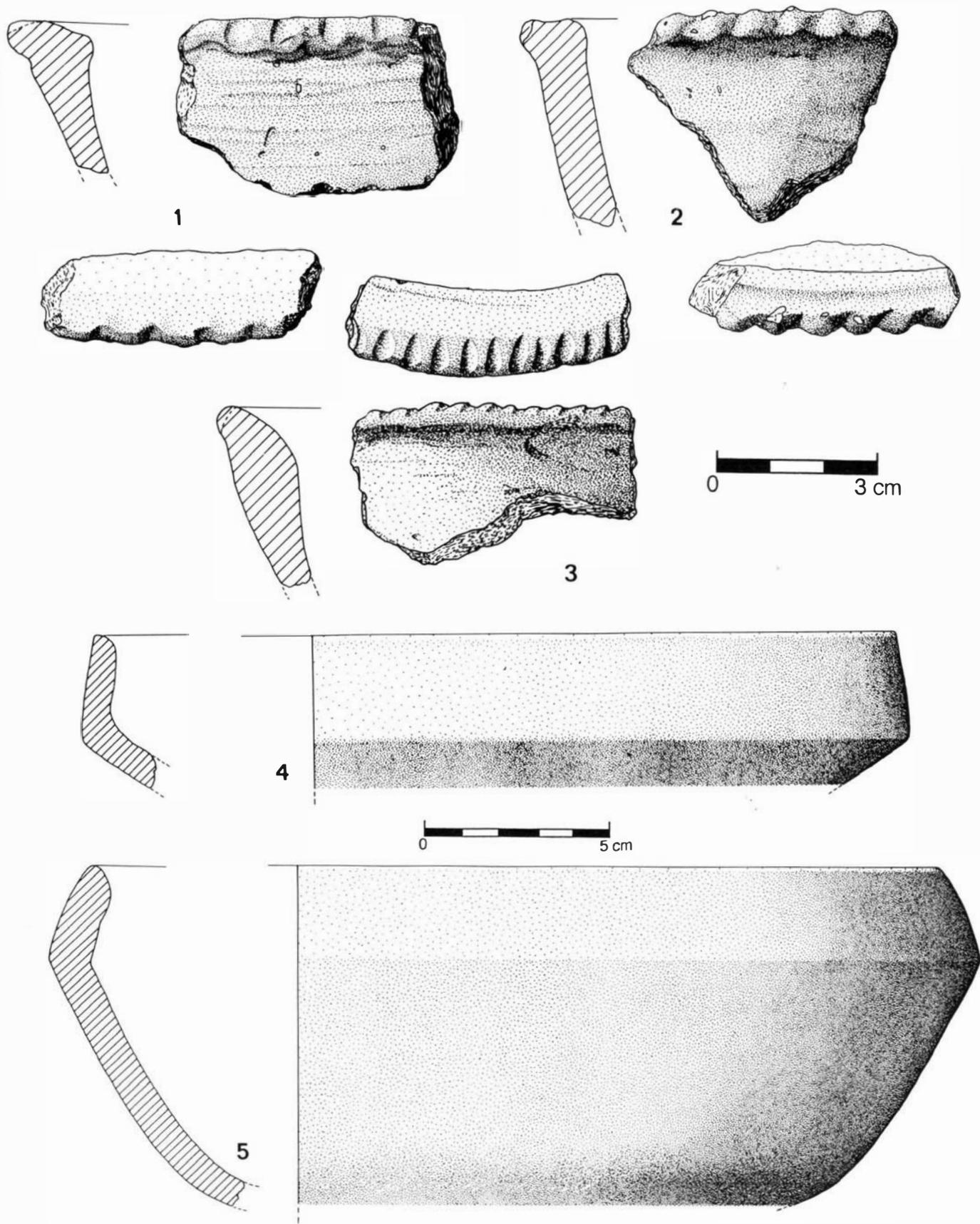
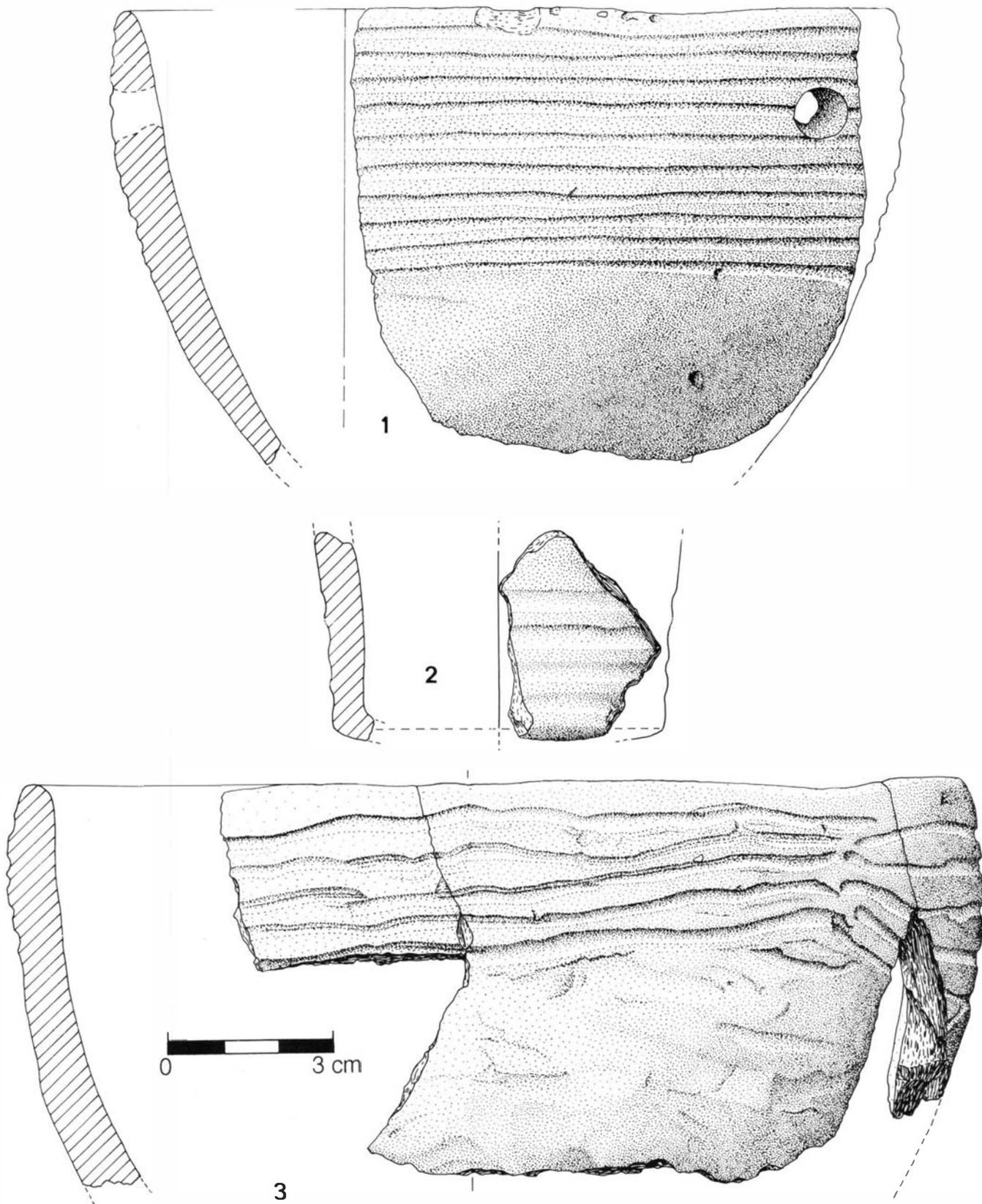
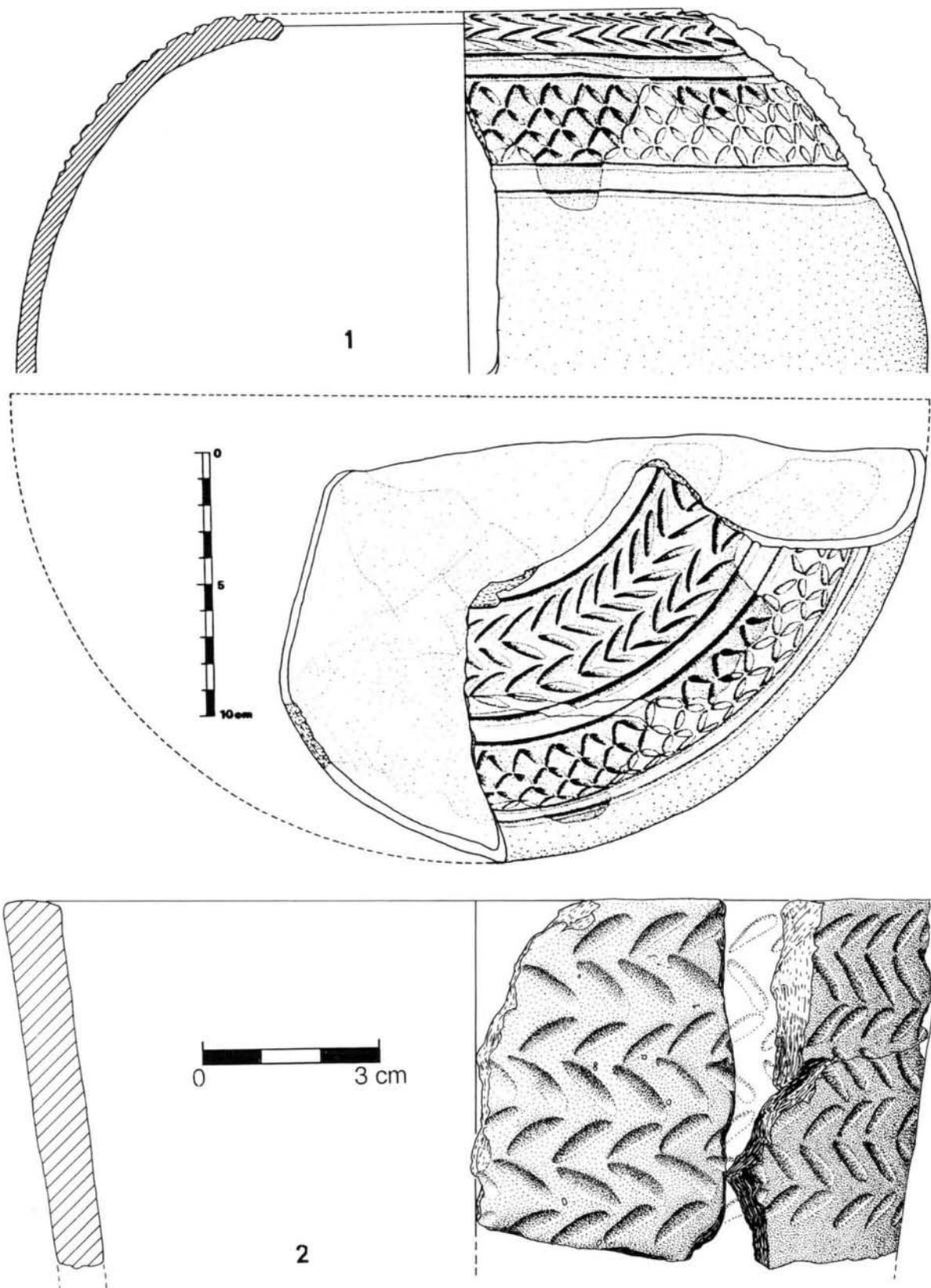


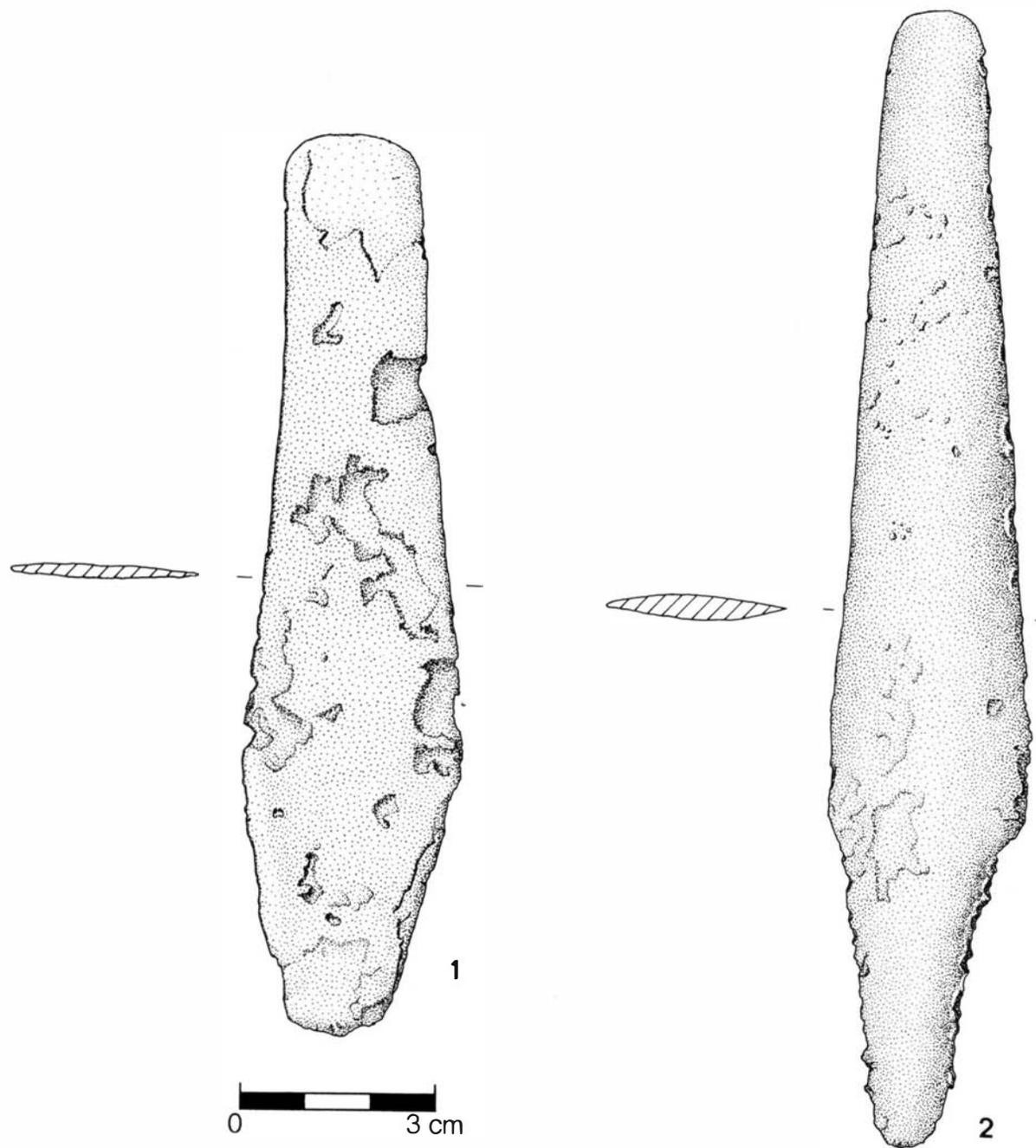
Fig. 17 — Leceia: Cerâmicas características do início da ocupação (Fase I cultural). 1 a 3 — Bordos denteados; 4 e 5 — Taças carenadas. Neolítico final da Estremadura (inéditos das escavações de João Luís Cardoso).



**Fig. 18** — *Leceia*: Cerâmicas características do apogeu da ocupação (Fase II cultural). 1 e 3 — Taças caneladas; 2 — Copo canelado. Calcolítico inicial da Estremadura (inéditos das escavações de João Luís Cardoso).



**Fig. 19** — *Leceia*: cerâmicas características do declínio da ocupação (Fase III cultural). 1 — Grande vaso globular com decoração de “folha de acácia” e de “crucíferas”. 2 — Copo com decoração de “folha de acácia”. Calcolítico pleno da Estremadura (inéditos das escavações de João Luís Cardoso).



**Fig. 20** — *Leceia*: Artefactos de cobre. 1 — Faca espatulada; 2 — Adaga. Fase III cultural — Calcolítico pleno da Estremadura (inéditos das escavações de João Luís Cardoso).

### 33

1 — ENCOSTA DE LECEIA

2 — Barcarena

3 — Encosta subjacente ao povoado pré-histórico de Leceia. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio

4 — R 003 966 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Achados isolados de superfície

6 — Paleolítico inferior/médio (Acheulense superior e Mustierense) e superior

7 — CARDOSO (1980, p. 214-217); CARDOSO *et al.* (1992, p. 67)

### 34

1 — SERVIÇOS RÁDIO ELÉTRICOS 1

2 — Barcarena

3 — Plataforma dominando a encosta esquerda da ribeira de Barcarena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — R 010 964 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Achados de superfície

6 — Paleolítico inferior, médio e superior

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 62-64); OLIVEIRA & BRANDÃO (1969, p. 289)

### 35

1 — SERVIÇOS RÁDIO ELÉTRICOS 2

2 — Barcarena

3 — Plataforma dominando a encosta esquerda da ribeira de Barcarena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — R 014 964 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Achados de superfície

6 — Paleolítico inferior/médio (Acheulense antigo, médio e superior; Mustierense) e superior; Ferro

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 62-64)

Fig. 21, n.º 1

### 36

1 — MONTE DA CRUZ

2 — Barcarena

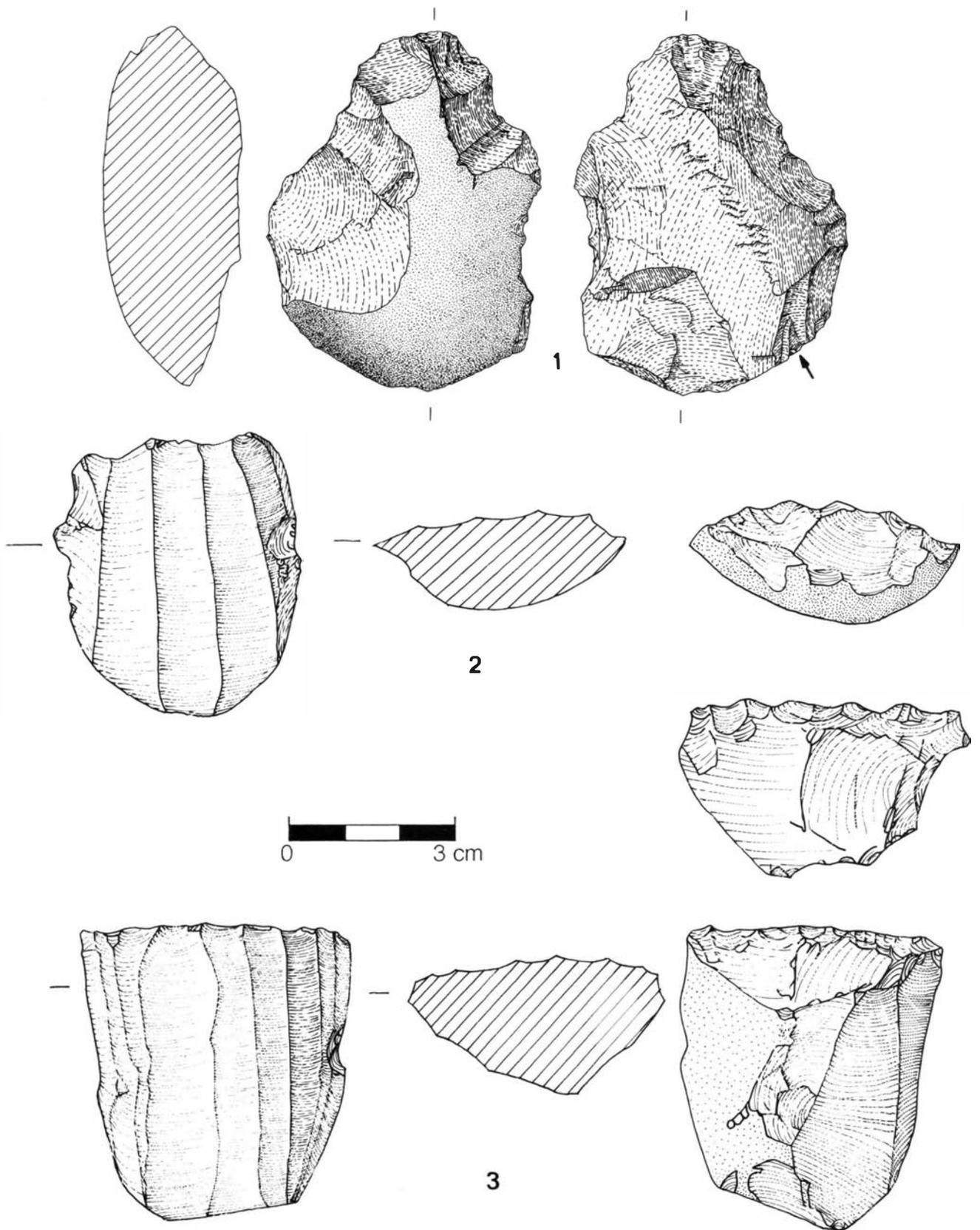
3 — A Sul dos Serviços Rádio-Eléctricos, junto à Estrada Militar. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — R 012 962 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Achados de superfície, muito escassos

6 — Paleolítico inferior/médio

7 — CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139, 1970, p. 137)



**Fig. 21** — *Serviços Radio-Eléctricos 2*: 1 — Raspador duplo convexo-côncavo. Acheulense médio. Quartzito. *Barotas - Leceia*: 2 e 3 — Núcleos prismáticos tabulares de lâminas. Neolítico. Sílex. (1, *in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 10, n.º 8; 2 e 3, *in* CARDOSO & COSTA, Est. 2, n.ºs 1 e 4).

### 37

- 1 — CABEÇO DE PAIMÃO
- 2 — Barcarena
- 3 — Encosta a Sudoeste do posto emissor de Valejas. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 016 963 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície, muito escassos
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139, 1970, p. 137)

### 38

- 1 — LECEIA-SUL
- 2 — Barcarena
- 3 — Periferia de área urbana de Leceia. Estação destruída. Calcários do Cenomaniano superior
- 4 — Q 999 959 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície, não observados
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

### 39

- 1 — BAROTAS — LECEIA
- 2 — Barcarena
- 3 — Topo da encosta direita da ravina do Carrascal, onde corre tributário da margem direita da ribeira de Barcarena. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 998 955 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Vestígios de oficina de talhe de instrumentos epipaleolítica/neolítica; pequeno povoado calcolítico e da Idade do Bronze. Achados de superfície
- 6 — Epipaleolítico/Neolítico; Calcolítico; Bronze
- 7 — CARDOSO & COSTA (1992, p. 229-245)

Fig. 21, n.ºs 2 e 3

#### 40

- 1 — CASTELO 1.º — 1
- 2 — Barcarena
- 3 — Área adjacente a pedreira abandonada. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 998 955 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — *Tholos* destruído; vestígios de povoado com materiais conservados no lapias cortado pela frente da pedreira
- 6 — Neolítico; Calcolítico; campaniforme
- 7 — CARDOSO (1980b, p. 213-214; 1981a, p. XVII-XVIII; 1989a, p. 17); CARDOSO *et al.* (1993b); OLIVEIRA & BRANDÃO (1969, p. 289)

#### 41

- 1 — CASTELO 1.º — 2
- 2 — Barcarena
- 3 — Terrenos adjacente à elevação, do lado poente
- 4 — Q 972 952 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — CORREIA (1912, p. 61)

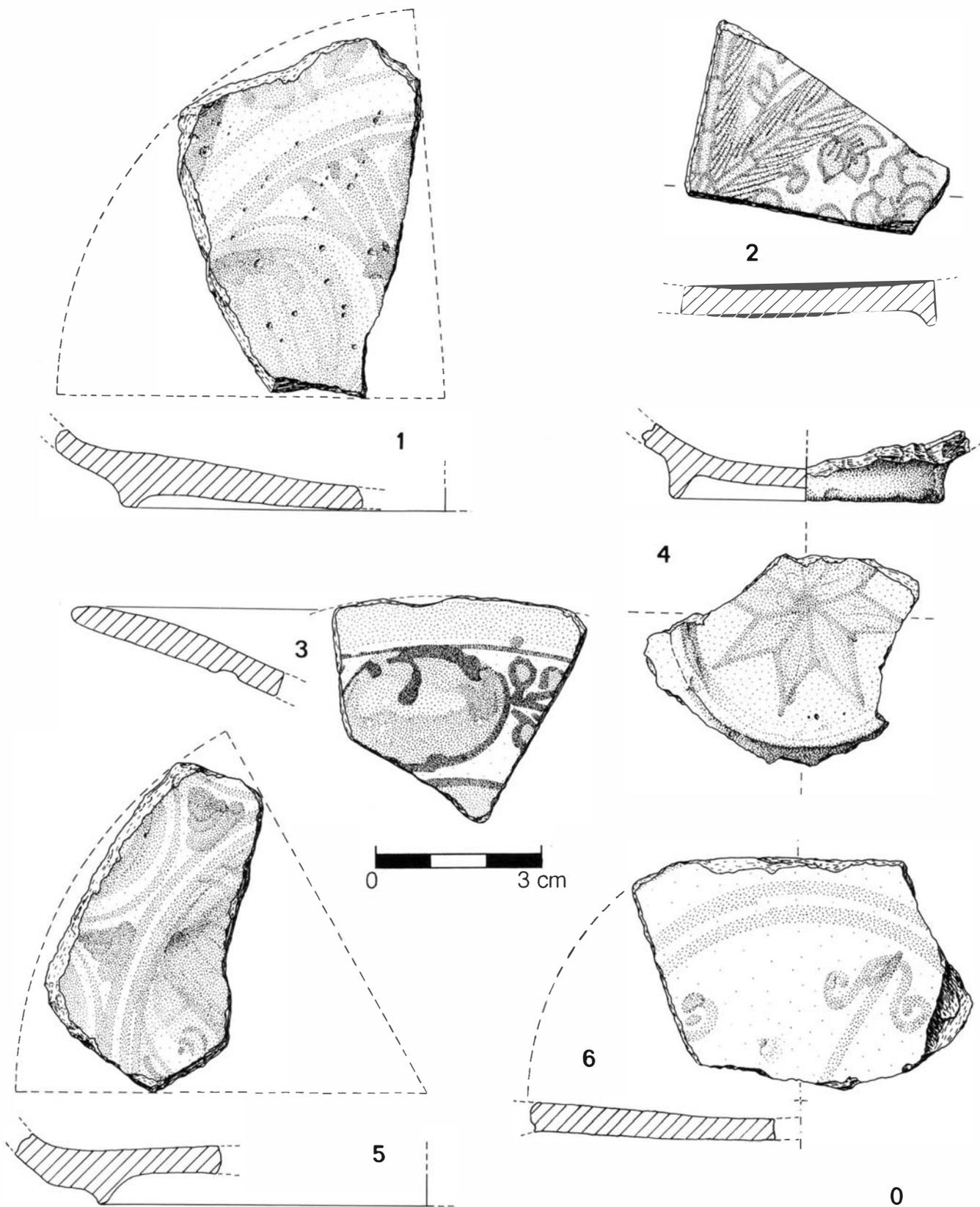
#### 42

- 1 — MOINHOS DOS QUARTOS
- 2 — Barcarena
- 3 — Plataforma dominando a encosta esquerda do vale da ribeira de Barcarena. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — R 009 953 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achados de superfície; cerâmicas erodidas e sílices de escasso significado
- 6 — Bronze
- 7 — Inédita

#### 43

- 1 — QUINTA DA MOURA
- 2 — Barcarena
- 3 — Margem direita da ribeira de Barcarena, antiga casa da Quinta da Moura. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — R 005 950 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Construção senhorial do séc. XVI de que se conservam apenas vestígios: lintéis de portas e janelas, escadaria, tanques e fonte. Entulheira com materiais cerâmicos coevos e ulteriores. Inscrição na fonte do séc. XIX
- 6 — Moderno e Contemporâneo
- 7 — CARDOSO (1985a, p. 13); CORDEIRO (1932, p. 40)

Fig. 22, n.ºs 1 a 6



**Fig. 22** — *Quinta da Moura*: 1, 3 a 6 — Fragmentos de pratos e tigela (3) de faiança portuguesa do século XVII; 2 — Fragmento de prato de porcelana da China coeva, decorada com motivos florais (flores de lótus) (inéditos).

#### 44

- 1 — LIXEIRA DE PORTO SALVO
- 2 — Oeiras
- 3 — Antiga lixeira de Porto Salvo, a poente do Casal do Serigato, na encosta esquerda da ribeira da Laje (ou das Parreiras). Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 973 961 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais isolados, representados por cerâmicas dispersas
- 6 — Ferro. O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski assinalaram vestígios romanos
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII)

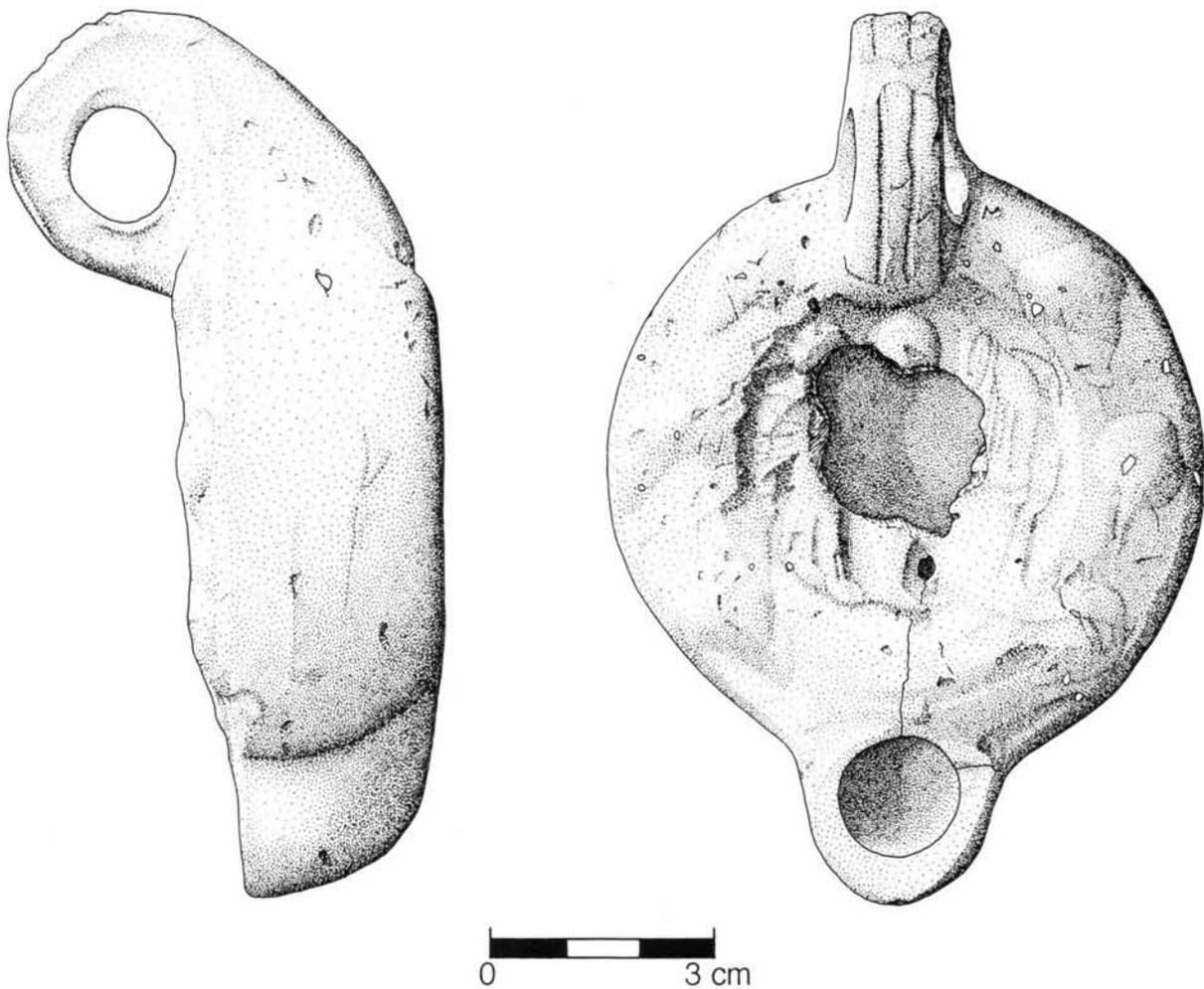
#### 45

Fig. 23; Fig. 24

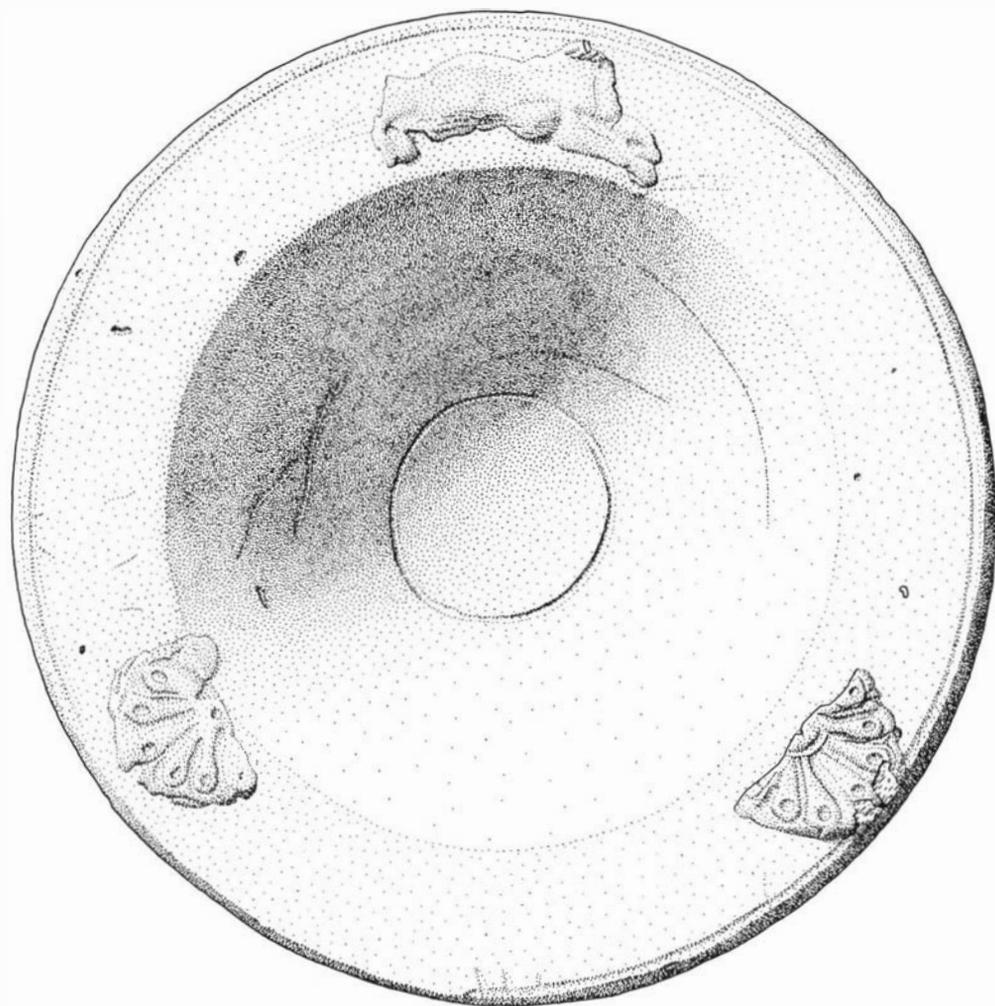
- 1 — SOL AVESSE — PORTO SALVO
- 2 — Oeiras
- 3 — Rua de São Sebastião no Bairro de Auto Construção de Porto Salvo. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 978 956 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Peças paleolíticas indiferenciadas, de superfície, recolhidas a Sul de Sol Avesse e conservadas no Museu Nacional de Arqueologia. Cemitério de inumação representado por várias sepulturas estruturadas, das quais se escavaram três. Exumaram-se vários objectos, destacando-se uma lucerna muito erodida, especialmente no disco e uma taça de *terra sigillata* clara C
- 6 — Paleolítico; Romano; Visigótico
- 7 — CARDOSO (1981a, XVII-XVIII); MATOS (1968, p. 191-194); N/A (1964a, b)

#### 46

- 1 — PENAS ALVAS
- 2 — Oeiras
- 3 — Alto sobranceiro da encosta esquerda da ribeira da Laje, a poente de Porto Salvo. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 975 953 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Pequeno povoado representado por escassos materiais cerâmicos e sílices. No prolongamento, para Sul, desta elevação, recolheram-se materiais neolíticos e calcolíticos (informação de J.J. Fernandes Gomes, Julho de 1993)
- 6 — Neolítico / Calcolítico. Assinalaram-se materiais paleolíticos, que não confirmámos
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 47); CORREIA (1912, p. 61); FONTES (1912b, p. 3; 1913, Fig. 35); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 138)



**Fig. 23** — *Sol Avesso - Porto Salvo*: Lucerna. No disco, a representação de duas prováveis figuras humanas, de corpo inteiro e objecto indeterminado, à direita. Período Romano. Cerâmica (desenho inédito).



**Fig. 24** — *Sol Avesso - Porto Salvo*: Taça de *terra sigillata* clara C. Período Romano tardio. Cerâmica (inérita).

#### 47

- 1 — QUINTA DA BOIÇA
- 2 — Oeiras
- 3 — Jardins anexos à casa da Quinta. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 972 952 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Silos escavados na rocha (calcários brandos)
- 6 — Medieval
- 7 — Inédita

#### 48

- 1 — VILA FRIA
- 2 — Oeiras
- 3 — Terrenos lavrados a nascente de Vila Fria. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 991 946 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Cerâmicas erodidas, muito dispersas
- 6 — Bronze
- 7 — Inédita

#### 49

- 1 — PONTE DA LAJE
- 2 — Oeiras
- 3 — Junto à povoação da Laje. Margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 974 945 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Ponte de antigo caminho em parte calcetado. Estrutura constituída por dois pilares com talha-mar voltado a montante suportando tabuleiro constituído por grandes lages de calcário
- 6 — Medieval ou Moderna
- 7 — FERREIRA & FERREIRA (1962, p. 221); N/A (1985)

#### 50

- 1 — LAJE POENTE
- 2 — Oeiras
- 3 — Pedreira abandonada, aproveitada para campo de jogos, a poente da povoação da Laje. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 971 944 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Fragmentos de cerâmicas dispersos, em parte em antigos desmontes da pedreira
- 6 — Paleolítico inferior arcaico; Paleolítico inferior; Neolítico / Calcolítico
- 7 — Inédita

Fig. 25, n.ºs 1 e 2

Fig. 25, n.ºs 3 a 5

## 51

- 1 — GRUTA DA PONTE DA LAJE
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta esquerda da ribeira da Laje, defronte à povoação. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 074 943 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Cavidade natural com materiais líticos, cerâmicos e metálicos de diversas épocas. Vestígios de estratigrafia e de estruturas (sepultura neolítica)
- 6 — Vestígios de ocupação do Paleolítico médio e superior, Neolítico, Calcolítico (avultando as cerâmicas campaniformes), Bronze e Ferro
- 7 — BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, p. 211 e seg.); CARDOSO (1978, p. 5; 1981a, p. XVII-XVIII; 1987 b, p. 72; 1993c); CARDOSO *et al.* (1991, p. 25-27; 67-71, 1993b); FERREIRA (1962, p. 230; 1966, p. 41-42; 1982, p. 293); FERREIRA & FERREIRA (1962, p.222); FERREIRA & LEITÃO (1981, p. 83); OLLIVIER (1946, p. 71); ROCHE (1966, p. 40-41); SILVA & CABRITA (1966, p. 137); VAULTIER *et al.* (1959, p. 111-115). VEIGA (1889, p. 128-129; 1891, p. 38, 149 e Est. III); ZBYSZEWSKI *et al.* (1957a, p. 389-402; 1957b, p. 189)

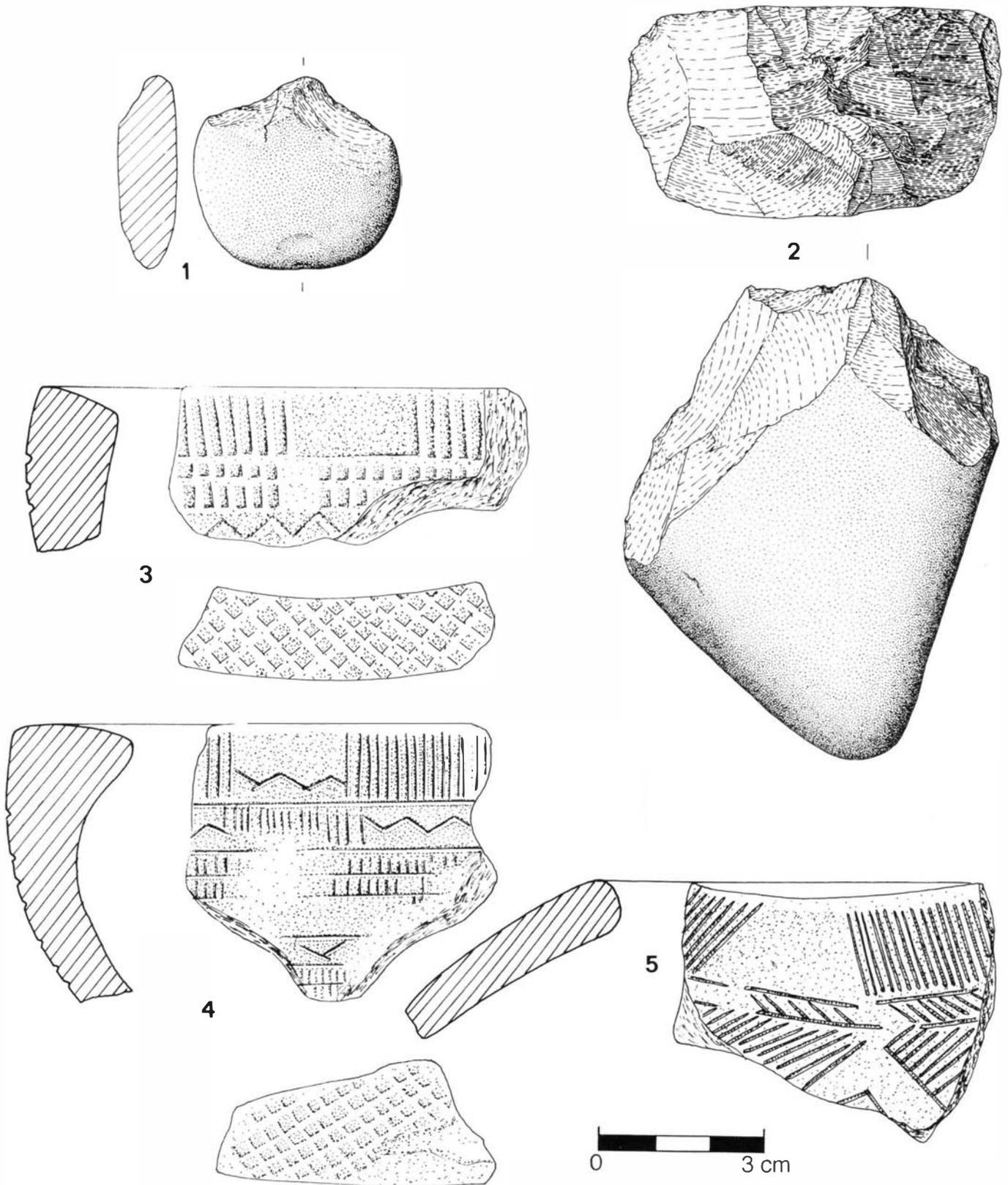
## 52

Fig. 27, n.º 1

- 1 — QUINTA DA FONTE
- 2 — Oeiras
- 3 — A Sul das construções da quinta, em encosta suave voltada a nascente. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 986 942 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos dispersos, em terrenos lavrados
- 6 — Paleolítico inferior, médio (Acheulense médio e superior; Mustierense) e superior; pós-paleolítico; Neolítico; Calcolítico
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 56-58)

## 53

- 1 — FONTE DO ARNEIRO
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta suave voltada a Sul, do lado nascente da povoação do Arneiro
- 4 — Q 969 941 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais dispersos, de superfície, essencialmente cerâmicos. Estação destruída
- 6 — Romano; Moderno
- 7 — Inédita



**Fig. 25** — *Lagoa Poente*: 1 — Seixo afeiçoado. Pré-Acheulense. Quartzito; 2 — Seixo afeiçoado, com extremidade superior em raspadeira. Acheulense superior. Quartzito. *Gruta da Ponte da Lagoa*: 3 e 4 — Fragmentos de bordos de taças com decoração incisa; 5 — Fragmento de bordo de vaso globular com decoração incisa. Catolítico final — Campaniforme. Cerâmica. (1 e 2, inéditos; 3 a 5, *in* CARDOSO *et al.*, 1993 b).

#### 54

- 1 — CACILHAS
- 2 — Oeiras
- 3 — Colina dominando, do lado esquerdo, o vale da ribeira da Laje. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos
- 4 — Q 978 940 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais escassos de superfície, essencialmente cerâmicos
- 6 — Bronze; Ferro; Contemporâneo
- 7 — Inédita

#### 55

Fig. 26

- 1 — ALTO DA PEÇA 1
- 2 — Oeiras
- 3 — Colina a nascente de Cacilhas. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos
- 4 — Q 985 941 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Achado isolado — lápide tumular com inscrição, do século I d.C. de calcário (pedra lioz)
- 6 — Romano
- 7 — Inédita

#### 56

- 1 — ALTO DA PEÇA 2
- 2 — Oeiras
- 3 — Terrenos entre a Tapada do Mocho e a Quinta da Fonte. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 984 939 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos, escassos, dispersos em terrenos agrícolas
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze; Ferro
- 7 — Inédita

#### 57

- 1 — ABEGOARIA
- 2 — Oeiras
- 3 — Terrenos a poente do edifício da abegoaria (“casa da manteiga”) da Quinta do Marquês. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos
- 4 — Q 966 937 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais cerâmicos dispersos
- 6 — Medieval (árabe?); Moderno; Contemporâneo
- 7 — Inédita



**Fig. 26** — *Alto da Peça 1*: Em cima — Pormenc. da área epigrafada da lápide romana, encimada por rosácea em alto relevo. Em baixo — Momento da remoção do monumento, em Dezembro de 1992 (inéditos).

## 58

Fig. 27, n.º 2

- 1 — CEMITÉRIO DE OEIRAS
- 2 — Oeiras
- 3 — Terrenos lavrados a nascente do cemitério. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 981 930 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos à superfície do terreno
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior); Bronze; Romano (materiais conservados no Museu Nacional de Arqueologia, talvez provenientes da actual área urbana da vila).
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO *et al.* (1992, p. 58-59)

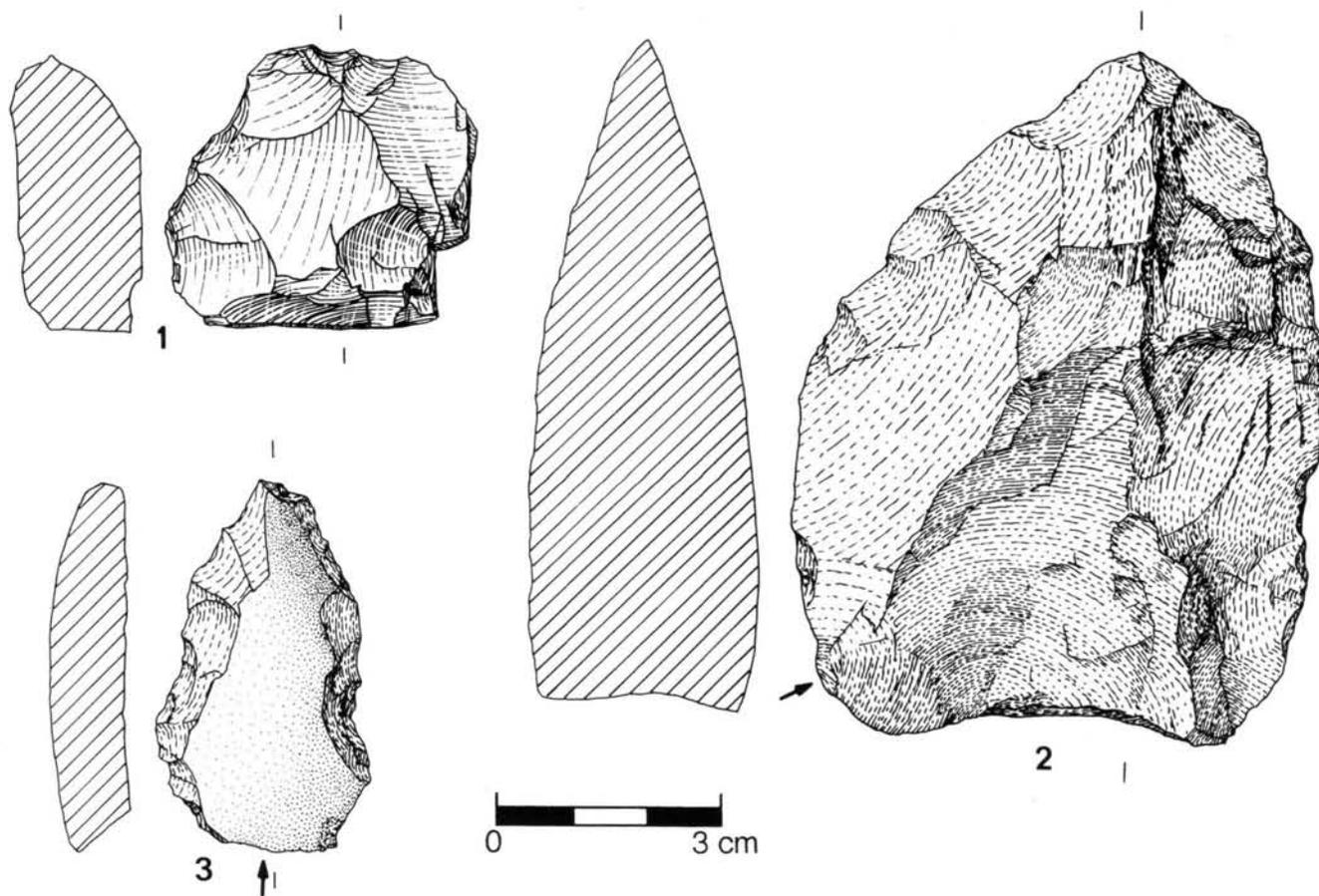
## 59

- 1 — JUNÇÃO DO BEM
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta sobranceira à povoação de Oeiras do lado noroeste, dominando o troço terminal do vale da ribeira da Laje. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos
- 4 — Q 975 929 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Cemitério de onde provêm, provavelmente, diversas lápides romanas, de carácter funerário
- 6 — Romano
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CORREIA (1913b, p. 93); FERREIRA & FERREIRA (1962, p. 224); HÜBNER (1869, 1892 - inscrições n.º 5009, 5011, 5016)

## 60

Fig. 27, n.º 3

- 1 — ALTO DO PUXA FEIXE
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta suave voltada a Sul, actualmente muito afectada pela construção. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 984 928 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, de sílex
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior)
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 47, 48); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 138)



**Fig. 27** — *Quinta da Fonte*: 1 — Núcleo mustierense. Sílex. *Cemitério de Oeiras*: 2 — Uniface cordiforme. Acheulense superior. Quartzito. *Alto do Puxa-Feixe*: 3 — Raspador duplo convergente. Acheulense antigo a médio. Quartzito. *Rua das Alcáçimas*: 4 — Vista parcial do mosaico romano policromo (1, 2 e 3, in CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 11, n.º 1; Est. 6, n.º 4; Est. 11, n.º 5).

## 61

- 1 — QUINTA DA FIGUEIRINHA
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta suave voltada a Sul, prolongamento da encosta da estação anterior. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 980 925 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos de superfície, em área hoje ocupada por urbanizações
- 6 — Paleolítico inferior(?) e médio
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 48); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 138)

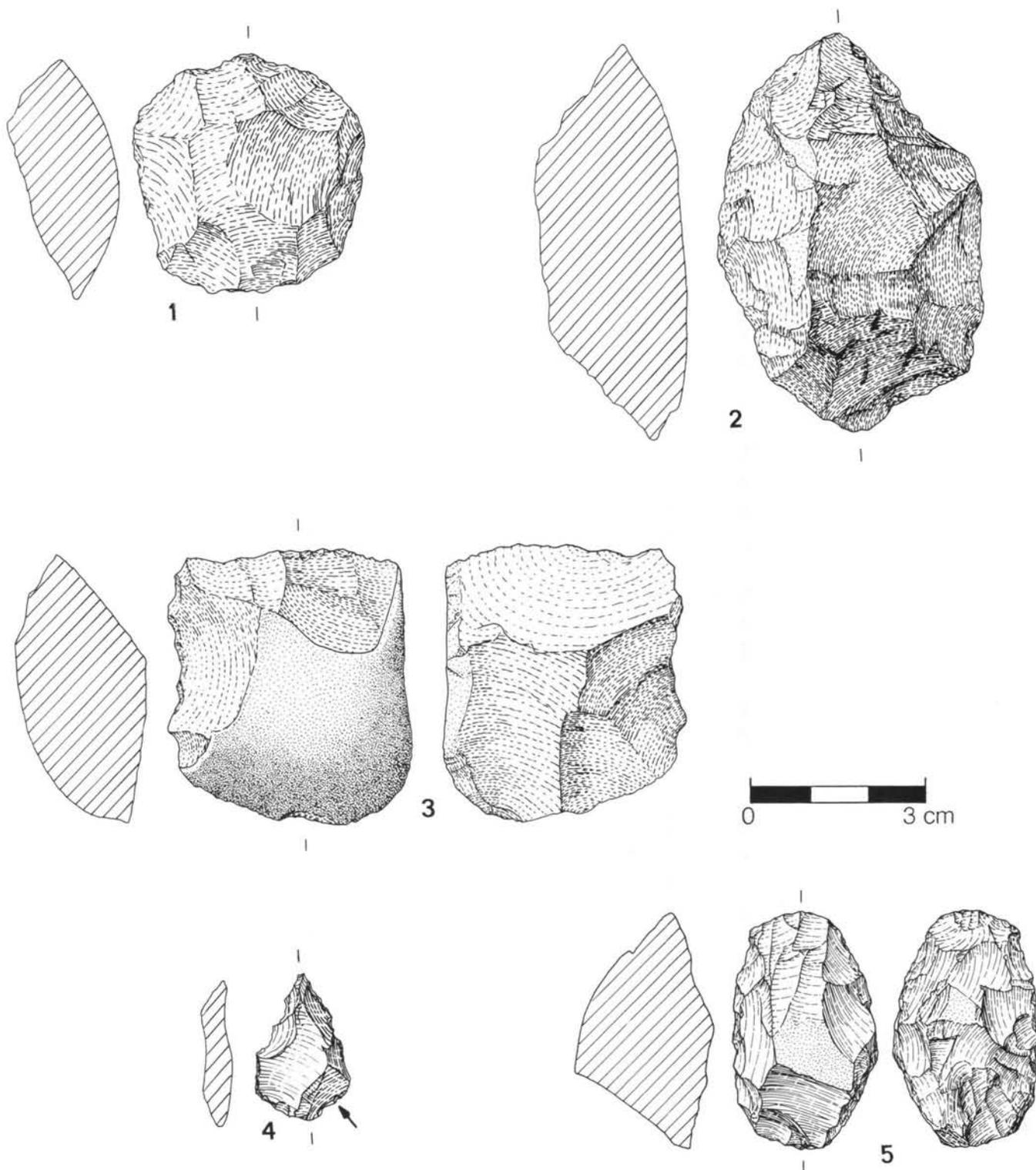
## 62

Fig. 27, n.º 4

- 1 — RUA DAS ALCÁCIMAS ou ALCÁSSIMAS
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta virada a poente, de declive suave, da margem esquerda da ribeira da Laje. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 974 024 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Mosaico e materiais cerâmicos diversos
- 6 — Romano
- 7 — ALARCÃO (1988, p. 135); CARDOSO (1977; 1981a, p. XVII-XVIII); CARDOSO & ANDRÉ (1993); CHAVES (1937, p. 56-60); CORREIA (1913b, p. 93); FERREIRA & FERREIRA (1962, p. 224-225); MIRANDA (1980, 1991); N/A (1903; 1977b, p. 15; 1977c); RIBEIRO (1924); VASCONCELOS (1916, p. 142-145)

## 63

- 1 — RUA JOÃO TEIXEIRA SIMÕES
- 2 — Oeiras
- 3 — Área urbana da vila de Oeiras, junto à capela de Santo Amaro. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 975 922 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Escassos fragmentos de cerâmica grosseira, recolhidos em vala de obras
- 6 — Neolítico / Calcolítico
- 7 — Inédita



**Fig. 28** — *Antas - Sul*: 1 — Calote de seixo afim dos núcleos mustierenses. Quartzito. *Fontainhas e Fontainhas - Oeste*: 2 — Raspador duplo aparentado dos unifaces. Acheulense superior. Quartzito; 3 — Calote de seixo — núcleo mustierense. Quartzito; 4 — Ponta. Mustierense. Sílex; 5 — Núcleo de lâminas. Paleolítico superior (1 a 4, *in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 5, n.º 2 e Est. 4, n.ºs 7, 12 e 16; 5, inédito).

## 64

Fig. 29, n.º 2

- 1 — ANTAS OESTE
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta suave voltada a Sul, constituindo plataforma (rechã de terraço fluvial?)  
Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 968 921 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Estação de superfície, representada por indústrias líticas de sílex e de quartzito
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense médio e superior)
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 55)

## 65

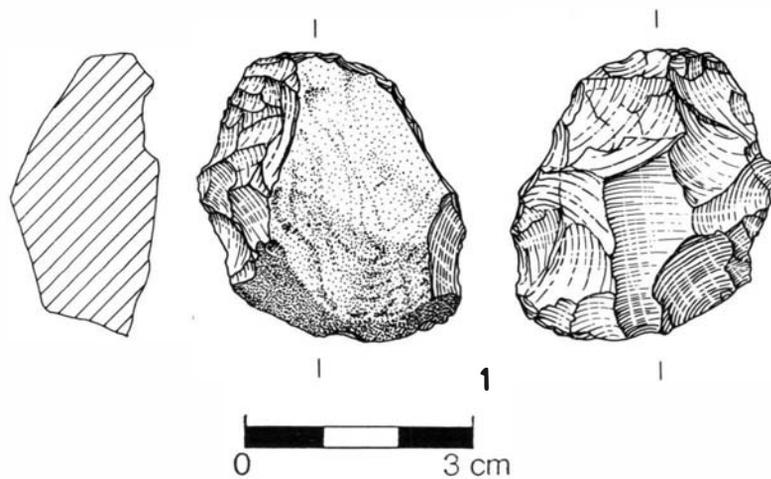
Fig. 29, n.º 2

- 1 — MOINHO DAS ANTAS — ESPARGAL
- 2 — Oeiras
- 3 — Encosta adjacente à da estação anterior, limitada a Norte pela urbanização da Quinta do Espargal. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 981 921 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Estação de superfície representada por materiais líticos de sílex e de quartzito
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo e superior), médio e superior
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 53); FERREIRA & FERREIRA (1962, p. 222)

## 66

Fig. 28, n.º 1; Fig. 29, n.º 2

- 1 — ANTAS — SUL
- 2 — Oeiras
- 3 — Plataforma (rechã de terraço) entre a linha férrea e a estrada marginal. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 983 917 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Estação de superfície, prolongamento da anterior, representada por materiais de sílex e de quartzito. Escassas cerâmicas
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior); Neolítico / Calcolítico, assinalado por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 53, 54)



**Fig. 29** — *Forte das Maias*: Em cima — Raspadeira sobre núcleo mustierense. Em baixo — Fotografia aérea oblíqua do litoral de Paço de Arcos, observando-se as jazidas de Fontainhas e Fontainhas-Oeste; Moinho das Antas — Espargal; Antas-Oeste; Antas-Sul; Santo Amaro de Oeiras; e Forte das Maias, nos terrenos a Norte e a Sul da via férrea. Foto de 9 de Julho de 1969 gentilmente cedida pelo Dr. Manuel Leitão e Eng.º C. T. North (1 e 2, *in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 11, n.º 4 e Fot. 1).

## 67

### 1 — FONTAÍNHAS E FONTAÍNHAS — OESTE

2 — Oeiras

3 — Plataforma litoral, limitada em parte por escarpa com máximo de 8 m de altura. Rochas do Complexo Basáltico de Lisboa e calcários duros do Cenomaniano superior

4 — Q 981 918 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Estação de superfície, representada por materiais de quartzito e de sílex

6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior); Paleolítico superior e pós-Paleolítico

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 49-53); FERREIRA & LEITÃO (1981, p. 83); PAÇO (1940, p. 138; 1970, p. 138); ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 244-245)

Fig. 28, n.º 2 a 5; Fig. 29, n.º 2

## 68

### 1 — SANTO AMARO DE OEIRAS

2 — Oeiras

3 — Plataforma litoral muito destruída situada a Norte da linha férrea, utilizada como terrenos agrícolas. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — Q 967 916 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Materiais de superfície, de sílex e de quartzito

6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo, médio e superior) e médio

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 55-56)

Fig. 29, n.º 2

## 69

### 1 — FORTE DAS MAÍAS

2 — Oeiras

3 — Plataforma litoral, limitada por escarpa com máximo de 8 m de altura, adjacente ao forte, do lado esquerdo. Rochas do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — Q 980 916 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Materiais de superfície, de sílex e de quartzito

6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo e superior) e médio

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 66-67).

Fig. 29, n.º 1 e 2

## 70

### 1 — BATERIA DE SÃO GONÇALO — MEDROSA

2 — Oeiras

3 — Plataforma (restos de terraço plistocénico)

4 — Q 964 914 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Materiais de superfície, muito escassos, de sílex e de quartzito

6 — Paleolítico inferior e médio

7 — Inédita

## 71

- 1 — ALTO DA BARRA — REDUTO RENATO GOMES FREIRE DE ANDRADE I
- 2 — Oeiras
- 3 — Plataforma litoral, com restos de depósitos de terraço plistocénico (Tirreniano I)
- 4 — Q 967 909 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície e recolhidos “in situ” nos cortes abertos para a construção da urbanização do Alto da Barra, em 1972
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense médio e superior)
- 7 — CARDOSO *et al.* (1993a)

## 72

- 1 — SÃO JULIÃO
- 2 — Oeiras
- 3 — Plataforma litoral, muito destruída pela ocupação humana, com restos de depósitos de terraço plistocénico (Tirreniano I)
- 4 — Q 962 906 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais muito escassos, de superfície e “in situ”, recolhidos em antiga saibreira hoje desaparecida. Conservam-se no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa)
- 6 — Paleolítico inferior
- 7 — BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945, p. 265); CARDOSO *et al.* (1993); ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 241-243)

## 73

- 1 — FORTE DE CATALAZETE
- 2 — Oeiras
- 3 — Praia da Feitoria, trecho do litoral adjacente ao Forte de Catalazete. Rochas do Complexo Basáltico de Lisboa; margas e calcários margosos do Cenomaniano inferior e médio
- 4 — Q 969 907 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, muito escassos, recolhidos na praia e junto às arribas
- 6 — Paleolítico inferior e médio
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 244)

#### 74

- 1 — QUINTA DO JARDIM — MURGANHAL
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Nos terrenos aluviais do vale da ribeira de Barcarena, junto da Quinta do Jardim
- 4 — R 008 944 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos de superfície, não observados
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CHOFFAT (1935)

#### 75

Fig. 30

- 1 — LAVEIRAS 1
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Encosta suave, voltada a nascente, ao longo da margem direita da ribeira de Barcarena. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — R 007 940 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — 2 lápides reaproveitadas, com inscrições funerárias. Restos de materiais de provável necrópole romana, em área correspondente a parte da Av. Cons. Ferreira Lobo, em Caxias
- 6 — Romano
- 7 — FERREIRA (1960, p. 111-117); HÜBNER (1869, 1872, 1892, inscrição n.º 266); N/A (1962); N/A (1963); PEREIRA (1933, p. 106-117)

#### 76

- 1 — LAVEIRAS 2
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Depósitos aluvionares modernos da ribeira de Barcarena, nas imediações de Laveiras
- 4 — R 008 938 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, não observados, em zona actualmente muito perturbada pela ocupação humana
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico(?). No Museu Nacional de Arqueologia conservam-se dois artefactos de pedra polida, com indicação de proveniência de Caxias, que poderão ter sido recolhidos neste local
- 7 — PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)



**Fig. 30** — *Laveiras 1*: Lápide sepulcral de *Flavius Quadratus*, porta-estandarte da II Legião, recolhida em Laveiras (em depósito no Museu Nacional de Arqueologia). Leitura, segundo Félix Alves Pereira (PEREIRA, 1933):

“N. Flávio Quadrato, filho de Marco (Flávio) da (tribu) Galéria, aquilífero da legião segunda, construiu para si próprio em vida o monumento (ou sepulcro). Este monumento, com as vedações do caramanchão, não passa aos herdeiros”.

Fig. 31

**77**

- 1 — CAXIAS — FORTE DE SÃO BRUNO
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Praia actual, a montante do Forte de São Bruno, na confluência com a ribeira de Barcarena
- 4 — R 008 929 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, nas cascalheiras actuais, de quartzito, calcário e sílex
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 246-249)

**78**

- 1 — FORTE DA GIRIBITA
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Praia actual, do lado de jusante do pequeno promontório onde se situa o Forte da Giribita
- 4 — R 999 928 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, nas cascalheiras actuais, de quartzito, calcário, basalto e sílex
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 245-246)

**79**

- 1 — RUA JOAQUIM MOREIRA RATO
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Limite da área urbana de Paço de Arcos, prolongamento da estação de Puxa-Feixe. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — Q 986 926 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Fragmentos cerâmicos muito dispersos, em zona urbanizada
- 6 — Bronze
- 7 — Inédita

**80**

- 1 — QUARTEL DE PAÇOS DE ARCOS
- 2 — Paço de Arcos
- 3 — Plataforma (rechã de terraço) correspondendo aos terrenos da Escola Militar de Electromecânica, talhada em calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — Q 987 923 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, muito escassos, de diversas épocas, de quartzito, sílex e cerâmicos
- 6 — Paleolítico inferior ou médio (?); Neolítico (?); Romano
- 7 — RODRIGUES (1984, p. 48)



**Fig. 31** — *Caxias - Forte de S. Bruno*: Biface lanceolado. Acheulense superior. Quartzito (*in* ZBYSZEWSKI *et al.*, 1979, Fig. 1).

## 81

Fig. 32, n.º 1

- 1 — SOPÉ DA SERRA DE CARNAXIDE
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave voltada a Sul, no sopé da serra de Carnaxide. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 038 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Escassos materiais de superfície, predominando indústrias líticas de sílex e de quartzito e materiais cerâmicos
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico; Ferro
- 7 — CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII); CORREIA (1917, p. 61); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

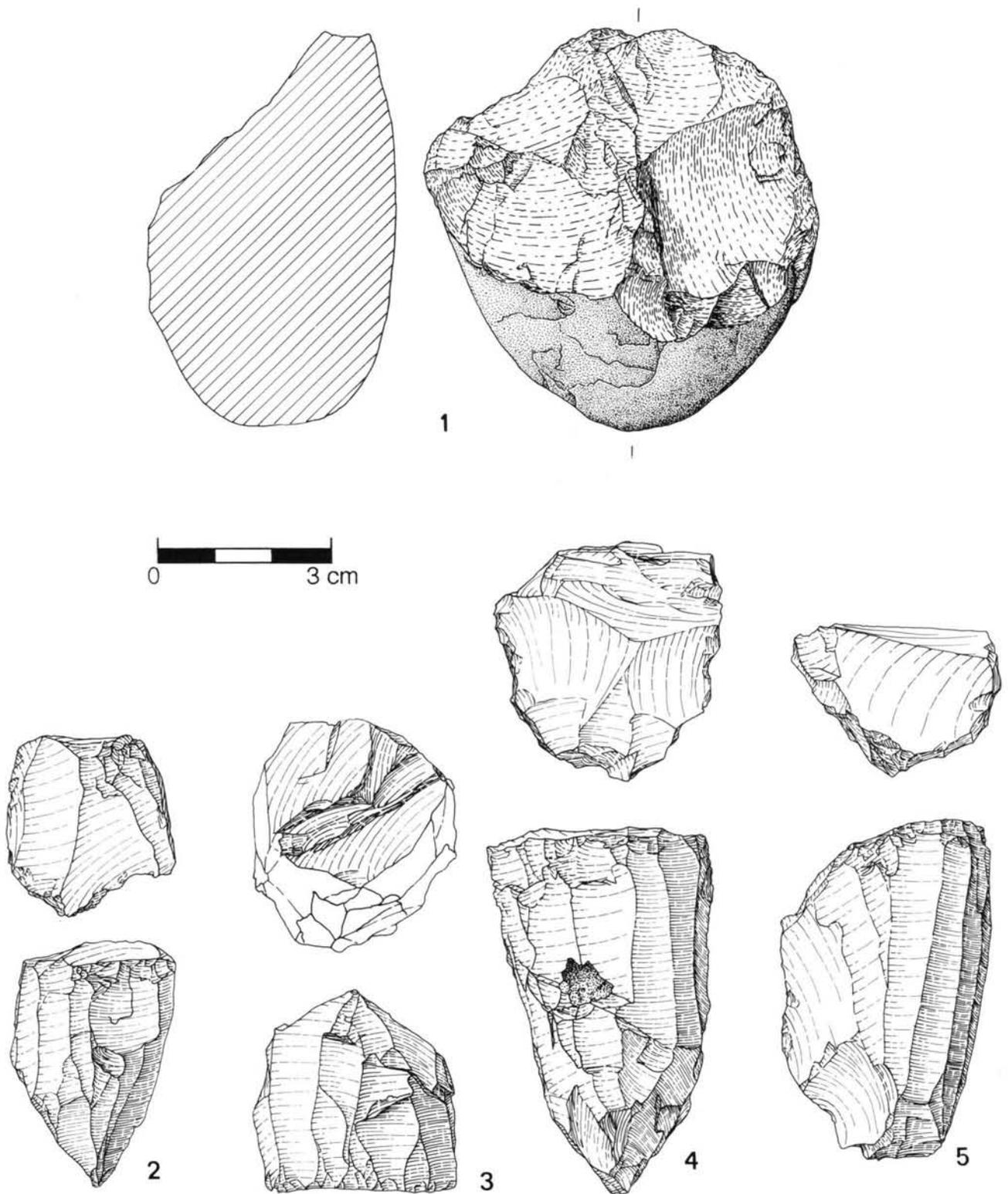
## 82

Fig. 32, n.ºs 2 a 5

- 1 — MOINHOS DE NOSSA SENHORA DE CARNAXIDE
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave voltada a Sul perto do topo da serra de Carnaxide, dominando a encosta da margem esquerda do rio Jamor. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 026 968 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, avultando grandes núcleos de lâminas, de sílex
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico
- 7 — CHOFFAT (1935); CORREIA (1917, p. 61); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

## 83

- 1 — SERRA DE CARNAXIDE 1
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta sul da serra de Carnaxide, do lado poente dos respiradouros das minas do aqueduto de Carnaxide. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 031 967 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Escassos materiais de superfície, constituídos por indústrias líticas e cerâmicas
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico; Ferro
- 7 — Inédita



**Fig. 32** — *Sopé da Serra de Carnaxide*: 1 — Seixo afeiçoado por truncatura distal. Acheulense médio. Quartzito. *Moinhos de Nossa Senhora de Carnaxide*: 2 a 5 — Núcleos de lâminas, piramidal (2); bipolar (3) e prismáticos (4 e 5) (inéditos).

## 84

- 1 — SERRA DE CARNAXIDE 2
- 2 — Carnaxide
- 3 — Zona adjacente da estação anterior, entre os respiradouros do aqueduto de Carnaxide. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 032 966 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Escassos materiais de superfície, de épocas muito diferentes
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico, incluindo fragmentos cerâmicos campaniformes; Ferro
- 7 — Inédita

## 85

- 1 — SUL DA RÁDIO MARCONI
- 2 — Carnaxide
- 3 — Plataforma da encosta meridional da serra de Carnaxide, a sul da Rádio Marconi. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 036 969 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Escassos materiais de superfície, de natureza e épocas muito diferentes
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico, incluindo fragmentos cerâmicos campaniformes; Ferro
- 7 — Inédita

## 86

- 1 — CASAL DO CANAS
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave voltada a sul, junto da estrada de Alfragide para Carnaxide, na maior parte no Concelho da Amadora. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 046 968 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais líticos, não observados, de superfície. O local parece encontrar-se esgotado
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CORREIA (1917, p. 61); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 136)

## 87

- 1 — AO PÉ DA ESTRADA
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave, junto da linha de água, junto da antiga estrada da Ajuda a Queluz, em boa parte no Concelho de Amadora. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 053 965 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais líticos, não observados, de superfície. O local encontra-se destruído
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — FONTES (1912a, p. 140, 142; 1912c, p. 35; 1913, Fig. 12); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 135)

## 88

- 1 — QUINTA DE ALFRAGIDE DE BAIXO — OUTURELA 2
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta voltada a sul, dominando pequena linha de água. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 042 963 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais líticos de superfície; materiais cerâmicos e estruturas habitacionais
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense superior); Paleolítico médio; Paleolítico superior; pós-Paleolítico; I Idade do Ferro
- 7 — CARDOSO (1989a; 1990a, p. 119-134; 1990b, p. 17-18); CARDOSO *et al.* (1992, p. 149-150); CARDOSO & CARREIRA (1993, p. 193-206); CORREIA (1912, p. 71); FONTES (1912a, 139-143; 1912c, p. 36-37); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 136)

## 89

- 1 — QUINTA DE SALREGOS
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave voltada a sul, perto da linha de água. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 052 962 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais líticos de superfície, não evidenciados no decurso das prospeções realizadas para este trabalho
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 19); CORREIA (1917, p. 61); FONTES (1912a, p. 139, 142, 144; 1912c, p. 37); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 136)

## 90

- 1 — MAMA SUL
- 2 — Carnaxide
- 3 — Elevação isolada, com vértice geodésico na parte somital. Rochas do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 049 961 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais líticos de superfície, muito escassos, dado o substrato geológico aflorar em grande parte da elevação. Vestígios não observáveis no decurso das prospecções realizadas para este trabalho
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 136)

## 91

Fig. 33; Fig. 34

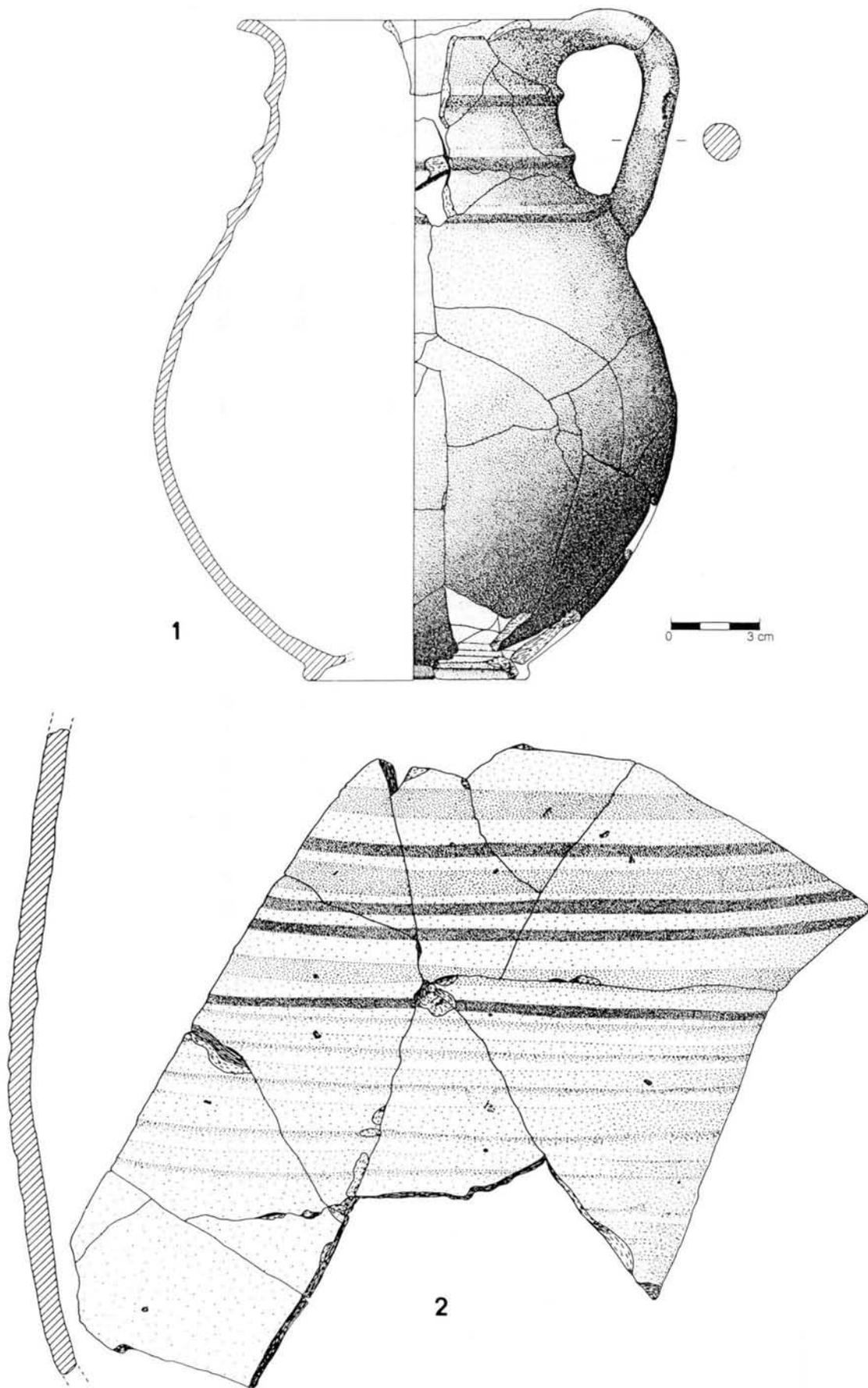
- 1 — OUTURELA 1
- 2 — Carnaxide
- 3 — Base da elevação da Mama Sul, voltada a sul. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 048 959 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais cerâmicos de superfície e em estratigrafia. Estruturas
- 6 — Ferro
- 7 — CARDOSO (1987b, p. 51-52; 1990a, p. 118-134; 1990b, p. 17-18); CARDOSO *et al.* (1986b, p. 51-52); CARDOSO & CARREIRA (1993, p. 193-206); N/A (1992, p. 6-7)

## 92

- 1 — PAIMÃO — SUL
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta voltada a Norte, dominando vale de afluente do rio Jamor. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 015 961 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, líticos e cerâmicos, muito dispersos. Área muito destruída
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — Inédita



Fig. 33 — *Outurela 1*: Muros rectilíneos de pedra seca, constituídos por blocos basálticos não aparelhados de carácter habitacional, identificados na 1.ª campanha, em 1985 (em cima) e na 2.ª campanha, em 1986 (em baixo). I Idade do Ferro. (inéditos, das escavações dirigidas por João Luís Cardoso).



**Fig. 34 — Outurela 1:** 1 — Jarro de cerâmica cinzenta fina, de toque metálico; 2 — Fragmento de grande vaso de cerâmica pintada de bandas policromas. I Idade do Ferro. (inéditos, das escavações dirigidas por João Luís Cardoso).

### 93

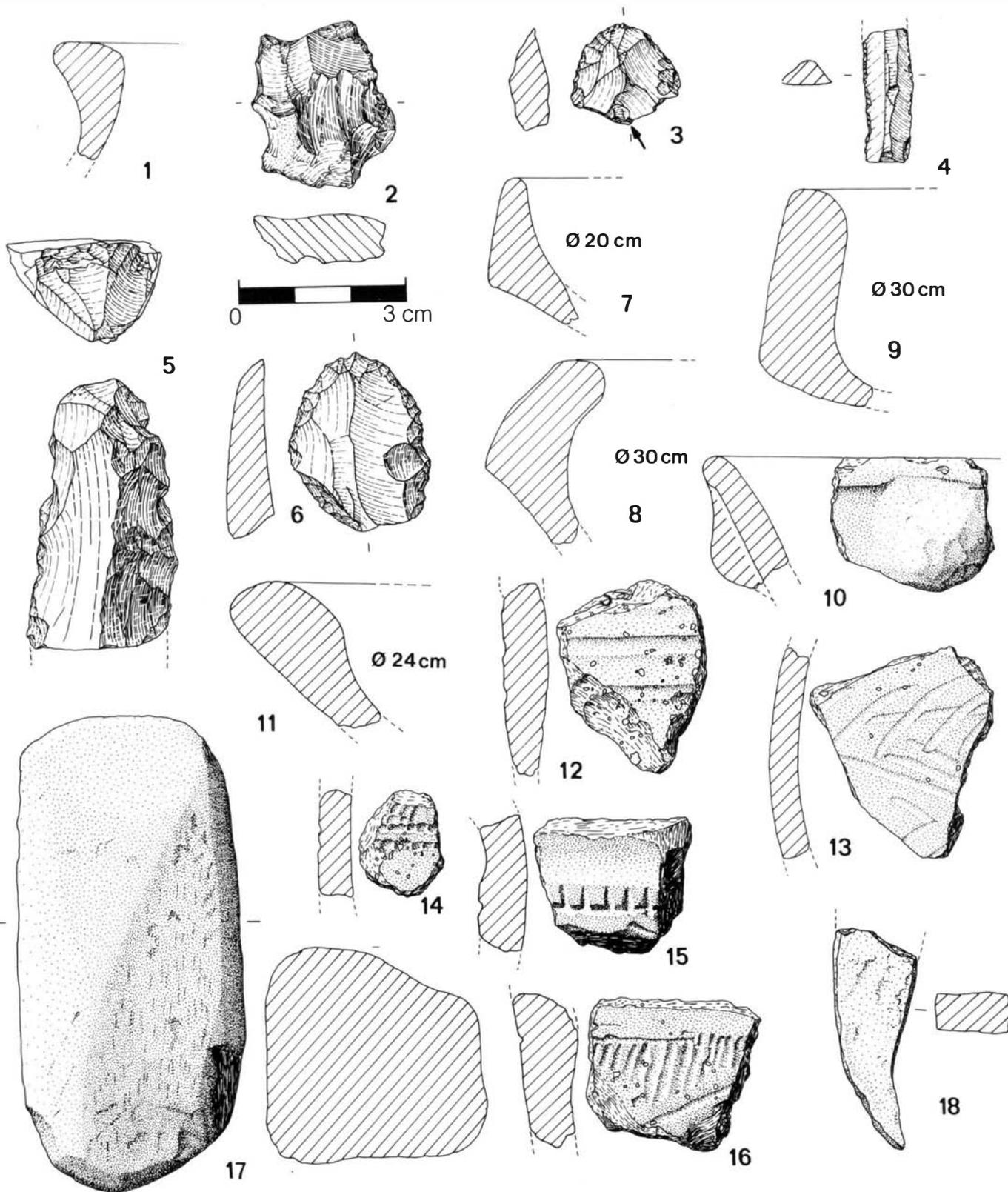
- 1 — CASAL DO LAMEIRO — NORTE
- 2 — Carnaxide
- 3 — Planalto suave, a nascente da estrada militar de Queijas-Queluz, no interflúvio entre os vales do rio Jamor e da ribeira de Barcarena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 016 958 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, muito escassos, líticos e cerâmicos. Área muito destruída
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico; Ferro
- 7 — Inédita

Fig. 35, n.ºs 1 e 2

### 94

- 1 — CARNAXIDE 1
- 2 — Carnaxide
- 3 — Plataforma de pendor suave para o vale do rio Jamor, ocupando o topo de encosta esquerda limitada por escarpa calcária, na base da qual existem sete pequenas grutas naturais, algumas com espólio arqueológico. Calcários duros do Cenomaniano superior. As características são idênticas às do povoado pré-histórico de Leceia, situado cerca de 2,5km a WNW, em linha recta. A maior parte da área de interesse arqueológico encontra-se sob um espesso aterro, colocado ali pelo proprietário, presumivelmente para impedir futuros trabalhos arqueológicos
- 4 — R 028 958 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Povoado pré-histórico. Estratigrafia. Estruturas. Uma das grutas ofereceu, também, restos humanos. No conjunto, o espólio indica diversas ocupações pré-históricas, correspondendo a uma presença humana importante, como em Leceia. A grande abundância de raspadeiras “en bout de lâme”, atribuíveis ao Neolítico final, sugere actividade específica, característica dos seus habitantes, escassamente documentada em Leceia
- 6 — Neolítico final. Calcolítico inicial e pleno da Estremadura; campaniforme (predomínio do Grupo Inciso). Medieval (dinheiro da I Dinastia) recolhido numa das grutas
- 7 — ANDRADE & GOMES (1959, p. 137-146); ANDRADE *et al.* (1965, p. 337); CARDOSO (1981a, p. XVII-XVIII; 1991b; 1992b; 1993b); FIGUEIREDO (in CRUZ, 1900, p. 59); GONÇALVES (1979, p. 152); MARQUES & ANDRADE (1974, p. 131, 132); N/A (1990d, p. 13); ROSEIRA (1953, p. 301); ZBYSZEWSKI *et al.* (1959, p. 114-120)

Fig. 35, n.ºs 3 a 18; Fig. 36



**Fig. 35** — *Casal do Lameiro - Norte*: 1 — Bordo extrovertido. Neolítico/Calcolítico. Cerâmica; 2 — Denticulado. Neolítico/Calcolítico. Sílex. *Carnaxide 1*: 3 — Raspadeira subcircular. Neolítico/Calcolítico. Sílex; 4 — Lâmina. Neolítico/Calcolítico. Sílex; 5 — Raspadeira espessa “en bout de lame”. Neolítico/Calcolítico. Sílex; 6 — Raspador duplo convergente. Neolítico/Calcolítico. Sílex; 7 a 9 — Taças carenadas. Cerâmica. Neolítico final; 10 — Taça com mamilo. Neolítico final. Cerâmica; 11 — Taça de bordo espessado interiormente. Calcolítico. Cerâmica; 12 e 13 — Fragmentos decorados. Calcolítico pleno (12) e inicial ou pleno (13). Cerâmica; 14 a 16 — Fragmentos campaniformes, com decoração linear-ponteadá (14) e iniciada (15, 16). Cerâmica; 17 — Machado de pedra polida reutilizado como percutor. Neolítico/Calcolítico. Rocha anfibolítica; 18 — Porção de artefacto de cobre; Calcolítico pleno (inéditos).

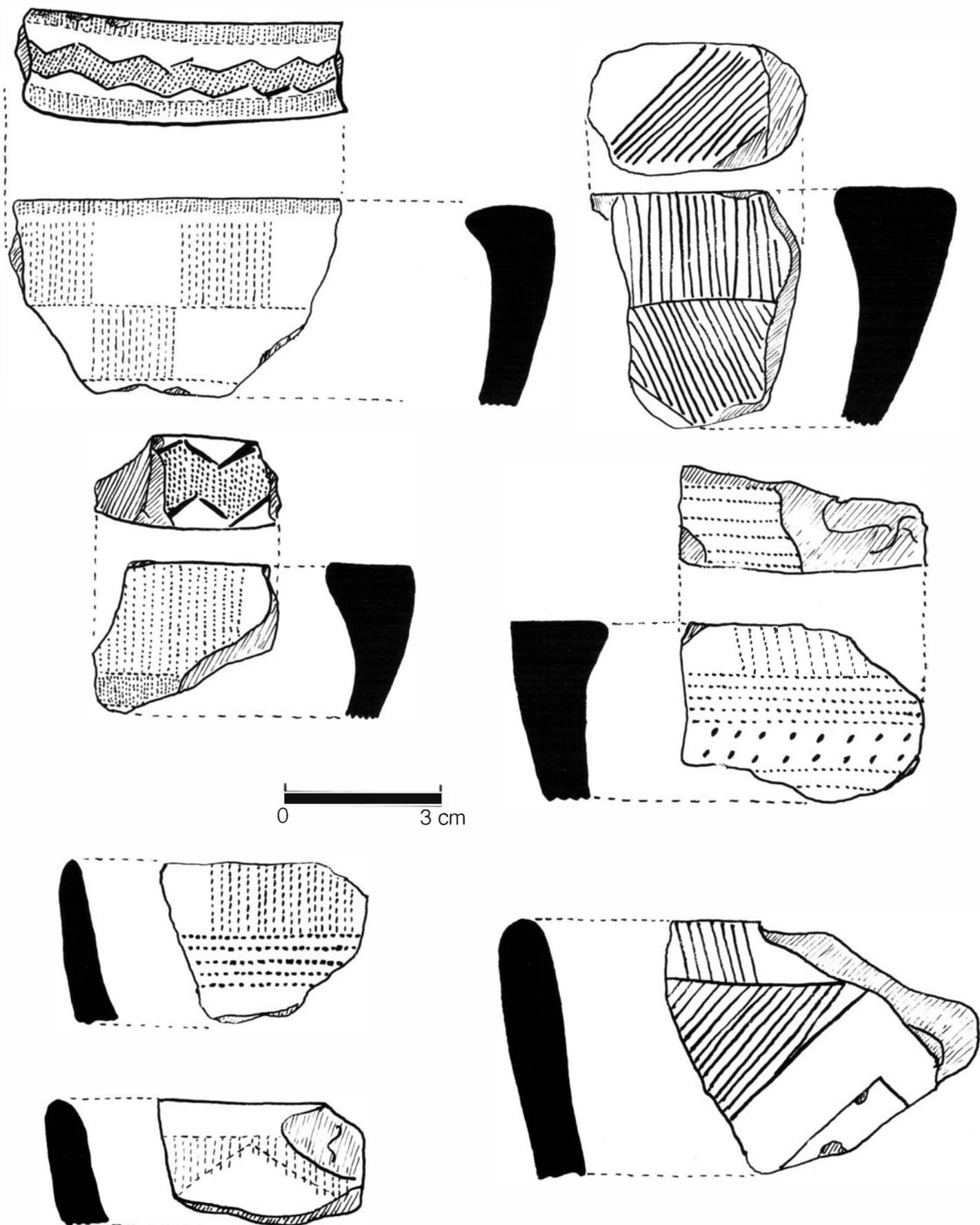


Fig. 36 — Carnaxide: fragmentos de bordos de taças campaniformes, com decoração obtida pela técnica linear-ponteadada e incisa. Calcolítico final (desenhos inéditos, gentilmente cedidos por João José Fernandes Gomes).

**95**

- 1 — MONTE DA BARRUNCHADA
- 2 — Carnaxide
- 3 — Pequeno cabeço, de topo arredondado, ocupado por clandestinos
- 4 — R 039 958 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970). Solos e rochas do Complexo Basáltico de Lisboa
- 5 — Materiais líticos de superfície, escassos e muito dispersos
- 6 — Paleolítico inferior/médio; campaniforme
- 7 — CORREIA (1912, p. 61); FRANÇA (1948, p. 292); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

**96**

- 1 — CARNAXIDE 2
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta fronteira a Carnaxide, a poente do cemitério. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 034 957 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25 000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos de superfície, muito escassos
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico
- 7 — Inédita

**97**

- 1 — CASAL DO LAMEIRO
- 2 — Carnaxide
- 3 — Planalto situado no interflúvio das bacias hidrográficas do rio Jamor e da ribeira de Barcarena. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 016 956 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos de superfície, muito escassos
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico/Calcolítico
- 7 — Inédita

**98**

- 1 — GRUTA DE CARNAXIDE
- 2 — Carnaxide
- 3 — Gruta natural utilizada como necrópole, junto à margem direita do rio Jamor, sob a igreja da Senhora da Rocha. Calcários duros do Cenomaniano superior
- 4 — R 030 955 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Restos osteológicos humanos e materiais pré-históricos (líticos e cerâmicos); segundo a tradição, terá sido achada em 1822 uma imagem de Nossa Senhora, facto na origem do actual Santuário e romaria
- 6 — Neolítico / Calcolítico; Contemporâneo
- 7 — CHAVES (1917, p. 71, 72); MENDANHA (1992, p. 16, 17); N/A (1822a,b; 1824; 1885; 1990a, p. 7-13); SOROMENHO (1972); VASCONCELOS (1895, p. 182-191; 1896, p. 241-243; 1897, p. 226; 1980a, p. 611-612; 1980b, p. 376)

**99**

- 1 — CARNAXIDE 3
- 2 — Carnaxide
- 3 — Cabeço dominando a encosta direita do rio Jamor, fronteiro a Carnaxide. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 026 954 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25 000, 1970)
- 5 — Materiais de superfície, líticos e cerâmicos, muito dispersos e atípicos
- 6 — Neolítico/Calcolítico
- 7 — Inédita

**100**

- 1 — QUEIJAS 1
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta direita do rio Jamor, na zona limítrofe meridional de Queijas. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 024 953 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos, muito escassos, recolhidos em entulhos, provenientes da abertura de fundações urbanas
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Bronze
- 7 — Inédita

### 101

- 1 — QUEIJAS 2
- 2 — Carnaxide
- 3 — Limite de zona planáltica, sobranceira ao complexo desportivo do vale do rio Jamor. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 023 952 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos de superfície, muito escassos, de sílex e de quartzito
- 6 — Paleolítico inferior/médio; Neolítico (?)
- 7 — Inédita

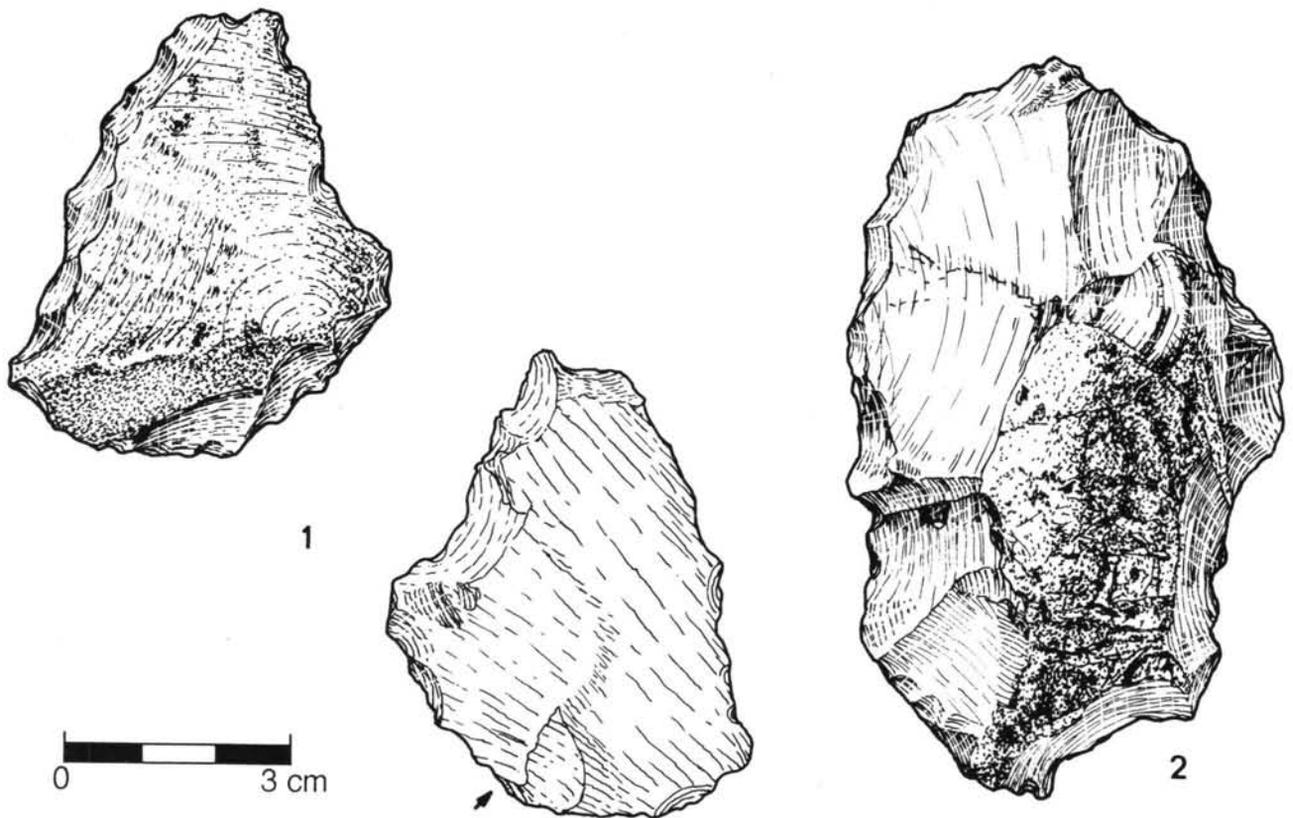
### 102

Fig. 37, n.ºs 1 a 3

- 1 — LINDA-A-PASTORA
- 2 — Carnaxide
- 3 — Encosta suave, adjacente ao alto sobranceiro à povoação de Linda-a-Pastora e voltada para a área urbana. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 022 948 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos de superfície, de sílex e de quartzito
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense antigo e médio), médio e superior(?); Epipaleolítico. No Museu Nacional de Arqueologia conserva-se uma bela colecção de materiais epipaleolíticos, recolhidos presumivelmente por Abílio Roseira
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 87-91); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137); ZBYSZIEWSKI & CARDOSO (1987, p. 111-152)

### 103

- 1 — ALTO DOS BARRINHOS
- 2 — Carnaxide
- 3 — Topo de pequeno cabeço, actualmente ocupado por clandestinos. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa
- 4 — R 044 952 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)
- 5 — Materiais de superfície, líticos e cerâmicos, recolhidos antes da proliferação das referidas construções clandestinas
- 6 — Paleolítico inferior (Acheulense superior) e médio; Paleolítico superior e pós-paleolítico; Calcolítico (campaniforme, predominando materiais do Grupo Inciso)
- 7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 73 e 87; 1993b); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 136)



**Fig. 37** — *Linda-a-Pastora*: 1 — Lasca com dupla pátime, retocada em raspador denticulado duplo convergente. Acheulense antigo e médio. Quartzito; 2 — Peça aparentada aos bifaces (“limandes”). Acheulense antigo a médio. Sílex. Em baixo: Vista da encosta da colina de Linda-a-Pastora, de onde vieram os materiais peleolíticos. Foto de G. ZBYSZEWSKI, de Novembro de 1941. À frente, H. Breuil; atrás, M. Vaultier (*in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 25, n.º 1, Est. 17, n.º 5 e Fot. 8).

### 104

1 — ENCOSTA SUL DE OUTURELA

2 — Carnaxide

3 — Encosta suave, voltada a nascente, na base da elevação da estação anterior, a sul da povoação de Outurela e na margem direita da ribeira de Algés. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — R 048 952 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)

5 — Materiais de sílex, muito escassos, de superfície

6 — Paleolítico inferior/médio

7 — Inédita

### 105

1 — LINDA-A-VELHA

2 — Carnaxide

3 — Zona urbana de Linda-a-Velha; topo de encosta suave da margem esquerda do rio Jamor. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

4 — R 035 948 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)

5 — Estação destruída, representada por materiais líticos, de superfície

6 — Paleolítico inferior (Acheulense médio a superior) e médio; Paleolítico superior (?); pós-Paleolítico; Neolítico ou Calcolítico (machado de pedra polida, sem indicação precisa de proveniência, conservado no Museu Nacional de Arqueologia

7 — CARDOSO *et al.* (1992, p. 91 e 103); CHOFFAT (1935); PAÇO (1940, p. 139; 1970, p. 137)

### 106

1 — CASAL DE BARRINHOS

2 — Carnaxide

3 — Parte inferior de encosta, de margem direita da ribeira de Algés. Solos do Complexo Basáltico de Lisboa

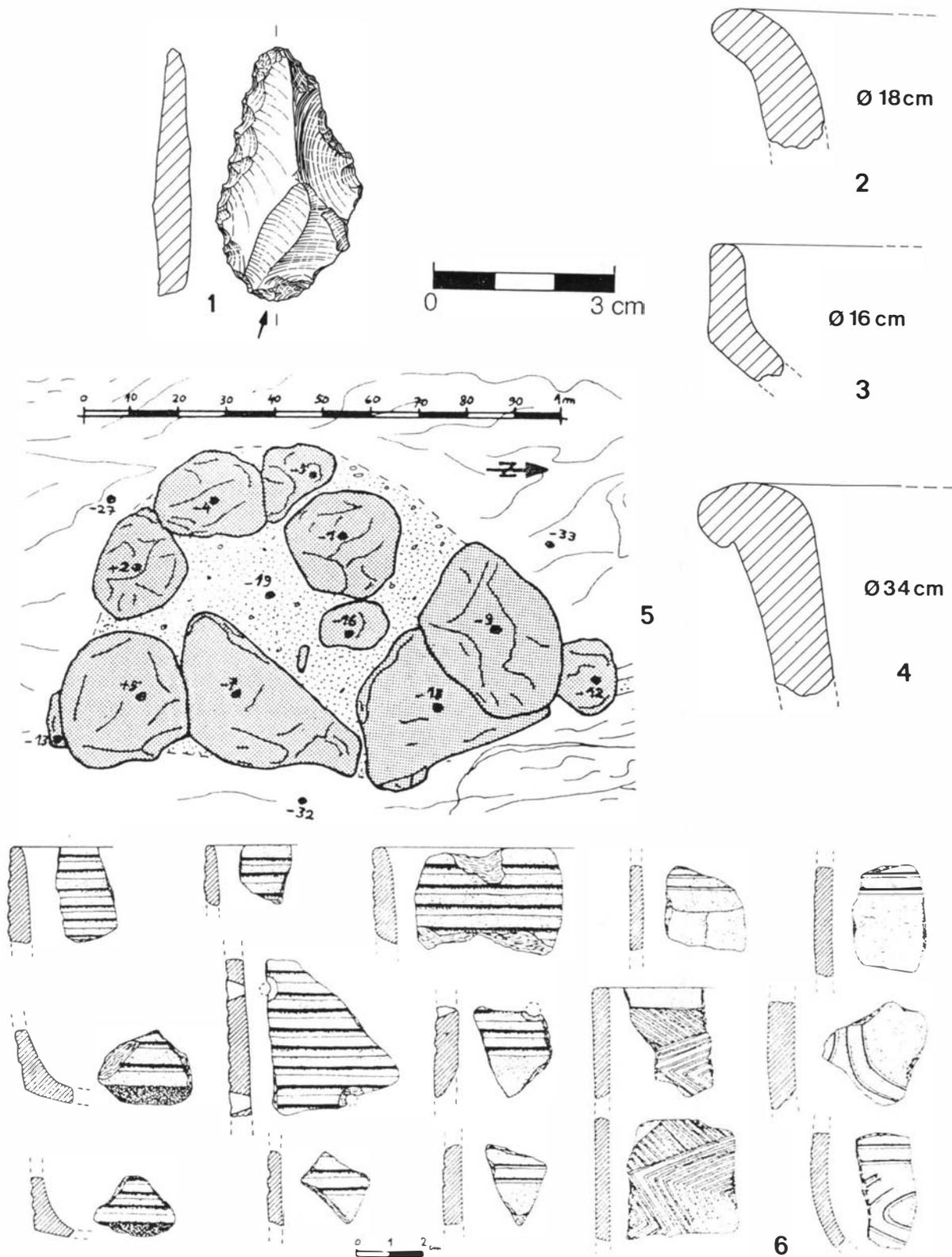
4 — R 041 949 (C.M.P., 431, Lisboa, esc. 1:25.000, 1971)

5 — Estação destruída, representada por materiais líticos e cerâmicos, de superfície, observados antes da construção do parque de autocarros da Carris

6 — Paleolítico inferior e médio; Calcolítico (campaniforme, predominando materiais do Grupo Inciso); Bronze. Prolongamento provável da estação n.º 100

7 — CARDOSO (1993); CARDOSO *et al.* (1985, p. 17)

Fig. 38, n.º 1



**Fig. 38** — *Linda-a-Velha*: 1 — Ponta. Mustierense. Sílex. *Alto de Santa Catarina*: 2 e 4 — Bordos de recipientes lisos, em aba (2), taça carenada (3) e espessado exteriormente (4). Clcolítico inicial. Cerâmica. 5 — Buraco de poste estruturado, de carácter habitacional. Calcolítico inicial; 6 — Conjunto de cerâmicas com decoração canelada, aplicada a “copos” e taças. Calcolítico inicial. Cerâmica (1, *in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 26, n.º 1; 5 e 6, *in* GONÇALVES & SERRÃO, 1978, Fig. 7 e 10; 2 a 4, inéditos).

### 107

- 1 — CRUZ QUEBRADA
- 2 — Carnaxide
- 3 — Margem esquerda do rio Jamor em talude de erosão do leito, junto do limite da povoação. Solos aluvionares modernos
- 4 — R 024 935 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais cerâmicos muito dispersos
- 6 — Calcolítico; Ferro
- 7 — Inédita

### 108

Fig. 38, n.ºs 2 a 6

- 1 — ALTO DE SANTA CATARINA
- 2 — Carnaxide
- 3 — Elevação isolada com boas condições naturais de defesa, escolhida para assentamento de pequeno povoado pré-histórico, dominando toda a área vestibular do estuário do Tejo. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos
- 4 — R 035 936 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos e cerâmicos, de superfície e recolhidos em estratigrafia. Vestígios de estruturas habitacionais (buraco de poste). Na cerâmica, avulta a característica decoração canelada, aplicada a “copos”
- 6 — Calcolítico inicial da Estremadura
- 7 — GONÇALVES (1979, p. 152-153; 1991, p. 224-226); GONÇALVES & SERRÃO (1978, p. 75-96)

### 109

- 1 — PRAIA DO DAFUNDO
- 2 — Carnaxide
- 3 — Praia actual da margem norte do estuário do Tejo, a montante da foz do rio Jamor
- 4 — R 031 930 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970)
- 5 — Materiais líticos, de calcário, basalto, sílex, quartzo e quartzito, recolhidos à superfície
- 6 — Paleolítico inferior/médio
- 7 — ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 249)

## BIBLIOGRAFIA \*

- ALARCÃO, J. de (1988) — *Roman Portugal*, 2 (2), p. 135. Aris & Philips. Warminster.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) — El Período Orientalizante en Extremadura. *In La Cultura Tartésica y Extremadura*, p. 85-125, Museo Nacional de Arte Romano. Mérida.
- ALMEIDA, F. Moitinho de (1981), coordenação de — *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 34-C (Cascais)*. Serviços Geológicos de Portugal.
- ALVES, C. A. Matos; RODRIGUES, B.; SERRALHEIRO, A. & FARIA, A.P. (1980) — O Complexo Basáltico de Lisboa. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 66, p. 111-134.
- AMARO, C. (1993) — Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais*, 4, p. 183-192.
- ANDRADE, G. M. & GOMES, J.J. Fernandes (1959) — Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 137-146.
- ANDRADE; G.M.; GOMES, J.J.F. & GOMES, C.A. (1965) — Novas investigações arqueológicas no castro de Carnaxide. *Ethnos*, 4, p. 337. Comunicação ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, não publicada.

- BARROS, L.; CARDOSO, J.L. & SABROSA, A. (1993) — Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz — Almada. *Estudos Orientais*, 4, p. 143-181.
- BORGES, Rodrigues (1988) — Castro de Leceia. Um caso ímpar na Arqueologia portuguesa. *Jornal Diário de Lisboa*, 16 de Agosto de 1988, p. 26-27.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 23, p. 1-369 (p. 211 e seg.).
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 26, p. 1-662 (p. 265).
- CARDOSO, G. (1977) — Mosaico romano de Oeiras. *Jornal da Costa do Sol*, 12 de Outubro de 1977.
- CARDOSO, G. (1978) — Gruta dos Mouros ou da Ponte da Lage. *Jornal da Costa do Sol*, 19 de Abril de 1978, p. 5.
- CARDOSO, G. (1980a) — Mais de 1 milhão de anos é a data mais provável para a presença do primeiro "Homo" nos Concelhos de Cascais, Oeiras e Sintra. *Jornal da Costa do Sol*, 20 de Fevereiro de 1980.
- CARDOSO, G. (1981) — Carta arqueológica do Concelho de Oeiras. *Jornal da Costa do Sol*, 11 de Novembro de 1981, p. XVII-XVIII.
- CARDOSO, G. (1984) — Oeiras. Arqueologia em Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 11 de Outubro de 1984, p. 12.
- CARDOSO, G. (1985) — Escavações no castro de Leceia revelaram importantes estruturas defensivas. *Jornal de Costa do Sol*, 26 de Setembro de 1985, p. 10.
- CARDOSO, G. (1985a) — Questões de Património. *Jornal da Costa do Sol*, 17 de Janeiro de 1985, p. 13.

- CARDOSO, G. (1986a) — Possuiria a população de Leceia, há quatro mil e quinhentos anos, altos conhecimentos para a época? *Jornal da Costa do Sol*, 11 de Setembro de 1986, p. 9.
- CARDOSO, G. (1988) — Castro de Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 27 de Outubro de 1988, p. 12.
- CARDOSO, G. (1991 a) — *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, J.L. (1979) — O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (3/4), p. 265-273.
- CARDOSO, J.L. (1980b) — O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée. 1.<sup>a</sup> Parte. *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J.L. (1981 b) — O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée. 2.<sup>a</sup> Parte. *Revista de Guimarães*, 90, p. 190-235.
- CARDOSO, J.L. (1982) — *O castro de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1986 b) — O povoado calcolítico de Oeiras. *Revista Municipal*, 14, p. 17-18.
- CARDOSO, J.L. (1986 c) — O povoado pré-histórico de Leceia. *A Voz de Paço de Arcos*, 70/71, p. 10-11.
- CARDOSO, J.L. (1987 a) — Povoado de Leceia. *Informação Arqueológica*, 8, p. 46-52.
- CARDOSO, J.L. (1987 b) — No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *In Arqueologia do Vale do Tejo*, p. 69-81. Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia.
- CARDOSO, J.L. (1989a) — A campanha de escavações de emergência realizada na estação da I Idade do Ferro de Outurela II. *Jornal da Costa do Sol*, 9 de Fevereiro de 1989.

- CARDOSO, J.L. (1989b) — Autarquia, arqueólogos e IPPC recuperam castro de Leceia. *Oeiras Municipal*, 24, p. 17-18.
- CARDOSO, J.L. (1989c) — *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1989d) — *O Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Desdobrável. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1989e) — Povoado pré-histórico fortificado de Leceia. Sexta Campanha de escavações. *Oeiras Municipal*, 23, p. 11-13.
- CARDOSO, J.L. (1990a) — A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J.L. (1990b) — A presença oriental na primeira Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Oeiras Municipal*, 27, p. 17-18.
- CARDOSO, J.L. (1991b) — *Relatório da I Campanha de escavações realizada no povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras) em Dezembro de 1990*. Relatório apresentado ao Instituto Português do Património Cultural (não publicado).
- CARDOSO, J.L. (1991c) — Notas e comentários à reedição da *Notícia da estação humana de Licêa* (Ribeiro, 1878). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 1, p. 141-184.
- CARDOSO, J.L. (1991d) — A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. Algumas considerações a propósito do exemplo de Leceia. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 139-143.
- CARDOSO, J.L. (1992a) — Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-madan*, II Série, 1, p. 23-26.
- CARDOSO, J.L. (1992b) — Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio. *Actas do I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras* (Oeiras, 1992). No prelo.

- CARDOSO, J.L. (1993a) — *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa)*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1993b) — *Arqueologia em Oeiras. O povoado pré-histórico de Leceia (Barcarena)*. Desdobrável. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1993c) — Novas investigações arqueológicas na gruta da Ponte da Lage. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5. No prelo.
- CARDOSO, J.L. & ANDRÉ, M.C. (1993) — O mosaico romano de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5. No prelo.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J.L. (1992) — A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar. *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1989), resumo publicado, p. 155-157.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J. Roque (1991) — Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique* (Lisboa, 1991), Résumés des Communications. Instituto Mediterrânico. Universidade Nova de Lisboa.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J. Roque (1993) — Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo*, 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J.L. & COSTA, J. Barros da (1992) — Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J.L. & PENALVA, C. (1979) — Vestígios da praia calabriana com indústrias da "Pebble Culture" no Alto de Leião — Paço de Arcos. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (2/3), p. 185-186.
- CARDOSO, J.C.; MACHADO, A. & GAIVOTO, C. (1985a) — Casal dos Barronhos. Período do Calcolítico. *Informação Arqueológica*, 5, p. 86-87.
- CARDOSO, J.L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) — Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.

- CARDOSO, J.L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/84) — O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanhas de escavação (1983 e 1984). *CLIO/Arqueologia, Revista da UNIARCH*, 1, p. 41-68.
- CARDOSO, J.L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1985b) — Povoado pré-histórico de Leceia — 1983. *Informação Arqueológica*, 5, p. 86-87.
- CARDOSO, J.L.; RODRIGUES, J.S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986a) — A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa — Revista Municipal*, 2.<sup>a</sup> Série, 15, p. 13-18.
- CARDOSO, J.L.; REGO, M. & MAGALHÃES, I. (1986b) — Jazida da Idade do Ferro da Outurela 2. *Informação Arqueológica*, 7, p. 51-58.
- CARDOSO, J.L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1986c) — Povoado pré-histórico de Leceia. *Informação Arqueológica*, 6, p. 55-56.
- CARDOSO, J.L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1986) — Povoado de Leceia — 3.<sup>a</sup> Campanha. *Informação Arqueológica*, 7, p. 52-53.
- CARDOSO, J.L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) — *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) — O Homem pré-histórico no Concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 1-85.
- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) — O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.
- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M. & NORTH, C.T. (1993a) — A estação paleolítica do Alto da Barra (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5. No prelo.
- CARDOSO, J.L.; CARREIRA, J.R. & NORTON, J. (1993b) — Cerâmicas campaniformes do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5. No prelo.
- CARTAILHAC, E. (1886) — *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne e du Portugal*. Ch. Reinwald. Paris (p. 68 e 69).

- CARVALHO, I. (1992) — Através da peneira. As resposta de Leceia. *Revista Sábado*, 13 a 19 de Março de 1992, p. 55-57.
- CATANHO, V. (1989) — Há cinco mil anos, o povoado. Leceia: um segredo bem guardado. *Oeiras Municipal*, 24, p. 19.
- CHAVES, L. (1917) — Sobrevivências neolíticas em Portugal. Vestígios líticos em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 4, p. 55-81 (p. 71-72).
- CHAVES, L. (1937) — Antiquitates. III — Mosaicos lusitano-romanos de Portugal. *Revista de Arqueologia*, 3, p. 56-60.
- CHOFFAT, P. (1935) — *Carta Geológica dos arredores de Lisboa na escala de 1/50 000. Folha de Cascais*. Serviços Geológicos de Portugal.
- CORDEIRO, L. (1932) — Cartas de Paço d'Arcos. *Revista de Arqueologia*, 1, p. 33-40.
- CORREIA, V. (1912) — O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 55-69.
- CORREIA, V. (1913 a) — Notas de Arqueologia. Lisboa pré-histórica, III. *A estação da Cerca dos Jerónimos*, p. 16-18.
- CORREIA, V. (1913 b) — Sepultura romana nos arredores de Oeiras. *O Arqueólogo Português*, 18, p. 93-95.
- CORREIA, V. (1917) — O Paleolítico português. Descobrimientos. *Terra Portuguesa*, 2.
- CRUZ, P. Belchior da (1900) — Sociedade Arqueológica Santos Rocha. *O Arqueólogo Português*, 6, p. 59-60.
- CUNHA, A. Santinho; AGUIAR, D. CARDOSO, J.L. (1991) — Restos humanos do povoado pré-histórico de Leceia. Estudos de Antropologia Física. *STOMA — Cadernos de Estomatologia, Cirurgia Maxilo-facial e Medicina Dentária*, 20, p. 7-14.
- DIÁRIO DA REPUBLICA (1986) — Portaria n.º 470/36 de 27 de Agosto. Perímetro de Protecção da Estação Eneolítica de Leceia, freguesia de Barcarena, Concelho de Oeiras, I Série, n.º 196, de 27 de Agosto de 1986, p. 2223.

- FERREIRA, F. Bandeira (1960) — Varia Epigraphica. VII — A inscrição do *Aquilifer Flavius Quadratus*. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Série III, 4, p. 111-117.
- FERREIRA, O. da Veiga (1962) — O Solutrense em Portugal. *Actas do 26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Porto, 1962), 7, p. 229-234 (p. 230).
- FERREIRA, O. da Veiga (1966) — La Culture du vase campaniforme du Portugal. *Mem. Serv. Geol. Port.* 12 (N.S.), 123 (p. 41-42).
- FERREIRA, O. da Veiga (1982) — Cavernas com interesse cultural encontradas em Portugal. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 68 (2), p. 285-298 (p. 293).
- FERREIRA, O. da Veiga (1984) — A “Pebble Culture ou Pebble Industry” em Portugal. Breve síntese da sua descoberta e estudo. *Lucerna*, 6, p. 17-24 (p. 19 nota, 22 e 23).
- FERREIRA, O. da Veiga & CARDOSO, J.L. (1975) — Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). *Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Série III, 81, p. 57-63.
- FERREIRA, O. da Veiga & FERREIRA, S. da Veiga (1962) — Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do 26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Porto, 1962), p. 221-228.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (1981) — Portugal Pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo. *Publicações Europa-América*. Mem-Martins (p. 83).
- FERREIRA, F. Bandeira; VICENTE, E. Prescott & AMARAL, J.A. (1965) — Estudos arqueológicos na área da Estrada Nova (Carnaxide, Concelho de Oeiras). *Ethnos*, 4: 337. Comunicação ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, não publicada. Pequeno resumo publicado no *Arqueólogo Português*, Série II, 2 (1953), p. 301.
- FIGUEIREDO, A. Mesquita de — Ver CRUZ, P. Belchior da.
- FIGUEIREDO, L. (1987) — Desvenda-se história do castro de Leceia. Aqui habitaram tribos muito anteriores aos Celtas. *Correio da Manhã*, 5 de Setembro de 1987, p. 1, 32-33.

- FONTES, J. (1912a) — Contribution a l'étude de la période paléolithique en Portugal. *7<sup>ème</sup> Congrès Préhistorique de France* (Nîmes, 1911), p. 137-145.
- FONTES, J. (1912b) — Trois coups-de-poing acheuléens du Portugal. *Bull. Soc. Préhist. Française*, Séance du 25 Juillet 1912 (separata de 3 p.).
- FONTES, J. (1912c) — Subsídios para o estudo do Paleolítico português. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 22-41.
- FONTES, J. (1913) — Note sur le Moustérien au Portugal. *8<sup>ème</sup> Congrès Préhistorique de France* (Angoulême, 1912), p. 342-350 (Fig. 12 e 35).
- FONTES, J. (1955) — Estação eneolítica de Liceia (Barcarena). *Revista de Guimarães*, 65 (3/4), p. 341-352.
- FRANÇA, J. Camarate (1948) — A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Montanto). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 12 (3/4), p. 291-298 (p. 292).
- GOMES, M. Varela (1992) — Proto-história do Sul de Portugal. *In Proto-história de Portugal*, p. 102-202. Universidade Aberta. Lisboa.
- GOMES, M. Varela & SILVA, C. Tavares da (1987) — *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, J.L. Marques (1979) — Os povoados neo e calcolíticos da Península de Lisboa. *Bol. Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 85, p. 137-162.
- GONÇALVES, J.L. Marques (1991) — O povoado do Alto do Dafundo (Linda-a-Velha, Oeiras): Corte A e datação para o Calcolítico inicial estremenho. *Arqueologia*, 26, p. 24-26.
- GONÇALVES, J.L. Marques & SERRÃO, E. Cunha (1978) — O povoado do Calcolítico inicial do Alto do Dafundo — Linda-a-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas de Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1, p. 75-96.

- HENRIQUES, G. (1992) — Segredos arqueológicos às portas de Lisboa. Arqueólogos recuperam “cidade” milenar. Leceia foi uma das primeiras na Europa. *Jornal A Capital*, 29 de Janeiro de 1992, p. 14.
- HÜBNER, E. (1872) — Notícias arqueológicas de Portugal. *Mem. Acad. Real Ciênc. de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> Classe, 4 (1), p. 1-110 (p. 17).
- HÜBNER, E. (1869 e 1892) — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 2 (e suplemento), inscrições n.º 266, 315, 5009, 5011 e 5016. Berlin.
- JALHAY, E. (1947) — A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*, 44 (1), p. 36-51 (p. 45).
- LOUREIRO, H. (1924) — Antiguidades de Oeiras. *Jornal Diário de Notícias*, 20 de Setembro de 1924.
- MACARA, L. (1986) — Pensamos ser possível abrir o castro de Leceia ao público, torná-lo visitável... — afirmou o Dr. João Luís Cardoso em entrevista concedida a Luís Macara. *Jornal da Costa do Sol*, 23 de Outubro de 1986, p. 5.
- MARQUES, T., (1992), coordenação de — *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel*. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Departamento de Arqueologia.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G.M. (1974) — Aspectos da Proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1, p. 125-148.
- MATOS, J.L. (1970) — Cemitério romano de Sol Aveso, Oeiras. *O Arqueólogo Português*, S. III, 3, p. 191-194.
- MENDANHA, V. (1992) — A história insólita da Senhora da Rocha. *Jornal Correio da Manhã*, 6 de Setembro de 1992, p. 16-17.
- MIRANDA, J. (1980) — Necessária defesa do património arqueológico de Oeiras. *Jornal da Costa do Sol*, 15 de Outubro de 1980.

- MIRANDA, J. (1991) — Mosaico romano de Oeiras já é do Município. *Jornal da Costa do Sol*, 29 de Agosto de 1991.
- N/A (s.d.) — Memorial histórico ou coleção de memórias sobre Oeiras. Vol. 2 (p. 10). Câmara Municipal de Oeiras (1982).
- N/A (1822 a) — *Memória de uma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira do Jamor, Freguesia de Carnaxide e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram*. Imprensa Nacional de Lisboa (atribuído a Fr. Cláudio da Conceição).
- N/A (1822 b) — *Descrição de um prodígio raro e descoberto em huma lapa*. Imprensa Nacional de Lisboa.
- N/A (1824) — *Narração da descoberta da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha... com a descrição do que se tem passado até 29 de Agosto de 1824 em que na cidade do Porto se colocou uma cópia da mesma milagrosa imagem, etc*. Porto.
- N/A (1885) — *História narrativa de uma lapa descoberta no dia 28 de maio de 1822 na ribeira do Jamor Freguesia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram até o dia de hoje*. Imprensa Nacional de Lisboa.
- N/A (1903) — Mosaico romano de Oeiras. *Jornal O Século*, 26 de Janeiro de 1903.
- N/A (1910) — Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 237.
- N/A (1962) — A memória de um lusitano que foi figura de destaque nas legiões romanas está em risco de perder-se. *Jornal Diário Ilustrado*, 18 de Julho de 1962.
- N/A (1963) — Salvou-se uma inscrição funerária latino-romana do século II da Era Cristã que estava em Caxias na iminência de perder-se. *Jornal Novidades*, 12 de Agosto de 1963.
- N/A (1964a) — “A Nossa Terra” primeiro jornal junto das descobertas feitas em Porto Salvo. *Jornal A Nossa Terra*, 16 de Junho de 1964.
- N/A (1964b) — Foram descobertos restos de sepulturas nas proximidades de Porto Salvo. *Jornal da Costa do Sol*, 20 de Junho de 1964.

- N/A (1975) — Arqueologia do Concelho de Oeiras. *Jornal da Costa do Sol*, 14 de Outubro de 1975, p. 3.
- N/A (1977a) — Foram encontrados vestígios de vida pré-histórica em Leceia. *Podium — Jornal regional dos Concelhos de Oeiras e Cascais*, 11 de Maio de 1977.
- N/A (1977b) — Mosaico romano descoberto em Oeiras. *Boletim Municipal*, Série II, 28, p. 15. Câmara Municipal de Oeiras.
- N/A (1977c) — Mosaico romano de Oeiras. *Jornal da Costa do Sol*, 12 de Outubro de 1977.
- N/A (1983a) — Leceia. Uma arena no castro neolítico. *Jornal da Costa do Sol*, 20 de Janeiro de 1983.
- N/A (1983b) — Escavações arqueológicas no castro pré-histórico de Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 18 de Agosto de 1983, p. 3.
- N/A (1984a) — Escavações arqueológicas em Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 2 de Agosto de 1984, p. 3
- N/A (1984b) — Escavações arqueológicas em Barcarena. Vestígios do Calcolítico descobertos em Leceia. *Jornal Diário de Notícias*, 2 de Setembro de 1984, p. 11.
- N/A (1985) — Na ribeira da Lage — Ponte de grande significado histórico merecia maior atenção. *Jornal da Costa do Sol*, 21 de Novembro de 1985.
- N/A (1986a) — Castro de Leceia. Um moinho a aproveitar. *Jornal da Costa do Sol*, 13 de Fevereiro de 1986, p. 14.
- N/A (1986b) — Prosseguem escavações no castro de Leceia. *Jornal Correio da Manhã*, 23 de Agosto de 1986.
- N/A (1986c) — Arqueólogos trabalham em Oeiras. Escavações no castro de Leceia revelam defesas com 5 mil anos. *Jornal A Capital*, 23 de Agosto de 1986, p. 36.
- N/A (1986d) — Castro pré-histórico descoberto em Oeiras. A sua origem data de há 5 mil anos. *Jornal O Diário*, 24 de Agosto de 1986.

- N/A (1986e) — Descoberto perto de Oeiras sistema defensivo com 5000 anos. *Jornal O Século*, 25 de Agosto de 1986.
- N/A (1986f) — No Concelho de Oeiras. Novas descobertas nas ruínas de Leceia. *Jornal Diário Popular*, 26 de Agosto de 1986.
- N/A (1986g) — Castro de Leceia — Barcarena. *Jornal da Costa do Sol*, 26 de Agosto de 1986, p. 1.
- N/A (1986h) — Castro de Leceia (Oeiras). Importante descoberta arqueológica. *Jornal O Dia*, 26 de Agosto de 1986.
- N/A (1987a) — Castro de Leceia (Oeiras). *Jornal da Costa do Sol*, 12 de Fevereiro de 1987, p. 3.
- N/A (1987b) — Oeiras há cinco mil anos. *Jornal da Costa do Sol*, 19 de Fevereiro de 1987, p. 1.
- N/A (1987c) — “Oeiras há 5000 anos” no Palácio do Egipto. *Jornal Correio da Manhã*, 24 de Fevereiro de 1987, p. 9.
- N/A (1987d) — Oeiras: há 5 mil anos era o cobre. *Jornal O Século*, 2 de Abril de 1987, p. 13.
- N/A (1987e) — Castro de Leceia. Escavações revelam algumas supressas. *Jornal O Dia*, 18 de Agosto de 1937.
- N/A (1987f) — Povoado de Leceia; “capital” da zona ribeirinha do Tejo. *O Século*, 18 de Agosto de 1987, p. 10.
- N/A (1988a) — Nova campanha de escavações arqueológicas. Castro pré-histórico de Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 25 de Agosto de 1988, p. 12.
- N/A (1988b) — Castro de Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 27 de Outubro de 1988, p. 12.
- N/A (1989) — Idade do Cobre: Arqueólogos portugueses exploram ruínas pré-históricas. *Jornal Voz de Portugal* (Rio de Janeiro), 20 de Janeiro de 1989, p. 8.

- N/A (1990 a) — *Breve historial da Senhora da Rocha*. Publicação da Real Irmandade de Nossa Senhora da Rocha, p. 7-13. Carnaxide.
- N/A (1990b) — Escavações no castro pré-histórico de Leceia. *Jornal da Costa do Sol*, 23 de Agosto de 1990.
- N/A (1990c) — O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). In *Oeiras na Feira dos Municípios* (FIL, Outubro de 1990), destacável anexo a *Oeiras Municipal*, 30, p. 10.
- N/A (1990d) — Povoado pré-histórico. *Jornal Notícia*, 15 de Novembro de 1990, p. 13.
- N/A (1991a) — Campanha de escavações em Leceia subsidiada em mil contos, *Boletim Municipal*, 22, p. 5. Câmara Municipal de Oeiras.
- N/A (1991b) — Leceia. 5000 anos de história. *Oeiras Municipal*, 34, p. 20-21.
- N/A (1992) — Arqueologia no Concelho de Oeiras. *Jornal Rota das Linhas*, 9 de Março de 1992, p. 6-7.
- N/A (1993) — O povoado pré-histórico fortificado de Leceia. *Boletim Municipal*, 36, p. 4-5. Câmara Municipal de Oeiras.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1884) — Note sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques*. C.-R. de la IX Session (Lisboa, 1880), p. 291-305 (Pl. IV).
- OLIVEIRA, A. & BRANDÃO, J.V. (1969) — Descoberta de restos de uma possível gruta artificial em Leceia. *O Arqueólogo Português*, Série III, 3, p. 287-290.
- OLLIVIER, J. (1946) — Le Paléolithique au Portugal. Un problème actuellement résolu. *Bull. Études Portugaises et de l'Inst. Français au Portugal*, 11, p. 67-78 (p. 71).
- OLLIVIER, J. (1948) — Les éléments de faucille néo-énéolithiques des environs de Lisbonne. *Ethnos*, 3, p. 107-111 (p. 110).

- PAÇO, A. do (1961) — Joaquim Fontes, arqueólogo. *Arqueologia e História*, S. VIII, 10, p. 13-39 (p. 32-33).
- PAÇO, A. do (1940) — Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Congresso do Mundo Português*, 1, p. 129-158.
- PAÇO, A. do (1970) — Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço* (1929-1968), 1, p. 121-143.
- PARREIRA, R. (1983) — O cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, S. III, 1, p. 149-168.
- PEREIRA, F. Alves (1912) — Antiguidade em Belver. *O Arqueólogo Português*, 17, 265-275 (p. 273).
- PEREIRA, F. Alves (1933) — Duas lápides suburbanas de Olisipo. *Arquivo Histórico de Portugal*, 1 (3), p. 106-107.
- PEREIRA, M. A. Horta (1970) — Monumentos históricos do Concelho de Mação. Câmara Municipal de Mação.
- PEREIRA, Moutinho (1986) — Que sábia gente nossa era essa de há cinco mil anos. Castro de Leceia aumenta mistério das origens. *Jornal Diário de Notícias*, 28 de Agosto de 1986, p. 10-11.
- PINTO, C. Vaz & PARREIRA, R. (1978) — Contribuição para o estudo do Bronze Final e Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977), 1, p. 145-163.
- RAPOSO, L. (1983) — Antiguidade e origem do Homem na Península Ibérica. *História*, 61, p. 49-61 (p. 53).
- RAPOSO, L. (1985) — Le Paléolithique inférieur archaïque au Portugal. Bilan des connaissances. *Bull. Soc. Préhist. Fr.*, 82 (6), p. 173-180 (p. 176-177).
- RAPOSO, L. & CARREIRA, J. R. (1986) — Acerca da existência de complexos industriais pré-acheulenses no território português. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 4, p. 7-90 (p. 31-32).

- RIBEIRO, C. (1878) — *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. 1 — Notícia da estação humana de Licêa*. Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa.
- RIBEIRO, Coutinho (1924) — Aspectos arqueológicos e quadros históricos. *Jornal Diário de Notícias*, 20 de Setembro de 1924.
- ROBALO, M. (1986) — A Pré-história aqui tão perto. *Jornal Expresso*, 23 de Agosto de 1986, p. 19 R.
- ROBALO, M. (1992) — O maior povoado pré-histórico à beira de Lisboa. *Jornal Expresso*, 15 de Fevereiro de 1992, p. 23.
- ROCHE, J. (1966) — Panorama du Paléolithique supérieur portugais. *Bull. Études Portugaises et de l'Inst. Français au Portugal*, N. S., 37, p. 29-45 (p. 40-41).
- RODRIGUES, J. (1984) — A (Pré) história no Quartel em Paço de Arcos. *Protão*, Série III, 1, 48.
- ROSEIRA, A. (1953) — Escavações em Liceia e no vale do Jamor. *O Arqueólogo Português*, S. II, 2, p. 301.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1981) — *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beiträge, Band 1, Teil 1, 2. Verlag Philipp von Zabern. Mainz.
- SILVA, J. Rodrigues da (1988) — Arqueólogos portugueses exploram ruínas pré-históricas. À descoberta da Idade do Cobre. *Jornal Diário de Notícias* (magazine), 4 de Dezembro de 1988, p. 22-27.
- SILVA, J. Rodrigues da (1993) — Concelho de Oeiras foi habitado pelo homem pré-histórico. Leceia é capital do Neolítico. *Jornal Diário de Notícias*, 25 de Março de 1993, p. 24.
- SILVA, C. Tavares da & CABRITA, M.G. (1966) — A utilização dos moluscos durante o eneolítico português. *Revista de Guimarães*, 76 (3/4), p. 307-338 (p. 315-317).
- SINTRA, R. (1991) — Castro de Leceia. A grandiosidade de um projecto extraordinário. *Jornal da Costa do Sol*, 29 de Agosto de 1991, p. 7.

- SOARES, A. Monge & CABRAL, J. M. Peixoto (1984) — Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e sua calibragem: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 2, p. 167-214.
- SOROMENHO, P. Caratão (1972) — Feições etnográficas do Santuário de Nossa Senhora de Carnaxide. *Jornal Novidades*, 15 de Dezembro de 1972.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895) — Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 182-191.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1896) — Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 241-243.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1897) — *Religiões da Lusitânia*, 1, p. 49-51 e 266. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1916) — Mosaicos romanos de Portugal. Mosaico de Oeiras. *O Arqueólogo Português*, 21, p. 142-145.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1917) — Arqueologia liceense. *O Arqueólogo Português*, 22, p. 203-206.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922) — Encabamento de instrumentos de pedra pré-históricos. *O Arqueólogo Português*, 25, p. 288-298 (p. 295-296, Fig. 46).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1958) — *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento. (Arqueologia e Etnografia — 1887-1889)*. Carta n.º 59, de 8/3/1895. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1980a) — *Etnografia Portuguesa*, 2, p. 611-612. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1980b) — *Etnografia Portuguesa*, 7, p. 376. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) — Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-115.

- VEIGA, S.P.M. Estácio da (1889) — *Antiguidades monumentais do Algarve*, 3, p. 128-129. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VEIGA, S.P.M. Estácio da (1891) — *Antiguidades monumentais do Algarve*, 4, p. 38, 149 e Est. III. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VIANA, A. (1987) — Febre arqueológica contagia Portugal. Escavações em terra e no mar põem passado à mostra. *Jornal A Capital*, 16 de Setembro de 1987.
- VIANA, A. (1990) — Com o apoio da Câmara de Oeiras. Escavações de Leceia avançam a bom ritmo. *Jornal Diário Popular*, 8 de Agosto de 1990, p. 10.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1987) — O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. In *Da Pré-história à História*. Vol. de Homenagem a O. da Veiga Ferreira, p. 111-152. Ed. Delta, Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1992) — Le paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora). *Mediterrâneo*, 1, p. 221-230.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957a) — A gruta pré-histórica da Ponte da Lage (Oeiras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 38(2), p. 389-402.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957b) — Nota sobre a gruta da Ponte da Laje (Oeiras) e a “tholos” do Monge (Sintra). *Actas do 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), 7, p. 189-191.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) — Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 41 (2), p. 114-120.
- ZBYSZEWSKI, G.; PENALVA, C. & CARDOSO, J.L. (1979) — Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da foz do Tejo. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 65, p. 239-251.
- ZILHÃO, J. (1987) — O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica. *Trabalhos de Arqueologia*, 4, p. 1-94 (p. 39).

---

(\*) Actualizou-se a ortografia das referências bibliográficas.



PRACETA DA REPÚBLICA • LOJA B • PÓVOA DE STO. ADRIÃO • 2675 ODIVELAS  
TELS. 938 71 80 / 938 71 90 / 938 73 17 / 938 74 53 • FAX 937 7560 • LISBOA • PORTUGAL  
Depósito Legal N.º 66329 / 93